

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

CARLA MELISSA BARBOSA

HISTÓRIAS DE VIDA E COSTURA: OS SABERES E SABORES DA MULHER
ARTÍFICE

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2015.

CARLA MELISSA BARBOSA

HISTÓRIAS DE VIDA E COSTURA: OS SABERES E SABORES DA MULHER
ARTÍFICE

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Clara Bueno Fischer

Porto Alegre, julho de 2015.

Carla Melissa Barbosa

HISTÓRIAS DE VIDA E COSTURA: Os saberes e sabores da mulher artífice.

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
Linha de Pesquisa: Trabalho, Movimentos Sociais e Educação.

Aprovada em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª. Maria Clara Bueno Fischer – Orientadora

Profª Drª. Ana Claudia Ferreira Godinho - UEMG

Profª Drª. Edla Eggert – UNISINOS

Profª Drª. Márcia Alves da Silva - UFPEL

Profª Drª. Naira Lisboa Franzoi - UFRGS

CIP - Catalogação na Publicação

Barbosa, Carla Melissa

Histórias de vida e costura: os saberes e sabores da mulher artífice / Carla Melissa Barbosa. -- 2015. 172 f.

Orientadora: Maria Clara Bueno Fischer.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2015.

1. História de vida. 2. Saberes do trabalho. 3. Costureiras. 4. Invisibilidade. 5. Artífice. I. Bueno Fischer, Maria Clara, orient. II. Título.

Dedico este trabalho a todas as mulheres trabalhadoras que, desde muito cedo, tiveram que dar conta de reinventar suas existências, tendo que se distanciar dos espaços formais de educação e, conseqüentemente, de formas de trabalho menos precárias, mas que, ao mesmo tempo, imprimem em seu trabalho a criatividade e o belo da vida.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas que fizeram parte da minha história de vida merecem agradecimentos. De igual forma, ao final deste percurso, quero agradecer a algumas pessoas/instituições indispensáveis durante esta caminhada tão árdua.

Começo pelas instituições que viabilizaram este trabalho: à Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Educação), pelo ensino de qualidade; à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), pela bolsa de estudos concedida. Quando a maioria da população fica de fora deste espaço de educação formal, receber incentivo é um privilégio.

Às manas Aline e Stephanie, por fazerem parte da minha vida. Quero que vocês estudem! Josué e Lauren, sobrinhos amados, obrigada por sorrirem e me fazerem feliz em momentos tão tensos.

À minha mãe, Odete, chefe de família que, ao seu modo, sozinha e trabalhando muito, insistiu que eu permanecesse na escola e tivesse outras possibilidades de vida e trabalho.

A duas pessoas importantes na minha criação: minha avó Dorilda (in memoriam) que nunca teve acesso à escola, mas com quem aprendi a ter uma escuta mais qualificada, ouvindo as inúmeras narrativas sobre sua história de vida carregada de violência doméstica; dona Zélia (in memoriam) que me acolheu em sua casa e me cuidou nos dois primeiros anos em que fui à escola, enquanto a mãe trabalhava em outra cidade; que fazia minhas roupas, cuidava da casa, dos filhos e de mim.

Aos diversos Professores que fizeram parte da minha história de vida e permitiram vislumbrar outros horizontes e deslumbrar novas possibilidades de pensar e ser no mundo.

Aos meus eternos alunos do ensino médio, pelas experiências diversas, trocas e aprendizados. Sempre me inquietando, desacomodando, alimentando e surpreendendo. Que me receberam de maneira muito afetuosa e acolhedora no início deste ano e lamentaram comigo, a decisão tardia, mas necessária, de seguir apenas no mestrado.

A Daiana Cargnin pela acolhida no grupo e pelos primeiros passos na pesquisa.

A Carolina Casaroli e a Gabriel Camargo pela interlocução profissional, mas sempre humanizadora.

Aos queridos e grandes colegas do PPG-EDU, pelas conversas, pelo apoio, pela escuta qualificada, pela solidariedade: Bianka Biazuz, Anália Barros, Maristela Losekann, Kátia Saraiva, Clívio Terceiro, Cristina Fenalti e Ivan Corrêa e Juliana dos Santos que me disse para escrever com o coração. Vocês são demais! Em especial a Anália e a Bianka que, ao longo dessa caminhada, se tornaram amigas muito presentes. Obrigada pelos abraços, pelo carinho, pela força, pela crença, pelo afeto. Anália sempre muito sensata, demonstrando através de suas reflexões e diálogos entre seus saberes científicos e de "experiência feito" que os fenômenos não são dicotômicos e que o mundo não se resume em bom e mau. Bianka! Teu coração é imenso! Te admiro muito!

Aos amigos das Sociais Ângela Ceccon, Iara Müller, Ezequiel de Souza e Rogério Garay. Ângela, amiga de longa data que tem me apoiado e sido um ombro amigo, desde a graduação, sempre me confortando.

Às minhas amigas, felicidade do magistério, historiadoras e professoras maravilhosas, Gabriela Correa e Miriam Pretto, que estiveram bem presentes, nos momentos difíceis e prazerosos da escola pública. Obrigada por acolherem minhas chorumelas. A Gabi que reconhece meus defeitos, bem como minhas qualidades, e que me mostrou que as relações podem sim ser humanizadas e que nem todo mundo vai embora.

Às professoras Márcia, Edla e Ana que se disponibilizaram a estar nesta banca e com as quais tenho aprendido muito através de seus trabalhos. A Ana pela escuta e interlocução solidária.

À querida professora Naira Franzoi, com quem tive uma única aula, em cinco anos de graduação, que até hoje me faz refletir. Reencontro mais que feliz na pós-graduação.

Especialmente, a Clara (Profa. Dra. Maria Clara) que encontrei em um momento difícil, de transição de carreira, de identidade profissional fragmentada, de encontro com a docência, em uma disciplina de seminário denominada "Educação, Trabalho e Profissão" ministrada por ela. Desde então, é com quem tenho aprendido muito, através da sua forma de ser/estar no mundo, estabelecendo diálogos horizontais com quaisquer que sejam seus interlocutores, respeitando e valorizando os saberes e as contribuições de cada um. Com uma prática de educação humanizadora, sempre atenta às singularidades e à produção de conhecimento pelo trabalhador. Obrigada por me acolher, por me orientar, por me aceitar, por respeitar as minhas limitações e acreditar que tenho algo a contribuir. Por insistir que eu reconheça e valorize que carrego saberes e valores diversos. Pela orientação dedicada, solidária e pelas suas ideias enriquecedoras que me iluminam nos momentos de dúvida, insegurança e inquietude.

Às trabalhadoras costureiras, Beatriz, Ivone, Regina, Nice e Vera que caminham comigo, recheando meu imaginário, há tempos e cuja história de vida e costura e os saberes da experiência merecem reconhecimento e valorização. Vocês têm o meu respeito e a minha admiração! Obrigada por tornarem este trabalho possível.

Por último e mais importante agradeço ao meu amado Darlei que tem sido solidário com as minhas escolhas. Querido, sensato e amigo. Retomo aqui o que escrevi na especialização "grande companheiro de longa data, presente nos momentos difíceis, nas angústias, nas dores, e também nas experiências muito

boas e conquistas que a vida tem nos oferecido. Pessoa que amo e admiro como ser humano e como esposo, por sua generosidade, sua inteligência e por sua forma serena de reagir frente às situações adversas da vida. Possuidor de grande sensibilidade foi o primeiro a reconhecer e aceitar o que me traz felicidade, me apoiando no caminho da educação e da docência". Obrigada por me fazer uma pessoa melhor. Te Amo!

Se não houver frutos, valeu a beleza das flores;
Se não houver flores, valeu a sombra das folhas;
Se não houver folhas, valeu a intenção da semente.

Henfil

RESUMO

Esta pesquisa investigou histórias de vida e trabalho de costureiras autônomas das classes populares. O objetivo foi conhecer e analisar suas histórias de vida e trajetórias profissionais, em particular seus saberes do trabalho, na perspectiva de saber como se tornaram costureiras. Participaram da pesquisa quatro costureiras moradoras do município de Esteio, RS, com mais de 60 anos de idade, que trabalham há mais de quarenta anos com costura, confeccionando peças por encomenda, de forma autônoma e no espaço doméstico. Para tal, foi realizado um percurso metodológico inspirado nas histórias de vida e biografias formadoras, entrevista narrativa e entrevista reflexiva. Serviram de base, para este estudo os referenciais da ergologia sobre o debate de normas, os usos de si e os saberes Schwartz (2000, 2003), o conceito de artífice, Sennet (2013) e, sobre trajetórias profissionais, Franzoi (2006). Foram realizadas entrevistas narrativas com cada uma das costureiras. O estudo mostrou trajetórias profissionais marcadas por questões de classe e de gênero, pelo distanciamento da educação formal e do espaço industrial de produção e suas formas. A formação e o processo de se tornar uma profissional da costura - uma costureira - se deu através do aprendizado com outras mulheres e diretamente na atividade de trabalho. A curiosidade, a necessidade de subsistência e o reconhecimento do trabalho, pela outra pessoa e por si mesma, foram fundamentais no seu processo de profissionalização. A costura como autônoma, realizada no espaço doméstico, foi responsável por grande parte, senão toda, do orçamento familiar. As entrevistas demonstraram uma invisibilidade dos saberes do trabalho para as próprias trabalhadoras que, ao longo da sua vida de trabalho, convocaram e renormalizaram seus conhecimentos de forma inconsciente. Saberes tão complexos transmitidos pelas mulheres, aprendidos, produzidos e mobilizados na atividade de trabalho são naturalizados e pouco valorizados de forma explícita por elas. Percebeu-se uma relação muito íntima e indissociável entre a execução e a concepção na atividade de trabalho e muitas aproximações com o trabalho artesanal e com a ideia de artífice: *“fazer é pensar”*. A criatividade, as renormalizações, certa autonomia sobre o trabalho, estão muito presentes na atividade dessas costureiras autônomas, além de se verificar uma diversidade e quantidade de saberes que estão além daqueles que formalmente (CBO) identificam uma costureira. São histórias de vida duras e de muito trabalho. Dar voz a essas histórias de vida e trabalho, socializar estas experiências, significa visibilizar saberes do trabalho, a história de aprender o ofício da costura e outros saberes que fazem parte da vida de muitas mulheres no espaço privado. São saberes e potências que podem e devem ser compartilhados e visibilizados visando ampliar autorreconhecimento, emancipação e empoderamento das mulheres.

Palavras-chave: história de vida; saberes do trabalho; costureiras; invisibilidade.

Abstract

This study investigated story of life and work of independent seamstresses from popular classes. The objective was to understand and analyze their life stories and professional careers, particularly their work knowledge, trying to know how they become seamstresses. The participants were four seamstresses residents of Esteio, RS, with an average age of 62 years, acting as seamstresses for over forty years, working independently and from home. To achieve it, a methodological approach inspired by the stories of life and forming biographies, narrative interview and reflective interview was conducted. The basis for this study are the ergology's references about the rules debate, uses of self and knowledge from Schwartz (2000, 2003), the concept of craftsman, Sennet (2013) and professional careers, Franzoi (2006). Narrative interviews were conducted with each of the seamstresses. The study found professional careers marked by class and gender issues and the distance from the formal education and from industrial production space. The formation and the process of becoming a sewing professional - a seamstress - was through learning from other women and directly in the work activity. Curiosity, the need for livelihoods and recognition of the work by others and for their self, were instrumental in their professionalization process. The sewing as an independent, held in the home, was responsible for much, if not all, of the family budget. Interviews demonstrated the invisibility of knowledge of work for the own workers who, throughout their working life, used and renormalized their knowledge unconsciously. So complex knowledge transmitted by women, learned, produced and mobilized in work activity are naturalized and undervalued. It was realized a very intimate and inseparable link between the implementation and design in the work activities and many approaches with craftsman and with the idea of architect: "make is think". Creativity, the renormalizations, certain autonomy on the job, are very present in the activity of these independent seamstresses, in addition to assessing a variety and quantity of knowledge that are beyond those formally (CBO) identify a seamstress. Are stories of hard living and a lot of work. Give voice to the stories of life and work, socialize these experiences means making visible that work knowledge, the history of learning the craft of sewing and other knowledge that are part of life for many women in the private space. Are knowledge and powers that can and should be shared aimed to increase the self-recognition, emancipation and empowerment of women.

Key-words: life stories; work knowledge; seamstresses; invisibility.

LISTA DE SIGLAS

CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
EES	Empreendimento Econômico Solidário
EJA	Educação de Jovens e Adultos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRGA	Instituto Rio Grandense do Arroz
MTE	Ministério do Trabalho e Emprego
NAE	Núcleo de Apoio ao Estudante
ONG	Organização não governamental
PEC	Projeto de Educação Continuada
PPGEDU	Programa de Pós-Graduação em Educação
SESI	Serviço Social da Indústria
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UNIVENS	Cooperativa de Costureiras Unidas Venceremos

LISTA DE FIGURAS

Imagem 1 - Pesquisadora em campo.....	19
Imagem 2 – Cadernos de Entrevista	37
Imagem 3 - Quadro dados gerais das costureiras.....	42
Imagem 4 - Meios de Produção da Orquídea.....	43
Imagem 5 – Minhas marcas no mundo	45
Imagem 6 - Formatura e Atlas Histórico Escolar	50
Imagem 7 - Boletins Escolares.....	52
Imagem 8 - Trabalhos Mulheres da Paz	57
Imagem 9 - Das Artes e gostos da Orquídea	60
Imagem 10 - Entre o Averso e o Direito.....	62
Imagem 11 - Primeira tesoura	63
Imagem 12 - Orquídea no seu antigo espaço de trabalho	65
Imagem 13 - “Meus santinhos”	65
Imagem 14 - Delicadeza da feitura.....	68
Imagem 15 - Detalhe do vestido de 15 anos da filha	69
Imagem 16 - De tudo que Tulipa gostava e gosta.....	73
Imagem 17 - Símbolo religioso na parede de Tulipa	74
Imagem 18 - Peças, confeccionadas por Tulipa.....	75
Imagem 19 - Ferramentas de trabalho de Tulipa	78
Imagem 20 – Um pouquinho de tudo que Rosa ama	81
Imagem 21 - Imagens religiosas na sala de costura	84
Imagem 22 – Rosa e seu espaço de trabalho	86
Imagem 23 – Acabamento perfeito	87
Imagem 24 – Agora é para mim	88
Imagem 25 – Das feituuras de Açucena	91
Imagem 26 – Ferramentas de trabalho	93
Imagem 27 – Espaço de trabalho	95
Imagem 28 – Outras feituuras	96
Imagem 29 - Cantinhos de Trabalho das Costureiras	103

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
1.1 Objetivo geral e específicos	23
1.2 Os pacotes - A estrutura do trabalho	24
2 PERCURSO METODOLÓGICO	26
2.1 O diálogo como pressuposto de emancipação humana	26
2.2 As opções teórico-metodológicas	29
2.3 Aspectos considerados na entrevista	31
2.4 Alinhavando a caminhada com as costureiras	35
3 AS COSTUREIRAS E EU	39
3.1 Melissa: “Eu sempre sonhava ser professora, MAS...”	46
3.2 Orquídea: “Eu queria mesmo era ter estudado”	61
3.3 Tulipa: “A gente tinha aquele sonho de ter a casa própria”	74
3.4 Rosa: “E eu amei aquilo. Era o que eu mais queria na vida”	82
3.5 Açucena: “Eu trabalhei muito e ele não deu valor”	92
4. “TINHA QUE TRABALHAR MESMO”: “ERA UMA NECESSIDADE”	98
4.1 Profissão? “Costureira”	104
4.2 E assim me tornei costureira	109
5 “CORTAR? EU JÁ SABIA!”	118
6 DOS SABORES	126
7 É hora de finalizar!?	136
REFERÊNCIAS	140
ANEXOS	146
Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE)	146
Anexo 2 – Lista de Saberes Gerada pela CBO	148
Anexo 2 – Características da família Ocupacional, obtidas na CBO	151
Anexo 4 - Categorização das entrevistas	155

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho procurou investigar, através das narrativas, as histórias de vida e trabalho de costureiras autônomas das classes populares com o objetivo de compreender como se deu o processo de se tornarem costureiras e também identificar saberes do trabalho, produzidos e mobilizados na atividade de trabalho. Problematisa a experiência de trabalho e o processo de produção de saberes que ocorre na atividade laboral como essenciais nesta formação profissional.

A aproximação com o objeto de estudo, bem como minha inserção em projeto de pesquisa, ocorreu em 2012, na pesquisa “Pedagogias no e do trabalho associado: usos de si e circulação de valores e saberes de adultos trabalhadores”¹ na qual fui bolsista PROBIC/FAPERGS² no período de maio a novembro de 2012. Este período possibilitou uma aproximação e uma apropriação dos referenciais teóricos da pesquisa, como a perspectiva ergológica (Schwartz e Durrive, 2010) e de marcas formadoras nas biografias dos sujeitos (Josso, 2004). A apresentação de trabalhos, em eventos de iniciação científica, proporcionou um verdadeiro “Encontro sobre o Trabalho”³, pois foi possível visibilizar, através da interação com os avaliadores, o caminho percorrido como bolsista, perceber a apropriação dos conceitos dialogando com as experiências e os meus interesses teóricos e práticos pela área de estudo.

Paralelamente, e devido ao trabalho como bolsista e ao interesse decorrente da pesquisa, ao referencial teórico pertinente, tive a oportunidade de cursar uma

¹ Este projeto de pesquisa (2010-2013), financiado pelo CNPq, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Clara Bueno Fischer, buscou investigar a produção e circulação de saberes e valores na atividade de trabalho de adultos trabalhadores, em um contexto de trabalho associado. Dos pressupostos teóricos, destacam-se a ergologia (Schwartz e Durrive, 2010), a experiência como formadora e a pesquisa-formação. O objeto de estudo desta pesquisa foi a cooperativa de costureiras UNIVENS. Atualmente, está sendo finalizada uma coletânea que apresentará os resultados desta pesquisa. Problematizações oriundas deste estudo deram origem ao projeto de pesquisa “Formação de adultos para e no trabalho associado: atividade de trabalho, profissão e biografias”.

² Apesar de já ser formada no curso de Ciências Sociais- Licenciatura, este foi o primeiro contato que tive com a pesquisa acadêmica. Havia solicitado permanência na UFRGS para cursar a ênfase no Bacharelado e paralelamente cursava uma especialização no ensino de História e Geografia. (Faced/UFRGS)

³ Sobre “Encontros sobre o trabalho” ver DURRIVE, L. O formador ergológico ou “ergoformador”: uma introdução à ergoformação. In: SCHWARTZ, YVES; DURRIVE, Louis. (Org.) Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed.UFF, p.295-307, 2010.

disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS, como aluna PEC da disciplina “Atividade, Saberes e Valores do Trabalho”⁴. Como aluna desta disciplina, desenvolvi um interesse maior pelo campo de estudo e pela linha de pesquisa “Trabalho, Movimentos Sociais e Educação”, especificamente com relação à ergologia. Esta disciplina me despertou interesse e me propiciou vislumbrar um horizonte de continuidade na área acadêmica. Após a saída da iniciação científica, continuei como voluntária no projeto de pesquisa “Formação de adultos para e no trabalho associado: atividade de trabalho, profissão e biografias” até o início de 2013, quando iniciei meus trabalhos como bolsista de apoio técnico CNPq. Diante deste engajamento e participação na pesquisa, surgiu o interesse de cursar o Mestrado em Educação, no mesmo grupo, na linha de pesquisa “Trabalho, Movimentos Sociais e Educação” na UFRGS. Ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação, através de um processo seletivo, no segundo semestre de 2013. O interesse acadêmico foi o de dar continuidade aos trabalhos na pesquisa que já estava inserida, na perspectiva de estudar as marcas formadoras, em especial àquelas relacionadas à questão de gênero, neste caso o feminino, pertinente, mas pouco abordada na pesquisa anterior.

Neste sentido, em um primeiro momento, a investigação estaria vinculada ao projeto de pesquisa “Formação de adultos para e no trabalho associado: atividade de trabalho, profissão e biografias”⁵ situada na intersecção dos campos Educação de Jovens e Adultos e Trabalho e Educação. Projeto embasado por teorias sobre a atividade de trabalho, a constituição dos ofícios e das profissões, trajetórias profissionais, biografias formadoras, trabalho associado e pesquisa-formação⁶. Neste caso específico, os sujeitos da pesquisa seriam as costureiras da cooperativa

⁴ Disciplina EDP53744: SA: Atividade de trabalho, saberes e valores. Ministrada pela professora Maria Clara Bueno Fischer no segundo semestre de 2012. Os créditos referentes a esta disciplina, foram validados posteriormente, após o ingresso no mestrado.

⁵ Pesquisa realizada no PPG Edu, na Linha de Pesquisa Trabalho, Movimentos Sociais e Educação, coordenada pela professora Maria Clara Bueno Fischer. É uma das pesquisas em desenvolvimento do Grupo de Pesquisa do CNPq, Trabalho, Conhecimento e Educação.

⁶ Conforme projeto de pesquisa apresentado por Maria Clara Bueno Fischer e aprovado pelo CNPq (2013).

do setor do vestuário denominada UNIVENS⁷ e a questão norteadora seria investigar as marcas formadoras na trajetória destas trabalhadoras, especificamente relacionadas às desigualdades de gênero.

Esta tentativa não teve muito sucesso no momento da escrita, por diversos motivos. Um deles foi o fato de não conseguir distanciar-me das questões norteadoras da pesquisa maior e da pesquisa anterior. Por estar muito inserida no campo empírico, não consegui criar e manter um foco mais específico diante de tantas questões pertinentes que o campo apresentava como gênero, classe, trabalho associado, autogestão, longevidade da cooperativa. Somou-se a isso, um distanciamento das teorias que discutem as questões do mundo feminino. Também foi difícil buscar conciliar a carga de trabalho da escola pública com a apropriação das teorias e a pesquisa de campo a ser realizada. Estes foram alguns dos, não únicos, percalços que, durante um longo período, influenciaram na mudança de rumo.

Imagem 1 - Pesquisadora em campo



Em trabalho de campo na cooperativa UNIVENS. [Da direita para a esquerda – Daiana Carginin, Maria Clara B. Fischer, Carla Melissa Barbosa]. Fotografia tirada por Jonathan Vicente. Fonte: Acervo da pesquisa⁸, 2013.

⁷ A UNIVENS foi o campo empírico de investigação do projeto “Pedagogias no e do trabalho associado: usos de si e circulação de valores e saberes de adultos trabalhadores” (2010-2013) e tem sido objeto de estudo do projeto “Formação de adultos para e no trabalho associado: atividade de trabalho, profissão e biografias” (2013-Atual). Ambos os projetos foram aprovados e financiados pelo CNPq e coordenados pela professora Maria Clara Bueno Fischer.

⁸ No campo empírico de investigação do projeto “Pedagogias no e do trabalho associado: usos de si e circulação de valores e saberes de adultos trabalhadores” (2010-2013). Apoio CNPq.

Por outro lado, desde o início, uma premissa que não estava muito clara, das questões que me inquietavam era o fato de que as mulheres costureiras da cooperativa carregavam diversos saberes do trabalho, muito singulares. Por sua vez, acreditávamos⁹ que esses saberes não estavam sendo visibilizados, mobilizados e valorizados, mesmo naquele ambiente de trabalho associado¹⁰ norteado por valores mais igualitários, de respeito às singularidades e de solidariedade. Acreditávamos que outros saberes e fazeres eram, por vezes, deixados de lado, em detrimento da necessidade de produzir conforme as demandas do mercado.

Essa hipótese era baseada nas discussões junto ao grupo de pesquisa, no diálogo com o referencial teórico da ergologia e com base nas nossas experiências de vida convivendo e aprendendo com mulheres que trabalham, que criam, recriam, que produzem artefatos no espaço privado. Alguns indícios estavam presentes, em parte, no estudo da entrevista individual realizada pela professora coordenadora do projeto com uma das costureiras e nas discussões que surgiram na “oficina sobre o trabalho”¹¹ realizada com o setor da costura e na análise posterior do material da oficina.

Além das narrativas das costureiras da cooperativa, em que apareciam questões como: *“E aqui estão minhas invenções”* ou uma angústia como *“Todo mundo tem condição de fazer! Eu sei que eu tenho condições de fazer. Por que não dão para mim fazer? Acham que eu não sei?”*¹². Tínhamos muitas lembranças das

⁹ Essa questão, por vezes, era discutida no grupo de pesquisa. Que outros saberes elas possuem? Que outros fazeres dominam? Que outros potenciais elas possuem que ficam invisíveis neste espaço de trabalho que atende demandas bem objetivas?

¹⁰ A expressão “trabalho associado” é compreendida como uma forma de organização do trabalho, caracterizada “pela apropriação coletiva dos meios de produção, pela distribuição igualitária dos frutos do trabalho e pela gestão democrática das decisões quanto à utilização dos excedentes (sobras) e aos rumos da produção. (Fischer & Tiriba, 2009).

¹¹ Foram realizados encontros sobre o trabalho com trabalhador/as da UNIVENS, a fim de verificar o potencial de oficinas coletivas, construídas como Dispositivo Dinâmico a Três Polos (DD3P) (perspectiva teórica da ergologia), para reconhecer, refletir e contribuir para a transformação do trabalho. O distanciamento do cotidiano, promovendo acalorados debates entre o/as trabalhador/as sobre as escolhas, com base em saberes e valores, feitas na realização do trabalho e suas consequências foram uma questão importante dos encontros. (FISCHER e BARBOSA, 2014)

¹² Narrativas de costureiras da UNIVENS, capturadas durante a pesquisa no campo empírico.

décadas de 1980, 1990 e dos anos 2000, de costureiras que, em suas residências, trabalhavam confeccionando peças encomendadas por clientes.

Essas memórias, muito próximas no tempo e no espaço, de trabalhos belíssimos e de boa qualidade, feito por mulheres das classes populares, com pouca ou nenhuma formação profissional, foram fonte de inspiração para esta dissertação.

Fazendo uma leitura positiva da realidade social (Charlot, 2000), a orientadora propôs após a qualificação uma mudança na escolha do grupo de trabalhadoras que participariam da pesquisa, como uma possibilidade de me sentir mais à vontade com o objeto de estudo, despertando uma relação de desejo com as experiências, os saberes e os fazeres que carrego, e diminuindo as variáveis a serem investigadas. Focar nos saberes e fazeres de costureiras autônomas - presentes em suas histórias de vida e trabalho - que, por hipótese, têm maiores possibilidades de exercício de sua criatividade, já que não produzem peças em série. Além disso, tal opção atendia ao critério de viabilidade: realizar o trabalho de campo mais próximo à minha residência - a escolha de costureiras no meu município, já que estava sobrecarregada com o trabalho na escola pública.

Sendo assim, optamos por estudar costureiras de classes populares que trabalharam durante grande parte da sua vida, no espaço doméstico, de forma autônoma, e que têm como característica o fato de não estarem vinculadas a uma relação direta com a produção industrial. Essa escolha também se deu pelo fato de constantemente discutirmos sobre as lembranças que tínhamos das experiências de costureiras que conhecemos ao longo da nossa vida e que realizavam, em suas residências, todo o processo de trabalho da costura.

O interesse estava em compreender a história de vida e de trabalho e, desta forma, como ocorreram as escolhas, a trajetória profissional, a formação, a profissionalização destas trabalhadoras. Compreender o processo de tornar-se uma profissional da costura e conhecer os saberes que as trabalhadoras possuem, oriundos da experiência de trabalho, que muitas vezes ficam invisíveis e são considerados de menor valor.

Conforme Santos (2000, p.294) “um debate atual coloca na ordem do dia a necessidade de resgatar as dimensões esquecidas dos saberes chamados menores elevando-os à maioria”. Nessa direção, diversos estudos têm buscado

reconhecer, valorizar e legitimar os saberes dos trabalhadores sejam estes denominados como práticos, popular, operário, saber ser, saber-fazer, entre outros.

Dos projetos e estudos coordenados e/ou orientados por Maria Clara Bueno Fischer, destaco os que possuem a cooperativa UNIVENS (2010, 2012) como campo empírico. Estes têm buscado investigar os saberes da experiência de trabalhadores ressaltando a importância da produção e circulação de saberes e valores, neste caso, num ambiente de trabalho associado, para seu reconhecimento e legitimação. Lembro, também, da tese de Ivan Livindo de Senna Corrêa (2014) que investigou a produção de conhecimento de metalúrgicos em pequenas unidades autônomas, apontando que o trabalhador está em processo constante de produção de conhecimento, de criação, de reflexão, de aprendizado e de autonomia na experiência de trabalho. Losekann (2013) estudou a relação que se estabelece entre os saberes da experiência dos trabalhadores técnicos de enfermagem e os saberes/normas que regulam esta profissão. Nessa relação, nesse diálogo entre o que é feito e o que deveria ser realizado, o trabalhador produz novos conhecimentos para qualificar, melhorar, agilizar seu trabalho, renormalizando constantemente a atividade de trabalho. Insiro minha dissertação neste conjunto de reflexões.

É interessante retomar um pressuposto básico de Paulo Freire (1997, p.55) “o do inacabamento do ser humano”, e de sua inconclusão como próprio da experiência vital. Um ser que é pensante, que é curioso, ingênua ou epistemologicamente, e que é criativo. Neste sentido, a produção *de saberes no trabalho e para o trabalho* “implica o exercício da curiosidade” (ibidem, p.95).

Muitos estudos também têm abordado os saberes populares, o trabalho e o conhecimento produzidos por mulheres através das artes manuais e do trabalho artesanal, problematizando a suposta separação entre o trabalho manual e o intelectual, a invisibilização e a não valorização do conhecimento que as mulheres carregam consigo e que produzem nestas atividades. Destaco reflexões apresentadas por Eggert e Silva (2012), Becker (2014), Fischer e Ziebell (2004) e em especial o trabalho de pesquisa de Silva (2012) em que as trabalhadoras da pesquisa ganham corpo através de sua voz, das suas narrativas relativas às vivências familiares, às lembranças da infância, às suas trajetórias de estudo e de trabalho. São questões, muitas vezes, consideradas de menor importância e que, aparentemente, pouco aparecem nas pesquisas (SILVA, 2012).

Rosângela Maria Pereira, em sua dissertação de mestrado (2004) intitulada “Pedagogia do Lar/Oficina: produção, mobilização e aquisição do conhecimento no trabalho das costureiras faccionistas de Divinópolis”, estudou as trabalhadoras costureiras que, diante da reestruturação produtiva, da flexibilização das formas de trabalho, perderam espaço nas fábricas. Elas passaram a realizar o serviço de costura a domicílio para a indústria. O estudo, numa perspectiva ergológica, indica que, apesar da flexibilização e precarização nas relações de trabalho, não ocorre uma precarização da produção e mobilização de saberes adquiridos, relativos ao processo da costura ao realizá-lo a domicílio.

Neste sentido, se busca por conhecer, escutar, reconhecer e entender a história de vida e de trabalho de costureiras, visando contribuir com a investigação do patrimônio de conhecimento de mulheres adultas oriundo da sua história de vida e da atividade de trabalho.

Pensar no trabalho autônomo de mulheres, realizado no espaço privado, como alternativa de subsistência, e na produção de saberes distante dos espaços escolares de formação, faz refletir nas circunstâncias e história que as levaram a tal opção.

1.1 Objetivo geral e específicos

Conhecer e compreender a trajetória profissional e a produção de saberes de costureiras autônomas do município de Esteio/RS.

Os objetivos específicos são:

Compreender elementos do processo do "tornar-se costureira";

Compreender como ocorre a aprendizagem do ofício da costura;

Identificar e analisar os saberes da costura;

Propiciar, através das entrevistas narrativas, momentos de valorização, pelas costureiras entrevistadas, dos seus saberes e das suas trajetórias profissionais.

1.2 Os pacotes - A estrutura do trabalho

Quanto à estrutura, a dissertação está organizada em sete capítulos, com os seguintes títulos: 1) Introdução; 2) Percurso Metodológico; 3) As Costureiras e Eu; 4) “Tinha que trabalhar mesmo”: “Era uma necessidade”; 5) “Cortar? Eu já sabia!” 6) Dos Sabores 7) É hora de finalizar!?.

Iniciamos este trabalho apresentando na introdução, uma visão geral da pesquisa, a aproximação com a temática e com a pesquisa na pós-graduação e os objetivos deste estudo.

Na segunda parte abordamos o percurso metodológico, a construção do roteiro de entrevista e das questões norteadoras que fizeram parte das etapas da entrevista narrativa. Bem como os percalços, as negociações e alterações metodológicas.

Em seguida, apresentamos as trabalhadoras que fizeram parte desta pesquisa, utilizando em alguns momentos a sua própria narrativa, além de imagens representativas dos seus saberes e fazeres. Nesta apresentação inicial me incluo, considerando que este é um processo formador, um “caminhar para si”, que a pesquisa não é neutra e que a produção de saberes ocorre através da relação que se estabelece. Alguns títulos têm origem na própria fala das trabalhadoras. Conforme eles forem surgindo será feita a referência. Utilizamos da narrativa para contar a trajetória de vida e trabalho buscando destacar aspectos que são singulares, o que marca a narrativa e tentando identificar o enredo, o fio condutor, que cada uma estabelece para narrar sua história.

A trajetória profissional, o processo de tornar-se costureira, as escolhas, os aprendizados, a profissionalização, são descritos no capítulo seguinte, estabelecendo um diálogo com o estudo de Franzoi (2006) sobre as trajetórias e identidades profissionais.

No capítulo “Cortar? Eu já sabia!”, apresentaremos os saberes e a forma como eles aparecem nas narrativas, conversando com o referencial da ergologia e o debate de normas.

A criatividade, “a mão inteligente”, a intimidade entre fazer e pensar, a busca pelo trabalho bem feito, serão abordadas no capítulo “Dos sabores”

Nas considerações finais, apresentamos um balanço que sintetiza algumas questões relevantes nesse processo de formação e de pesquisa, pesquisa-formação. Retomamos algumas ideias chave que vão aparecendo ao longo da escrita, algumas limitações e pontos instigantes e que apontam para novos horizontes.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este capítulo tem por finalidade, além de apresentar o caminho percorrido para este trabalho, discorrer um pouco sobre os pressupostos epistemológicos que nortearam a pesquisa e que ganharam corpo nas opções teórico-metodológicas feitas. Serão descritos os passos da pesquisa; a preparação da entrevista - a definição dos tópicos guia, o contato e o encontro com as trabalhadoras - o contexto de sua realização; as impressões e os sentimentos mútuos presentes na realização das entrevistas; o processo de transcrição e, ainda, a leitura e a devolução das entrevistas transcritas para as costureiras. Enfim, este capítulo se constitui no espaço de narrar e refletir sobre a caminhada realizada.

2.1 O diálogo como pressuposto de emancipação humana

Os pressupostos epistemológicos norteadores e as opções teórico-metodológicas estão diretamente ligadas ao lugar de onde falo, das minhas experiências e de tudo que me inspira, seja através da realidade vivida, seja através da realidade que recheia as produções acadêmicas. Neste sentido, trata-se de que, discorrer um pouco sobre este lugar, ajuda a clarear alguns interesses, algumas inspirações e opções que foram feitas ao longo da pesquisa.

Pensar em porque estudo e pesquiso algo, significa refletir, em um primeiro momento, no papel do conhecimento para mim. Temos a opção pelo tema de estudo, pelo objeto, pelo enfoque, entre outros aspectos. Estamos o tempo todo fazendo escolhas de pesquisa que, por sua vez, não estão isentas da nossa visão de mundo, dos nossos saberes e fazeres e dos nossos valores. É importante ter claro que as diferentes escolhas na pesquisa estão atravessadas por estes interesses e por questões identitárias, pertencimentos de classe, étnicos, de raça e de gênero.

Neste caminho, Paulo Freire (1987) e a forma como suas ideias se aproximam da práxis contribui para refletir sobre a forma como me coloco no mundo, buscando, para além de um discurso de sociedade mais coletiva, uma práxis que

tenta¹³ dialogar com horizontes de possibilidades. Se esse é o mundo que temos, com relações carregadas de contradições, de desigualdades, que nos formam e nos moldam ideologicamente, que são condicionantes, mas não determinantes, que possibilidades temos para uma educação que liberta?

Neste sentido, trata-se de pensar a dialogicidade para uma pesquisa que tem o desejo de caminhar deslocando-se de uma perspectiva etnocêntrica em direção às sombras da alteridade. É enriquecedor, para respeitar e valorizar os saberes e fazeres das costureiras, não pensar as trabalhadoras como uma tábula rasa na qual se escreverá o conhecimento. Paulo Freire (1987) alerta:

A educação que se impõe aos que verdadeiramente se comprometem com a libertação não pode fundar-se numa compreensão dos homens como seres “vazios” a quem o mundo “encha” de conteúdos; não pode basear-se numa consciência espacializada, mecanicistamente compartimentada, mas nos homens como “corpos conscientes” e na consciência como consciência *intencionada* ao mundo. Não pode ser a do depósito de conteúdos, mas da problematização dos homens em suas relações com o mundo (p. 67).

Nesta pesquisa, cujos temas de interesse são os saberes do trabalho; a educação não escolar; o trabalho como algo que realiza o ser humano, que nos torna humanos, na sua dimensão criadora da vida humana; alguns aspectos são muito relevantes no que diz respeito à forma como penso e me coloco no mundo como pesquisadora, sendo que este fazer é um fazer interessado, um ato político, em que carrego saberes e valores. Faço escolhas.

Sendo assim, a partir da leitura de Freire (1987), penso em educação na relação, como prática libertadora. No sentido de que o homem aprende em comunhão, na cooperação, mas também no conflito, com o desejo de construir uma sociedade mais igualitária e mais justa. E, ainda, que não vivemos sozinhos no mundo. Isso implica em me colocar em posição de humildade, de inconclusão, pensando, como diz o autor, "o homem como um ser inconcluso, consciente de sua inconclusão, e seu permanente movimento de busca do ser mais" (p.72). Implica em um exercício de escuta atenta, interessada na perspectiva do diálogo. "O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se

¹³ Escrevo “tenta”, pois penso que muitas vezes, (e me incluo nesta prática), existe um abismo entre o que pensamos e desejamos, através dos discursos, e a forma concreta com que nos colocamos no mundo. Enquanto fazemos um esforço para humanizar as relações e em pensar formas alternativas para viver coletivamente, existe todo um apelo para mercadorizar as vivências entre os seres humanos. Uma lógica que ao mesmo tempo em que busca diferenciação e individualismo, iguala a todos, sufocando a singularidade do indivíduo.

esgotando, portanto na relação eu-tu. (p.78). Trata-se, portanto, de constante aprendizado. Sem essa postura não é possível uma compreensão do mundo e da realidade através do diálogo, da troca e do pensar com, que possibilite a transformação da mesma, pois

a autossuficiência é incompatível com o diálogo. Os homens que não têm humildade ou a perdem, não podem aproximar-se do povo. Não podem ser seus companheiros de pronúncia do mundo. Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais (p.81).

A realidade é transformada através da ação humana. Não sobrevivemos sozinhos, mas na relação com o/a outro/a. Não há pensamento isolado porque não há seres humanos isolados na existência.¹⁴ Eu não vivo sem o meu trabalho, forma como me humanizo e como garanto minhas condições objetivas de existência. Não vivo sem as relações que tenho na família, com os amigos, no trabalho, com colegas e alunos e alunas. Não produzo aquilo que consumo, nem o que é necessário para subsistência; as relações sociais de trabalho e de consumo são sociais.

Como pesquisadora também tenho que ser educada/educar nessa relação com o/a outro/a, buscando pensar em processos mais libertadores, menos autoritários e menos reprodutores de uma lógica desigual e excludente com a qual eu não concordo, mas que contraditoriamente, muitas vezes, reproduzo. Em um contexto em que prevalecem as formas capitalistas de organização econômica e cultural, visibilizar, conhecer, valorizar, dar voz, legitimar os saberes não escolares, os saberes da experiência de adultas trabalhadoras, colocando-me em uma posição de aprendizado e de troca, também é algo que busca romper com uma lógica meritocrática que nos ensina que saberes legítimos são somente aqueles certificados pelas instituições escolares e pela ciência formal.

Falo, portanto, de um lugar que valoriza os saberes da experiência; a produção de conhecimento na atividade de trabalho; os saberes não formais; consciente que a pesquisa foi um processo de construção para pesquisadora e pesquisadas.

¹⁴ Ver "O menino selvagem". Disponível em: <http://youtu.be/K6GZPuxuBTU>

2.2 As opções teórico-metodológicas

Alguns aspectos que considere importantes foram: a possibilidade de pensar o objeto de estudo e os sujeitos da pesquisa na relação, na troca, no diálogo; a necessidade de realizar um exercício de alteridade; a aproximação com as mulheres sujeitos da pesquisa de forma a caminhar com elas percebendo-as como seres humanos com cultura e não "colando-a" na da pesquisadora, de forma etnocêntrica. Tratou-se de reconhecê-las como seres humanos com quem estabeleço um diálogo que, aberto, humilde, disposto a ouvir, tem muito a aprender. Paulo Freire (1987) afirmava: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (p.68)

No caso desta pesquisa, que buscou conhecer a trajetória de mulheres cuja profissão é um ofício tido como um "trabalho de mulher", vinculado às "habilidades femininas", foi impossível não perceber as questões do feminino que se manifestam ou, muitas vezes, se ocultam nas histórias de vida e trabalho de costureiras, como as participantes da minha pesquisa.

Para Eggert e Silva (2012):

As histórias das mulheres ligadas à classe, raça e cultura mostram que o trabalho feminino geralmente esteve ligado a ações do corpo, feito com o corpo, mas também na subjetividade e percebidos pelo toque, pelo olhar, ou seja, uma linguagem que fica, em grande medida, banida do processo de pesquisa acadêmico. No máximo conseguimos traduzir em forma de narrativas, em recortes de histórias de vida, mas sempre em palavras sobre o que as mulheres fazem, como fazem, por que fazem para quem fazem. O que pensam e o que sentem, em especial esse último, fica subsumido da cena acadêmica, pois a palavra escrita nem sempre consegue captar e capturar essa dimensão por meio da narrativa (e no nosso caso de pesquisa a narrativa das mulheres) que poderia conter outras linguagens. Em especial podemos destacar a estética das coisas que elas produzem, coisas que nem sempre, a não ser por parte da Antropologia, são resgatadas e valorizadas no mesmo patamar do uso da palavra e, em especial, a palavra escrita (p.57-58).

No sentido, então, de chegar o mais próximo possível do desafio de visibilizar e valorizar saberes do mundo do trabalho de mulheres costureiras; saberes que, porque tácitos, não são reconhecidos como "saberes", é que buscamos inspiração em Josso (2004) para propiciar um caminho, junto às mulheres, de "caminhar para si". Ainda nesta perspectiva, adotamos a entrevista qualitativa com foco na narrativa, como uma forma de recordar, de ordenar e de refletir sobre a

experiência vivida. A narrativa não é a experiência em si; ela é atravessada por sentimentos, por valores, pelas crenças de quem narra e o significado é construído na interação, na lembrança e na resignificação.

[...] a entrevista também se torna um momento de organização das ideias e de construção de um discurso para um interlocutor, o que já caracteriza o caráter de recorte da experiência e reafirma a situação de interação como geradora de um discurso particularizado. Esse processo interativo complexo tem um caráter reflexivo, num intercâmbio contínuo entre significados e o sistema de crenças e valores, perpassados pelas emoções e sentimentos dos protagonistas (SZYMANSKI, 2002, p.14).

A necessidade de ordenar as ideias para narrar, na reflexão sobre a experiência, estabelece o momento de olhá-la de outra forma: “O movimento reflexivo que a narração exige acaba por colocar o entrevistado diante de um pensamento organizado de uma forma inédita até para ele mesmo” (ibidem, p.14).

Conforme Benjamim (1994), a narrativa era uma forma de comunicação artesanal e teve como matéria prima as experiências de vida num tempo em que determinados sujeitos detinham o saber e muita experiência. A narrativa atual perdeu um pouco dessa característica. No caso das costureiras da pesquisa, senhoras que possuem saberes oriundos da experiência, um conhecimento cuja transmissão pode se dar através dessa forma mais artesanal de narrar, essa característica ainda é presente. Pode-se dizer que é uma forma de comunicação artesanal, e ligada ao trabalho artesanal, sendo que este dá condições para narrativa existir.

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão - no campo, no mar e na cidade -, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. (p.205)

Pensando nesta forma de narrativa, foram realizadas entrevistas abertas, com tópicos guia, para possibilitar uma certa liberdade na forma como cada trabalhadora narrou sua história. Também na busca de caminhar com Freire (1987), com as trabalhadoras, é que entra em cena a inspiração na entrevista reflexiva Szymanski (2002), por uma entrevista mais relacional e menos vertical.

Foi na consideração da entrevista como um encontro interpessoal no qual é incluída a subjetividade dos protagonistas, podendo se constituir um momento de construção de um novo conhecimento, nos limites da representatividade da fala e na busca de uma horizontalidade nas relações de poder, que se delineou esta proposta de entrevista, a qual chamamos de

reflexiva, tanto porque leva em conta a recorrência de significados durante qualquer ato comunicativo quanto a busca de horizontalidade. A reflexividade [...] é a ferramenta que poderá auxiliar na tentativa de construção de uma condição de horizontalidade. [...] Reflexividade tem aqui também o sentido de refletir a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão da mesma pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado, que é uma forma de aprimorar a fidedignidade, ou como lembra Mielzinski (1998, p. 132), “assegurar-nos que as respostas obtidas sejam ‘verdadeiras’ – isto é, não influenciadas pelas condições de aplicação e conteúdo do instrumento.” (SZYMANSKI, 2002, p.14-15)

Neste ponto, vale lembrar a crítica de Freire à ‘educação bancária’ pois uma vigilância epistemológica permanente é fundamental. Um alerta de humildade se fez necessário nos cuidados com a experiência da entrevista, bem como nas experiências narradas nas entrevistas, que se desdobrou nas interpretações e inferências das mesmas.

2.3 Aspectos considerados na entrevista

A opção metodológica, realizada nesta pesquisa com costureiras sobre saberes do trabalho, é, portanto, a entrevista qualitativa

Ela é, como escreveu Robert Farr (1982), “essencialmente uma técnica, ou método, para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vista sobre fatos, além daqueles da pessoa que inicia a entrevista”. O primeiro ponto de partida é o pressuposto de que o mundo social não é um dado natural, sem problemas: ele é ativamente construído por pessoas em suas vidas cotidianas, mas não sob condições que elas mesmo estabeleceram. (GASKELL, 2002, 64-65)

Sendo o mundo social constantemente construído pelas pessoas, num processo de interação, que é histórico, ligado a um tempo, a um espaço e a uma determinada cultura, considera-se que na entrevista, ambas, entrevistadas e entrevistadora, estão em processo de construção de conhecimento, a partir também de suas singularidades.

[...] Toda pesquisa com entrevistas é um processo social, uma interação, ou um empreendimento cooperativo, em que as palavras são o meio principal de troca. Não é apenas um processo de informação de mão única passando de um (o entrevistado) para o outro (o entrevistador). Ao contrário, ela é uma interação, uma troca de ideia e de significados, em que várias realidades e percepções são exploradas e desenvolvidas. Com respeito a isso, tanto o(s) entrevistado(s) como o entrevistador estão, de maneiras diferentes, envolvidos na produção de conhecimento (GASKELL, 2002, p. 73).

Neste caso, por questões de tempo e disponibilidade, foram realizadas entrevistas individuais, mas elas podem ser feitas de forma individual ou em grupos. Esta escolha depende do contexto da pesquisa e do grupo a ser pesquisado. A indicação de entrevista individual em profundidade, para Gaskell (2002, p.78) se adequa, entre outras questões:

- ✓ quando o objetivo da pesquisa é para: Explorar em profundidade o mundo da vida do indivíduo;
- ✓ quando o tópico se refere a: Experiências individuais detalhadas, escolhas e biografias pessoais.

O autor dá algumas orientações: deve-se iniciar com perguntas bem simples, mas interessantes; o entrevistador deve estar atento e demonstrar interesse; às vezes, é necessário um tempo para o entrevistado se descontrair; à medida que a entrevista avança, ter os tópicos-guia em mente; é preciso dar ao entrevistado tempo para pensar e, ainda, que ela dure em torno de uma hora. (ibidem)

A entrevista individual ou de profundidade é uma conversação que dura normalmente entre uma hora e uma hora e meia. Antes da entrevista, o pesquisador terá preparado o tópico guia, cobrindo os temas centrais e os problemas de pesquisa [...] A entrevista começa com alguns comentários introdutórios sobre a pesquisa, uma palavra de agradecimento ao entrevistado por ter concordado em falar, e um pedido para gravar a sessão (GASKELL, 2002, p. 82).

A entrevista deve ter um tópico-guia que funciona como um fio condutor; não é uma lista de perguntas. É como um lembrete para auxiliar no seu andamento. Em sua essência, ele é planejado para dar conta dos fins e objetivos da pesquisa:

[...] não é uma série extensa de perguntas específicas, mas ao contrário, um conjunto de títulos de parágrafos. Ele funciona como um lembrete para o entrevistador, como uma salvaguarda quando der um “branco” no meio de uma entrevista [...]. Um bom tópico guia irá criar um referencial fácil e confortável para uma discussão, fornecendo uma progressão lógica e plausível através dos temas em foco. À medida que o tópico guia é desenvolvido, ele se torna um lembrete para o pesquisador de que questões sobre temas sociais específicos devem ser apresentados em uma linguagem simples, empregando termos familiares adaptados ao entrevistado. Finalmente, ele funciona como um esquema preliminar para a análise das transcrições (GASKELL, 2002, p.66-67).

Entre os tópicos-guia, destacamos a trajetória profissional, as escolhas, o processo de aprendizagem, as experiências, os saberes e fazeres da profissão, a dimensão criadora do trabalho, entre outros aspectos. Mesmo bebendo nas águas da entrevista qualitativa e reflexiva, a entrevista com as costureiras foi realizada com uma inspiração maior na entrevista narrativa.

Conforme Schütze (2010), a entrevista narrativa autobiográfica compreende três partes centrais. Com uma questão narrativa orientada autobiograficamente [...] desencadeia-se – como *primeira* parte – a narrativa autobiográfica inicial (p.212). No primeiro momento, o entrevistado fala, de forma improvisada, livre e contínua, sobre a questão norteadora. Durante esta fase, não deve ser interrompido. Na segunda fase, o pesquisador coloca questões que retomam tópicos que podem ser melhor aprofundados:

[...] o pesquisador-entrevistador inicia explorando o potencial narrativo, tangencial de fios temáticos narrativos transversais, que foram cortados na fase inicial em fragmentos nos quais o estilo narrativo foi resumido, supondo-se não serem de importância; em fragmentos pouco plausíveis e de uma vaguidade abstrata, por se tratarem de situações dolorosas, estigmatizadoras ou de legitimação problemática para o narrador, bem como em fragmentos nos quais o próprio informante demonstra não ter clareza sobre a situação (SCHÜTZE, 2010, 212).

Na terceira fase, conforme os interesses prévios da pesquisa e os inéditos que surgiram durante a entrevista, é explorada a capacidade de explicação, de abstração e reflexão do informante como especialista e teórico de seu “eu” (p.212). Este momento, por sua vez, consiste,

[...] por um lado, no incentivo à descrição abstrata de situações, de percursos e contextos sistemáticos que se repetem, bem como da respectiva forma de apresentação do informante; por outro, no estímulo às perguntas teóricas do tipo “por quê”? e suas respostas argumentativas (p.212).

O autor aborda a necessidade de termos critérios e pressupostos teóricos para a leitura/interpretação do que ouvimos e lemos, além da importância que as perguntas têm para clarear nossa pesquisa. É necessário ter perguntas reais, sinceras, aquelas que de fato queremos nos aproximar, como foram colocadas na tabela com os tópicos-guia. Sendo as histórias de vida e costura das mulheres carregadas de emoções, contradições, conflitos e vivências diversas, retomando Eggert e Silva (2012), as falas carregam consigo, elementos que foram e muitas vezes são deixadas à parte dos estudos, como sendo menos importantes. Desse modo, é preciso ter atenção e cuidado para não deixar escapar o que não foi dito.

Assim, na entrevista narrativa não há o esquema pergunta-resposta em um primeiro momento. A ausência de uma pergunta objetiva e direta torna a fala da entrevistada mais autônoma da ordenação do raciocínio da entrevistadora, podendo

dar mais vazão à narrativa. É a perspectiva da entrevistada que interessa. Não são realizadas perguntas específicas.

Nas entrevistas realizadas, convidei as costureiras a contarem a sua história de vida e trabalho com o ofício da costura. Isto é, a questão norteadora inicial foi contar como cada uma se tornou costureira. Esta pergunta desencadeou a narrativa, que se seguiu até quando cada uma delas não tinha mais nada a dizer naquele momento. A partir daí perguntei a respeito de outros conteúdos dos tópicos-guia e, em um segundo momento, retomei alguns pontos significativos sobre a trajetória profissional, sobre os saberes e fazeres do ofício e sobre a relação que elas estabeleciam com o resultado do seu trabalho. Abaixo um quadro dos tópicos, perguntas e o que se queria com elas.

Tópico Guia	Pergunta	Objetivo
Trajatória Profissional Profissionalização	<ul style="list-style-type: none"> • Como você se tornou costureira? • Que profissão você pensava em escolher? • Quais eram as possibilidades? 	Conhecer as escolhas, o processo através do qual ela aprendeu a costurar, se tornou costureira e se profissionalizou (reconhecimento).
Saberes	<ul style="list-style-type: none"> • O que você precisa saber para ser uma costureira? • Como o seu trabalho é feito? • Que outras coisas você já fez/sabe fazer? • O que é necessário para ser uma boa costureira? 	Identificar os saberes necessários para a realização do processo da costura; os saberes que são produzidos ou renormalizados na atividade de trabalho. Conhecer outros saberes que elas possuem e se são mobilizados nos seus fazeres como costureiras.
“Pensar é Fazer” do artífice.	<ul style="list-style-type: none"> • O que é um trabalho bem feito? • De tudo que aprendestes e fizestes, o que destacarias como significativo, como importante? • Você precisa pensar muito para realizar seu trabalho? Você cria, precisa ser criativa? 	Conhecer a relação que existe entre o fazer manual e o pensar; o processo de criação, a criatividade e o agir no próprio trabalho. Identificar se há a busca pelo trabalho bem feito e a marca de mulher artesã na costura.

2.4 Alinhavando a caminhada com as costureiras

Nos primeiros contatos com as trabalhadoras, eu me apresentei e expus as intenções de pesquisa em conhecer a história de trabalho delas. Todas, prontamente, se disponibilizaram. Duas delas eram minhas conhecidas de longa data, e duas foram indicadas por pessoas amigas que encomendavam roupas com elas. Optei por estas mulheres por serem reconhecidas como costureiras pelas *freguesas* e pela comunidade; por terem um longo tempo de trabalho com o ofício da costura e por terem uma formação que ocorreu através da experiência de trabalho. Acesso e viabilidade também foram considerados por nós na definição das entrevistadas - quantidade e perfil.

Informei às entrevistadas sobre a importância, para a pesquisa, de eu gravar e de produzir algumas imagens; sobre o direito ao anonimato e, também, sobre a possibilidade de interromperem sua participação, a qualquer momento, se assim o desejassem.

Combinamos que as entrevistas transcritas seriam apresentadas a elas para que pudessem ler e, num momento seguinte, que nos encontraríamos novamente para conversarmos sobre o seu conteúdo, principalmente para que pudessem falar sobre o que pensaram sobre suas entrevistas e para validar ou alterar o seu conteúdo.

As entrevistas, realizadas na residência de cada costureira, foram momentos únicos, muito singulares. Duraram quase duas horas cada uma. O contexto variou, também, conforme a relação que se estabeleceu entre a trabalhadora pesquisadora que escutava e aquela que narrava. Essa relação não se estabeleceu apenas como uma formalidade entre pesquisadora e pesquisada. Deu-se por inteiro, pois eu não estava em campo apenas como pesquisadora (*stricto sensu*) e nem elas somente como costureiras, mas como estávamos presentes como mulheres, esposas, trabalhadoras, enfim, como seres humanos multifacetados. Então, o início de conversa, bem como o seu desenrolar, não ocorreu apenas em função da questão norteadora inicial. Falamos sobre família, escola, saúde, casamento, desigualdade, sobre a “*dureza*” da vida. Neste sentido, vale ressaltar a escolha pelo uso da expressão “histórias de vida”. Embora as entrevistas tenham sido pensadas e planejadas tendo como orientação a trajetória profissional, os saberes e os fazeres,

constituindo a narrativa em torno destas temáticas definidas a priori, na prática estas questões se mesclam com a história de vida das mulheres indo muito além dos tópicos guia. A intenção foi de estabelecer uma relação de “empatia, com ênfase na confiança, de igualdade, com um contacto intenso, tendo o sujeito como amigo” (BODGAN; BIKLEN, 1994, p.74). Foi impossível não ter sensações múltiplas e emoções, ou interagir com as mulheres, ao ouvir as narrativas. As mesmas estavam carregadas de experiências que envolvem família, classe, gênero, etnia, religião, violência doméstica, perdas; algumas recordações eram positivas, outras nem tão boas assim.

Apesar da transcrição das entrevistas ter apoio teórico no estudo de Manzini (2006), foi realizada de forma mais livre das regras. A transcrição foi realizada na íntegra, mesmo nos momentos em que a conversa seguiu algum rumo que não era o foco específico naquele momento da entrevista. Um dos motivos é o respeito e a valorização das narrativas. De igual forma, os aspectos que, teoricamente, não eram parte dos tópicos guia acabam fazendo parte do estudo já que são tramas e fios que vão se alinhavando com o "foco" da pesquisa.

As entrevistas retornaram às trabalhadoras no formato de cadernos¹⁵ que elas leram e sobre a qual conversamos e refletimos, juntas, em outra ocasião. O momento de devolução da entrevista, bem como o de retorno para uma segunda conversa foi carregado de afetividade e de acolhida. Elas me receberam com certo ar de felicidade; com sorrisos e abraços. Através de uma combinação que fiz com as trabalhadoras, a fala delas sofreu algumas alterações gramaticais, por solicitação das entrevistadas para “*ficar mais bonito*”. As entrevistas, transcritas na íntegra, foram devolvidas para as costureiras, em um exercício da entrevista como um processo reflexivo inspirado em Szymanski (2002).

¹⁵ A primeira ideia era de imprimir as entrevistas em formato de livro com um toque artesanal. Logo achei que deveria imprimir um texto com letras e espaçamentos maiores para que pudessem ler sem maiores dificuldades.

Imagem 2 – Cadernos de Entrevista



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Através da leitura dos cadernos, as trabalhadoras puderam verificar se a transcrição estava de acordo com o que realmente queriam falar e se concordavam que suas narrativas, de maneira integral ou não, fossem utilizadas no trabalho. O mesmo aconteceu com a possibilidade de utilização das imagens. Fotografias foram produzidas “de uma forma simples, para fazer o inventário dos objetos no local de investigação” como também para dar mais corpo e vida às costureiras, aos seus espaços, seus gostos e seus fazeres.

No segundo encontro, após as leituras, conversamos sobre a entrevista, sobre questões significativas que apareceram. Foi mais um momento em que as narrativas vieram à tona. A necessidade de organização, de ordenamento das ideias gerou, em ambos os encontros, momentos de reflexão, de distanciamento e de ressignificação do que foi vivido. As fases da entrevista, na prática, se mesclaram entre narrativa, reflexão e inclusão de novas questões norteadoras. Em nenhum dos encontros marquei o tempo, interrompi ou redirecionei para as intenções de pesquisa. Combinamos que elas poderiam falar sobre tudo o que achassem pertinente sobre sua profissão e sua vida e utilizassem o tempo que julgassem necessário ou que tivessem disponível para tal. A escuta foi fator importante para que a narrativa fluísse, sem que ficássemos presas a regras rígidas. Conforme inspiram Bogdan e Biklen:

Não existem regras que se possam aplicar constantemente a todas as situações de entrevista, embora possam ser feitas algumas afirmações gerais. O que se revela mais importante é a necessidade de ouvir cuidadosamente. Ouça o que as pessoas dizem. Encare cada palavra como

se ela fosse potencialmente desvendar o mistério que é o modo de cada sujeito olhar para o mundo. [...] O processo de entrevista requer flexibilidade. Experimente diferentes técnicas, incluindo piadas e desafios ligeiros. [...] (1994, p. 137).

Em todos os casos, elas foram muito receptivas. Observei que possuem muita habilidade de comunicação e capacidade de contar histórias, além de ótima memória. Muitas coisas, inclusive da infância, foram lembradas nos mínimos detalhes enquanto estabeleciam novas relações com este passado. A forma de olhar para o passado, em alguns momentos, foi ressignificada logo após a narrativa e não apenas no momento seguinte - nas devoluções - quando questionei sobre alguns pontos relacionados à pesquisa. As ligações entre o passado e o presente foram parte do processo.

Com as entrevistas transcritas e as anotações realizadas após os encontros, comecei a trabalhar com a análise e interpretação das narrativas, categorizando-as. Foi criada uma tabela¹⁶ para organizar os dados, criando categorias de codificação (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.221) relacionadas às seguintes temáticas: 1) trajetória profissional: que envolve as escolhas profissionais, o processo de se tornar costureira, de aprender o ofício, de profissionalização; 2) saberes: relacionado aos saberes que cada trabalhadora possui e seus fazeres, e a produção de saberes na atividade de trabalho; 3) artífice: aspectos relacionados ao processo criativo, à criação, a relação entre pensar e fazer, o manual e o intelectual.

Outros temas que surgiram no campo empírico, como as questões sobre o trabalho em si, sobre o trabalho feminino, trabalho manual e sua invisibilidade, por exemplo, embora não tenham sido categorizados nas tabelas como um tema específico, permearam a narrativa das trabalhadoras e se entrelaçaram com os temas categorizados e foram incluídos no trabalho.

¹⁶ As tabelas encontram-se em anexo.

3 AS COSTUREIRAS E EU

O estudo se utilizou das narrativas das trabalhadoras como fonte de conhecimento, autoconhecimento e reconhecimento, produzindo biografias com foco no processo de se tornarem costureiras e nos saberes do seu trabalho. O objetivo, nas entrevistas, foi rememorar as suas histórias de vida e trabalho, tendo como inspiração o exercício de “caminhar para si” (JOSSO, 2004).

Segundo Silva (2012), nesta proposta metodológica, pesquisadora e pesquisadas estão no mesmo patamar, ambas estão envolvidas, por inteiro, nesse processo, pois

a proposta de se perceber o processo de investigação como um ‘caminhar para si’ denota o processo inconcluso da investigação, ao mesmo tempo em que nos remete a nossa própria trajetória de vida neste mundo, envolvendo vários aspectos que foram historicamente apartados do processo investigativo, mas que se encontram nas nossas vidas e nas nossas escolhas, como emoções, relacionamentos, afetividades, trajetórias vividas, dificuldades enfrentadas, etc. (p.28).

E “nessa caminhada todos(as) refazem suas próprias trajetórias.” (Ibidem, p.28). Esse exercício de reconstrução, de contar, de ouvir e de refletir sobre a história de vida e trabalho da entrevistada envolve diversos aspectos das nossas vidas, além do estudar, do decidir o que se será - seremos - quando crescer (mos) e ser(mos). Envolve relações familiares, questões de classe, de gênero e etnia, questões subjetivas, sentimentos e emoções, que muitas vezes não são consideradas nas investigações.

Neste capítulo, vou apresentar a narrativa das histórias de vida das costureiras que participaram da pesquisa que representam, de certa forma, tramas que constroem suas vidas. Vou iniciar narrando um pouco da minha história de vida com um olhar especial para a formação escolar e para a trajetória profissional, no sentido de “*caminhar para si*” para poder “*caminhar com*” as trabalhadoras e novamente comigo mesma. Para isso, vou me utilizar de outros exercícios de reflexão autobiográfica realizados em momento anterior de minha trajetória acadêmica, (BARBOSA; MACHADO, 2014)¹⁷, (BARBOSA; KAERCHER, 2015)¹⁸,

¹⁷ No grupo de pesquisa foi realizada uma experiência de produzir autobiografias, com ênfase na trajetória profissional das pesquisadoras, visando autoconhecimento e autoformação para realizar pesquisa-formação com as trabalhadoras da cooperativa UNIVENS. Esse processo de “Narrar, olhar

além do processo de diálogo e reflexão constante, sobre o qual não temos controle, que ocorreu durante este processo de pesquisa. Embora este estudo não seja uma autobiografia, este exercício tem feito parte do meu processo de formação, desde os primeiros contatos com a pesquisa, no sentido de autoconhecimento e autorreconhecimento. Além disso, esta narrativa está carregada de elementos da relação que estabeleci com a escola e as escolhas que fiz e que nortearam minha trajetória profissional.

Em seguida apresento, individualmente, a leitura que faço da história de vida e de trabalho das costureiras, trazendo a singularidade da narrativa de cada uma delas. A imagem de abertura da biografia de cada uma, traz algumas feições próprias. Foram utilizados codinomes para identificá-las. Os nomes fictícios são de flores, já que o cultivo e o cuidado de plantas e flores fazem parte do nosso cotidiano, meu e delas. Os títulos que apresentam cada uma são oriundos da própria fala das trabalhadoras.

Açucena, Orquídea, Rosa e Tulipa são mulheres reconhecidas pela comunidade como profissionais da costura. São costureiras que possuem um longo tempo de trabalho, a maior parte dele exercido no espaço privado - doméstico. Têm em média 66 anos de idade e, no momento da entrevista, trabalhavam esporadicamente, confeccionando peças por encomenda, por desejo ou necessidade.

Mesmo que nos dias atuais tenham optado por diminuir o ritmo de trabalho, seja por questões de saúde, por não terem mais tanta necessidade econômica ou para poder “*aproveitar a vida*”¹⁹, ainda possuem demanda de peças por clientes antigas ou não. Durante toda a vida, tiveram muita demanda de trabalho e trabalharam muito como costureiras. Às vezes não tinham condições de fazer todas as encomendas que eram solicitadas, mas as clientes insistiam, deixando os tecidos

para si, escrever e compartilhar” foi apresentado e publicado nos anais do VI CIPA - VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica realizado em 2014 no Rio de Janeiro com apoio do CNPq.

¹⁸ Recupero um pouco da minha trajetória profissional e do meu encontro com a docência no trabalho de conclusão do curso de especialização “O ensino da Geografia e da História” (2011-FACED/UFRGS). O estudo foi sobre a formação inicial e o estágio docente, o diálogo que se estabelece entre os pressupostos epistemológicos do professor e o fazer em si. Este trabalho se transformou no artigo “Diálogo entre quem gosta de educar e uma educadora deseducada”, publicado em 2015 em um livro que reúne pesquisas de alunos, que já são professores, da referida especialização.

¹⁹ Trecho da narrativa da Rosa.

com elas para que atendessem seus pedidos. Inclusive se propondo a entrar na fila de espera.

Começaram a trabalhar muito cedo, a costura “*apareceu*” e foi se tornando uma profissão. Logo foram sendo reconhecidas pelos seus trabalhos na região em que moravam. Aprenderam muita coisa sozinhas e direto na atividade de trabalho. A clientela aparecia através do “*boca a boca*”. Elas não precisavam oferecer o seu trabalho, nem colocavam placa em suas casas anunciando a oferta do serviço de costura. Trabalhavam muito, levantando cedo e indo noite adentro, trabalhando por conta. Tinham muitas encomendas e cobravam “*bem*” pelo trabalho feito. Dessa forma, boa parte da renda familiar advinha deste trabalho. Não conseguiam dizer não para as pessoas, em parte porque mais trabalho significava maior renda. Algumas vezes, o trabalho tornava-se um fardo, já que era em excesso.

Com relação à escolarização, finalizaram o ensino fundamental. Açucena e Tulipa concluíram o antigo ginásio²⁰. Tulipa fez outros cursos profissionalizantes, de datilografia e de comércio, por conta própria. Rosa e Orquídea manifestaram um grande desejo, à época, de seguir estudando após concluir o primário, mas como moravam no interior, teriam que ir para cidades maiores, morar com outras pessoas, para poder continuar os estudos no tempo certo. Nas narrativas, não aparece como horizonte de possibilidades, em nenhum caso, realizar um curso superior na perspectiva de ter uma profissão resultante deste nível de ensino.

Não fizeram cursos para se tornarem costureiras. Conhecem e realizam todo o processo do ofício da costura, além de outras artes manuais. Aprenderam a costurar, bordar, fazer tricô e crochê, na infância e na adolescência, observando - com todos seus sentidos - a atividade de outras mulheres, fazendo roupas para as bonecas, com outras mulheres que costuravam e até na escola. Segundo Becker (2014) “a prática de ensinar as meninas a bordar, a costurar, a tricotar e a crocheter era uma prática de até bem pouco tempo atrás das instituições escolares” (p.33).

No quadro abaixo, apresento alguns dados gerais das costureiras como idade, estado civil, escolaridade, tempo de trabalho com o ofício da costura, religião e número de filhos.

²⁰ Denominação utilizada para se referir às séries finais do Ensino Fundamental, até a década de 1970.

Imagem 3 - Quadro dados gerais das costureiras

Costureira	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Tempo de trabalho na costura	Religião	Filhos
Tulipa	70	Viúva	Ginásio	56 anos	Católica	6
Açucena	70	Separada	Ginásio	56 anos	Umbanda	1
Orquídea	62	Casada	Fundamental Completo	53 anos	Católica	1
Rosa	70	Separada	5ª série	56 anos	Católica	3

As trabalhadoras costureiras, bordadeiras, são todas muito religiosas e praticantes e, dessa forma, os símbolos religiosos são presentes em suas casas. Açucena e Orquídea são muito ativas na comunidade religiosa, participando da organização dos encontros, das festas e ajudando nos fazeres, na terreira e na igreja.

Residem na região metropolitana de Porto Alegre/RS há mais de trinta anos e como iniciaram muito cedo no ofício, são costureiras há mais de 50 anos.

São profissionais que nunca fizeram curso profissionalizante, nem possuem diploma de formação profissional. Para utilizar a expressão delas: “*aprendi na marra*”²¹, “*aprendi sozinha*”. Elas não têm e não tiveram, no período em que trabalharam a domicílio, uma relação de subordinação direta ao capital.

Possuem todas as ferramentas necessárias para realizar o seu próprio trabalho, que foram adquirindo conforme a necessidade. Sendo assim, proprietárias dos meios de produção, sendo que o mais importante é a máquina de costura.

²¹ A expressão “eu aprendi na marra”, “ela aprendeu na marra”, “foi na marra mesmo” apareceu, de uma ou de outra forma, em todas as entrevistas. Implica em aprender na prática, sozinha, através da experiência.

Imagem 4 - Meios de Produção da Orquídea



"Meu canto no mundo e meu mundo"
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Paralelo ao trabalho da costura, suas vidas são marcadas pelo trabalho doméstico, pelo cuidado dos filhos e da família estendida (pai, mãe, irmãos, sogra, sogro). Além de terem muito trabalho com a costura, soma-se o trabalho da casa, o cuidado dos filhos e o cuidado dos outros.

Escolheram, ao longo do tempo, trabalhar em casa, para ter liberdade de gerenciar o seu tempo de trabalho e conciliar o cuidado dos filhos. Algumas identificam que, além de ter certa liberdade, inclusive com relação à dimensão criativa do trabalho, tiveram melhores rendimentos trabalhando em casa do que teriam na indústria.

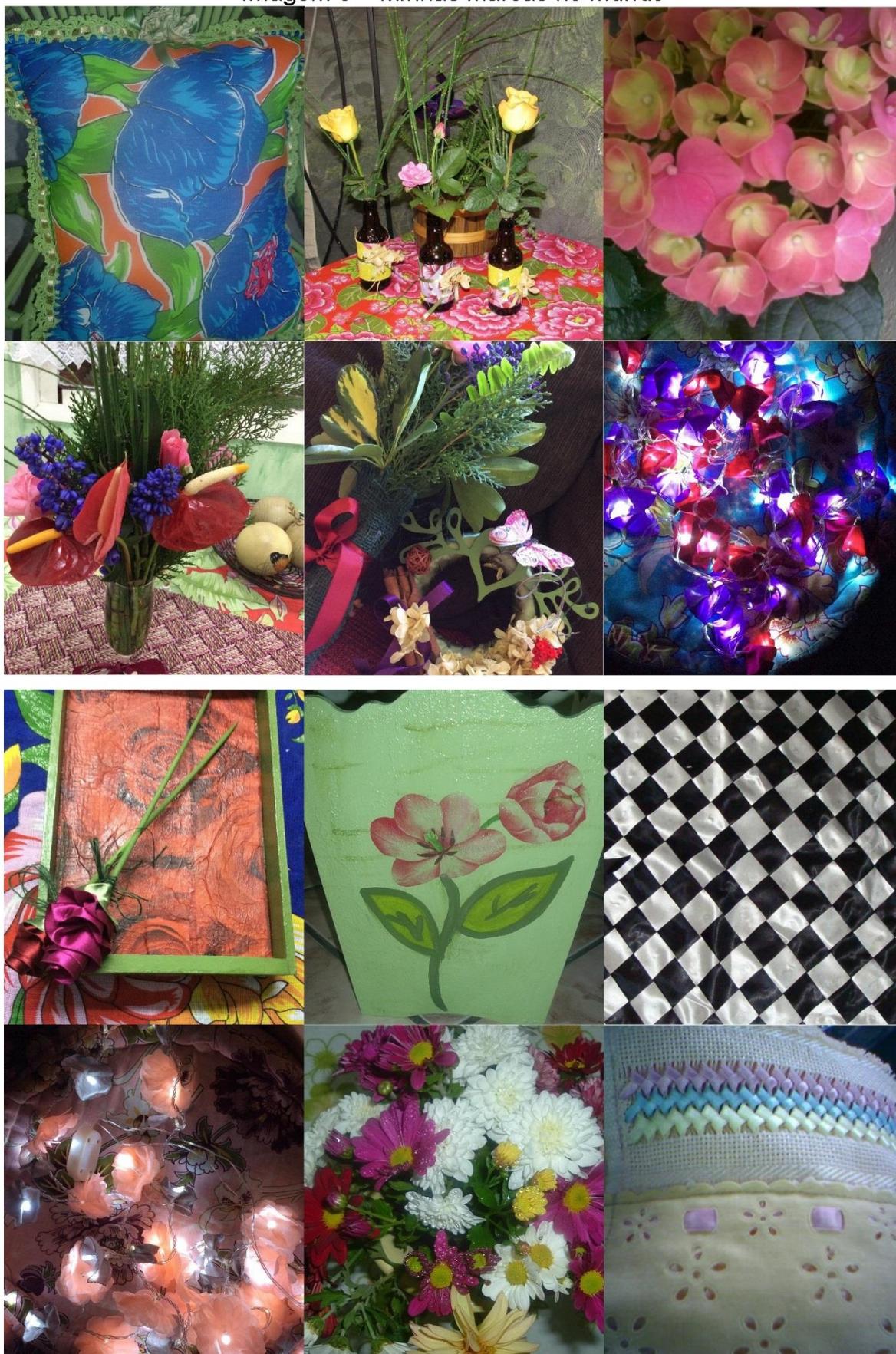
Neste caso, da mesma forma como Silva (2012) observa e atenta em seu estudo com as mulheres artesãs vinculadas à Cooperativa Regional do Sul (Coopresul), de Pelotas/RS, é possível perceber que as costureiras que participaram deste estudo

[...] Na maioria, são mulheres com histórias de vida difíceis, que tiveram que vencer muitos obstáculos. Mas uma coisa é certa: percebemos que elas têm orgulho do que fazem, sentem-se independentes e autônomas, tanto pela produção em si como pelo uso do dinheiro, que é seu e que não dependem de ninguém para adquiri-lo. Observei que, em algum momento de suas

vidas, o trabalho artesanal possibilitou uma emancipação para elas. [...] (p.44-45).

É importante ainda dizer que, apesar das histórias de vida destas trabalhadoras serem repletas de aprendizados complexos, de curiosidade, de criatividade, de criação, o que torna as narrativas muito ricas, não pretendemos romantizar e relativizar a vida dessas mulheres e da classe trabalhadora. Ressalvo o desejo de dar voz às trabalhadoras de forma a visibilizar sua inteligência, seus saberes e seus fazeres. É objetivo, trazer, através das narrativas que sim, elas criam e recriam sua existência de forma criativa e complexa com aquilo que dispõem dadas as condições objetivas e subjetivas de que dispõem. Por outro lado, essas histórias de vida carregam consigo muito trabalho, de forma a garantir melhores condições de vida, opressão, distanciamento do direito à educação e dos direitos da classe trabalhadora e, muitas vezes, condições de existência precárias como aparece nas próprias narrativas.

Imagem 5 – Minhas marcas no mundo



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

3.1 Melissa: “Eu sempre sonhava ser professora, MAS...”

[...] Mexer com as histórias das mulheres investigadas faz que a gente mexa na nossa própria história, desvele nossos próprios segredos, que mantemos, muitas vezes, escondidas de nós mesmas. Por isso a pesquisa-formação de Josso, que coloca tanto a pesquisadora como a pesquisada no mesmo patamar, pois estamos, todas, pesquisando nós mesmas!!!!

Márcia Alves da Silva²²

Começo apresentando uma narrativa de minha história de vida e trabalho, dos horizontes possíveis nesta trajetória e das minhas escolhas como um processo de “*caminhar para si*” para poder, de forma menos etnocêntrica, “*caminhar com*” as costureiras. Afinal, como bem colocou a professora Márcia: “[...] estamos, todas, pesquisando nós mesmas!!!!”.

Trata-se de um exercício de autoformação para realizar a pesquisa com as trabalhadoras, mas também de entender esse processo de narrativa como possibilidade de autorreconhecimento, percebendo minhas escolhas. Neste “pesquisar nós mesmas” caminha a possibilidade de se projetar no futuro, fazendo escolhas mais conscientes.

Evidenciando uma postura básica e consciente, as opções na pesquisa não são neutras nem descoladas da nossa história de vida. Ao ingressar no grupo de pesquisa e tomar conhecimento das teorizações e das metodologias que compunham o projeto de pesquisa do qual eu iria fazer parte, meus olhos brilharam. Pesquisar e trabalhar com histórias de vida de costureiras me deixou muito empolgada. Ouvir histórias, observar é algo que gosto há muito tempo. Além disso, ao longo da minha existência, sempre centrada no trabalho e no estudo, eu fazia, paralelamente, várias atividades manuais. Tinha um desejo antigo de aprender a costurar.

²² Nota da Prof.^a Dr.^a Márcia Alves da Silva, extraída do parecer sobre o projeto de dissertação (SILVA, 2014, p.3).

Roesler (2014) parte da constatação que: 1) a escolha do objeto de pesquisa de pós-graduandos não é ao acaso; 2) existe dificuldade de alguns prosseguirem suas pesquisas. Dependendo em como ocorre esta relação, pode acentuar as dificuldades que normalmente permeiam a produção acadêmica dos alunos de pós-graduação, podendo gerar uma “paralisia” (p.2-3). Neste sentido, criar um espaço coletivo para dar voz e corpo às narrativas pode clarear as escolhas e ajuda a sair do estado de conflito ou de estagnação no trabalho de pesquisa. Segundo a autora:

[...] ao trabalharmos a trajetória social a partir da biografia, possibilitamos ao sujeito compreender sua história e se projetar em um campo de possibilidades em relação ao futuro. Contribuímos também para que a pessoa possa modificar a relação com o seu passado, restaurando, reparando ou revendo situações que continuam no presente, como fonte de conflitos ou de mal-estar. (ROESLER, 2014, p.7).

Desta forma, esta narrativa inicial, embora solitária, também é uma tentativa de compreender as relações que estabeleço com meu objeto de estudo, resgatando a minha própria história de vida, como um sujeito que é histórico e social com o objetivo de avançar na escrita, como um processo de emancipação.

Neste sentido, especialmente este exercício de escrever, será como “um ato inaugural” para enfrentar o sofrimento que a escrita carrega, um “começar a escrever, escrevendo” (MARQUES, 2003). O escrever como obrigatoriedade, com um formato determinado, como a busca pelo inédito, como uma prescrição, pode se descolar do desejo e da curiosidade pelo objeto de pesquisa.

A proposta é também, perceber-me neste processo de formação, como parte dele, carregando a autonarrativa de sentido, podendo perceber as minhas escolhas. Neste caso, me colocando como sujeito-mulher que aprende, podendo utilizar esta narrativa biográfica a serviço de projetos específicos, reconhecendo a minha experiência de forma a conseguir estabelecer projetos futuros. Conforme Josso (1999) as histórias de vida podem ser postas a serviço de projetos. Segundo a autora

[...] as relações entre histórias de vida e projeto podem ser apresentadas em torno de dois eixos que nutrem mutuamente: a busca do projeto teórico de uma compreensão biográfica da formação e, a fortiori, da autoformação mediante os procedimentos de pesquisa-formação, de um lado, e, de outro, o uso de abordagens biográficas postas a serviço de projetos (projeto de expressão, projeto profissional, projeto de reinserção, projeto de formação, projeto de transformação de práticas, projeto de vida) (JOSSO, 1999, p. 14).

Nessa caminhada, de recuperar a história de vida para tomar consciência da trajetória e das nossas escolhas, temos a preocupação de que “os autores dos relatos cheguem a uma produção de conhecimento que faça sentido para eles, que se engajem, eles próprios, num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos (JOSSO, 1999, p. 16)”.

Então, inauguro este ato recuperando um pouco da minha trajetória. Até os seis anos de idade, eu era a filha única de uma mãe solteira. Como ela trabalhava em turno integral, eu convivi e morei durante boa parte da infância e adolescência com a minha avó materna e com pessoas mais velhas; isso fez com que eu ouvisse muitas histórias.

Não me lembro da minha avó brincando comigo, mas lembro das inúmeras histórias que ela contava sobre sua vida: dos cuidados com os mais de vinte irmãos que teve²³, da violência doméstica da qual era vítima após casar²⁴, entre outros casos. Contava histórias ao mesmo tempo em que fazia o serviço da casa, cuidava das plantas, dos chás, de alguns animais de estimação e outros que criava para subsistência.

Parte do interesse por narrativas vem dessa convivência com a minha avó e com outras pessoas que formavam uma espécie de família ampliada como amigos, vizinhos e parentes que no tempo em que se dedicavam a alguma atividade no espaço do lar, também narravam algo sobre sua vida.

Desde a infância, eu queria aprender a costurar. Não queria ser costureira! Não me parecia uma profissão ou um horizonte profissional. Eu tinha que estudar para ser alguém, para ter uma profissão. Essa era a ideia norteadora do desejo da minha mãe²⁵ ou como coloca Roesler (2014, p.9) “o Projeto Parental é definido por Gaulejac (1987), como “um modelo depositado em cada criança””. Como as demais mulheres da família, minha mãe foi empurrada para o mundo do trabalho, ainda na

²³ Minha bisavó, que casou aos 14 anos com meu bisavô que tinha mais de 60, teve mais de vinte filhos. Em mais de uma gestação foi mãe de gêmeos e trigêmeos. Destes vinte, apenas seis chegaram à idade adulta. Minha avó contava que alguns morreram depois de grande, na adolescência de doenças diversas geradas por escassez de recursos. Como eram muito pobres e do interior, não tinham acesso à saúde e as condições de vida eram muito precárias.

²⁴ Minha avó foi vítima de muita violência doméstica ao longo de sua vida de casada, mais de 20 anos. Essa situação durou até a década de 1970, quando do suicídio do meu avô. As gerações seguintes, de forma menos acentuada, reproduzem em maior ou menor grau, este comportamento. Seja na relação entre os casais ou na relação que as mães estabelecem com seus filhos.

²⁵ Obviamente eu não podia/devia trilhar o mesmo caminho sendo doméstica e/ou mãe solteira.

infância, o que fez com que abandonassem a escola. Na adolescência, quase todas as mulheres da família vieram para a capital, Porto Alegre/RS, para trabalhar em casa de família, leia-se trabalhar muito.

O desejo antigo de aprender a costurar também me despertou interesse pelos estudos do grupo de pesquisa, já que se debruçavam sobre uma cooperativa de costureiras. Na minha infância, muitas vizinhas tinham máquina de costura e confeccionavam roupas atendendo uma demanda local. Sempre tinham encomendas; nunca tinham tempo para atender imediatamente um pedido. Tenho lembranças da dona Zélia, na década de 1980, costurando. Era vizinha e amiga da família com quem morei durante dois anos. Ela não sobrevivia da costura, mas costurava. Estela, a filha da dona Zélia, estudava em uma escola de freiras e vivia a fazer trabalhos manuais diversos, estava sempre procurando “sarna para se coçar”, além de me cuidar e me ensinar o que aprendia na escola. Segundo Becker

Por meio da educação escolar ensinavam-se as habilidades manuais da agulha, para as mulheres, combinando a formação de donas de casa ou encaminhando as mulheres para o Magistério. São marcas de uma cultura, na qual a mulher foi e continua sendo educada. (2014, p.34)

Estela aprendia muitas coisas na escola, algumas compartilhava diretamente comigo ao me ensinar algo, outras indiretamente quando eu ficava a observar ela ensinando a irmã, ou fazendo algum artesanato. Ela estava sempre lendo, ensinando ou em meio a miçangas, pinturas, fitas de cetim, brilhos, tecidos. Era sempre uma coisa diferente. Hoje penso que tanto o desejo prematuro de ensinar, bem como o de fazer coisas manuais diversas que vinham à minha cabeça, tiveram origem nesta convivência que tive dos três aos seis anos de idade.

Recentemente, ao tentar recuperar um pouco da história da dona Zélia com a costura, através da filha, tive duas surpresas: a primeira foi a de que ao ingressar na escola com seis anos, Estela já havia me alfabetizado. Não me admira que eu achasse que já sabia as coisas, ao mesmo tempo em que não entendia nada do que a professora explicava. A segunda é que ela me disse que sua mãe pouco costurava enquanto que na minha memória, ela vivia a costurar e fazer tudo ao mesmo tempo. Ou seja, um fazer que era invisível. Conforme Eliane Chaud em seu estudo sobre as costureiras em Cruz das Almas/BA

A “costura” será aqui pensada não apenas como trabalho gerador de renda, mas como atividade presente na vida das costureiras participantes desse trabalho. Por desenvolverem em casa seu ofício, trabalham dia e noite, sem

horário para começar ou terminar, uma profissão que por ser desenvolvida em espaços domésticos integra a mulher enquanto dona de casa, mãe, esposa e costureira. A “costura” está inserida em seu cotidiano como uma atividade banal, do universo feminino, como cozinhar ou cuidar da casa e dos filhos.” (CHAUD, 2012, p.33)

Lembro bem que a máquina de costura ficava na cozinha, ao lado da mesa, colada ao banheiro. Dona Zélia fazia algumas das minhas roupas, pois não conseguíamos comprar tudo que era necessário. Eu amava a minha roupa de casamento. Composta de uma saia, um colete branco, de um tecido que parecia broderi e uma blusinha verde. Lembro-me de vê-la confeccionando um bustiê cor de rosa, moda na década de 80 entre as adolescentes, para a filha mais nova. A peça era composta de inúmeras partes, cheia de recortes, me parecia muito difícil. Ela desenhava o molde no jornal, cortava, costurava, a menina experimentava, não gostava, lá ia ela fazer o processo novamente. Eu adorava ver os tecidos, as fitas e os acessórios. Gostava de olhar. Isso quando não estava na escola ou estudando porque a escola era o principal.

Das lembranças mais longínquas da minha relação com a educação, está o ritual de formatura na creche do SESI, aos cinco anos, concluindo um período para ingressar no Ensino Fundamental. Como lembrança, ganhei de uma professora, um atlas histórico-geográfico. Este livro, muito utilizado para olhar figuras ou fazer pesquisa para as disciplinas de História e Geografia, me acompanha até os dias atuais. Agora, muito mais como elemento decorativo na estante, do que como aquele amigo de conversas curiosas, brigas e reflexões.

Imagem 6 - Formatura e Atlas Histórico Escolar



À esquerda, dona Geny me entrega o Atlas. Na dedicatória ela me parabeniza pela etapa vencida, e pede que eu guarde com carinho a lembrança, para enriquecer meus conhecimentos quando eu souber ler. Hoje eu responderia: “Dito e feito dona Geny, guardei!”
 Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Eu achava que não iria aprender a ler nem a escrever quando ingressasse na escola, e isso me causava muita angústia. Por outro lado, eu tinha que ir, queria estar na escola. Quem frequentava a escola era ou poderia ser inteligente, além de "ser alguém". Logo na primeira série, eu manifestava o desejo de ser professora. Em minhas brincadeiras solitárias, mas recheadas de inspiração e imaginação, adorava chegar da escola e transformar as paredes laterais da casa de madeira em quadro. Ao mesmo tempo em que estabelecia um diálogo com meus alunos imaginários, com o giz recheava aquele quadro de conteúdo. Tudo que eu aprendia, queria ensinar e compartilhar, mas ensinar na forma da escola.

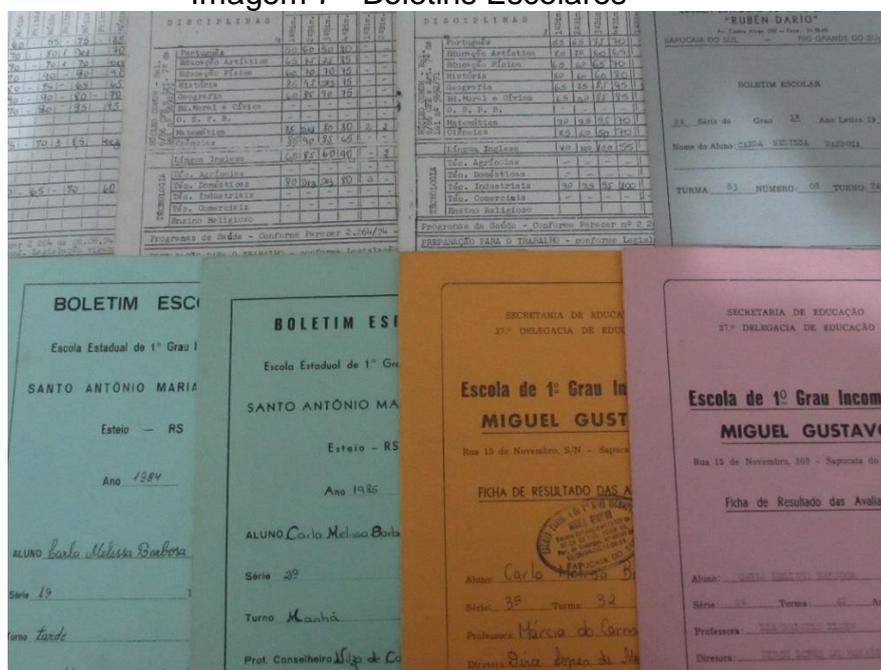
Durante muito tempo eu sonhei, sonhava em ser professora, em lecionar, em ensinar e aprender em sala de aula. Essa aspiração era antiga, tão distante no tempo, que não recorro exatamente como iniciou e nem o que me levava ao desejo de ser uma educadora. O fato é que, o desejo de ser e a incompletude do ser me acompanhavam e me perturbavam. (BARBOSA, 2015, p. 55)

Tendo a escola como o lugar do ser alguém, este espaço se tornou muito importante para mim. Era significativo frequentar aquele espaço. A escola era um espaço sagrado, de *status* diferenciado, mas também um espaço de muita segregação, de preconceito e no qual eu sempre tinha a sensação de não aprender nada, apesar de ter boas notas.

No ensino fundamental, comecei a gostar de História com o professor João Colombo Filho, de Artes com o professor Cláudio Berzagui e até de matemática com o professor Geny Chies. Mais tarde, no Ensino Médio Integrado, passei a amar História com a Sonia Porto Machado, a gostar de Geografia com o Nestor André Kaercher e, no fim do curso, de eletrônica com o Fernando Viacava. Com o José Pulz, aprendi que nota nem sempre representava saberes. Essa relação com a escola foi tão marcante que guardo comigo os "boletins escolares"²⁶ desde a primeira série, no ensino fundamental em 1984.

²⁶ Documento que registra o desempenho do aluno nas disciplinas, derivado das avaliações objetivas ao longo do ano. Instrumento de visibilização do que denominamos (no senso comum e intelectual também), de forma estereotipada, de bom e de mau aluno, independente das singularidades e da historicidade de cada sujeito. Embora, diversas sejam as pesquisas e as discussões sobre considerar e respeitar a singularidade do aluno, os saberes e fazeres da experiência, na prática, as avaliações continuam selecionando, segregando, enquadrando e definindo os melhores. Isso acontece mesmo nas avaliações realizadas nos espaços onde se originam tais estudos que problematizam esta questão e demonstram a importância dos aspectos históricos e sociais que o sujeito carrega.

Imagem 7 - Boletins Escolares



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O meu bom desempenho em matemática nas séries finais, reconhecido por nota, condicionou a minha escolha pelo curso de eletrônica no ensino médio. Fazer um curso técnico para ingressar logo no mercado de trabalho era o caminho dos alunos das classes populares que permaneciam na escola como uma possibilidade de ter uma profissão. Barros (2010, p.68) alerta que “para as classes populares, ter acesso e permanecer na escola representam demandas e, ao mesmo tempo, desafios”. Além disso, não era horizonte possível uma formação a longo prazo, fora do mundo do trabalho, em uma universidade.

Historicamente, como demonstra a análise de Fonseca (1986), sempre predominou o conservadorismo das elites, reservando para si a formação literária e científica. Para os trabalhadores prevaleceu a oferta de educação elementar e não universalizada para toda a população. Além disso, o dualismo educacional se expressa na destinação dos filhos dos trabalhadores ao trabalho e ao preparo para as atividades manuais e profissionalizantes. (CIAVATTA, 2009, p.412)

O meu sonho, na década de 1990, era ingressar para a Fundação Liberato²⁷, escola técnica com o ensino médio integrado. O ingresso na escola se dava através de prova de seleção de matemática e de língua portuguesa. Havia cota social, 50% das vagas eram destinadas a alunos que ficavam isentos da mensalidade e 50% para não isentos. O critério de definição era a renda familiar. Fiz a prova para o curso técnico de eletrônica e fui aprovada. Como a mãe era faxineira, a renda familiar ficava na categoria de isenção.

O curso tinha uma carga muito pesada de disciplinas técnicas e de formação geral. Comecei a gostar mais das ciências humanas. A prática docente nestas disciplinas ocorria através da relação e do diálogo com o aluno. Eram disciplinas consideradas, pela maioria, de valor menor, já que a Fundação era reconhecida pela formação profissional. Por outro lado, nas disciplinas técnicas, que relacionavam teoria e prática, a educação tinha uma prática rígida, centrada no ensino e um pouco mais excludente. As turmas eram montadas conforme a classificação dos alunos na prova de seleção e as diferenças não demoravam a aparecer, fenômeno este que segundo Charlot (2000), é constatado pelos teóricos da sociologia da reprodução²⁸, que associam o fracasso escolar com a posição social do sujeito, mas que ele afirma não ser determinante, alertando que

Procurar compreender o fracasso como uma situação que advém durante uma história é considerar que todo o indivíduo é um *sujeito*, por mais dominado que seja. Um sujeito que interpreta o mundo, resiste à dominação, afirma positivamente seus desejos e interesses, procura transformar a ordem do mundo em seu próprio proveito. (p.31)

No terceiro ano, acabei sendo reprovada, duas vezes em disciplina da área técnica e tive que sair da escola. Essa situação, tipificada como “fracasso escolar”, acentuou a crença de que eu não era capaz de aprender o que eu devia aprender. Esse período da minha história de vida, no qual se manifestou o “fracasso escolar”,

²⁷ A Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, é uma escola de educação profissional de nível técnico. É reconhecida internacionalmente pelo ensino de qualidade e o investimento em pesquisa. Recebe estudantes de várias cidades da região metropolitana de Porto Alegre/RS. Os cursos diurnos, integrados ao ensino médio são nas áreas de Química, Mecânica, Eletrotécnica e Eletrônica. Os cursos técnicos noturnos são destinados aos alunos que já possuem o ensino médio. O ingresso ocorre através de uma prova de seleção. Disponível em: <http://www.liberato.com.br/>.

²⁸ Ver Charlot (2000) e o debate que ele estabelece com as constatações/associações oriundas dos estudos da corrente teórica denominada “Sociologia da reprodução”.

marcou de maneira muito forte e acentuou, tanto externa como internamente, uma responsabilização individual que me acompanha. Atualmente, através do exercício da narrativa realizado no espaço de formação da pesquisa, da realização das entrevistas como momento de formação, e dos diálogos realizados em espaços não escolares, consigo visualizar, que foi um período bastante conturbado. Era uma fase de ocupação do papel de “madresposa” (conceito de Marcela Lagarde, abordado por SILVA, 2012), com uma carga de estudo e deslocamento bastante elevada, com pouca estrutura para estudar, muitos conflitos familiares, dificuldades econômicas e muita violência doméstica. Hoje percebo a escola, não apenas como o lugar do conhecimento, mas também como espaço de segregação e exclusão. Neste mesmo período, com 16 anos (3º ano), em um contexto da sala de aula, o professor de física questionou porque eu não havia feito o tema. Respondi que, apesar de ter levantado cedo, não havia tido tempo. Ele continuou: “Como assim não teve tempo?” Falei com um pouco de vergonha, que pela manhã havia lavado a casa (tarefa diária) e ajudado a cuidar da minha irmãzinha (como me referia à irmã mais nova). Na reunião de pais ele questionou minha mãe que, obviamente, negou devido ao tom de julgamento da pergunta. Quando ela retornou, teve briga feia. Na aula seguinte, ele me expôs novamente à turma, cheia de meninos de classe média, dizendo que havia conversado com a minha mãe e que eu não fazia nada em casa. Neste caso, teria tempo para estudar, fazer os temas e tirar boas notas.

CHARLOT (2000, p.23) elenca alguns aspectos que devem ser levados em consideração para analisar o fracasso escolar, como

- o fato de que ele “tem alguma coisa a ver” com a posição social da família;
- sem por isso reduzir essa posição a um lugar em uma nomenclatura socioprofissional, nem a família a uma posição;
- a singularidade e a história dos indivíduos;
- o significado que eles conferem à sua posição (bem como à sua história, às situações que vivem e à sua própria singularidade);
- sua atividade efetiva, suas práticas;
- a especificidade dessa atividade, que se desenrola (ou não) no campo do saber.

O fato é que, na prática, quem não alcança o resultado esperado pela instituição escola, é quem não é capaz. Por isso, apesar de ter ingressado com 14 anos no Ensino Médio, acabei me prolongando nele. Situação vivenciada por muitos alunos das escolas públicas. Como o curso era integrado e de quatro anos, foi necessário fazer as disciplinas do 3º ano, de formação geral, novamente. Para não perder tempo, fiz as provas em um curso supletivo, para obter o diploma do Ensino

Médio. Mesmo assim, eu queria ter uma profissão certificada e não via outra opção senão continuar o curso técnico. Então, fiz a prova de seleção novamente e voltei a estudar eletrônica à noite. Comecei a trabalhar durante o dia fazendo estágios, como técnica.

Passei por diversos estágios, em linha de produção, com automação industrial, na área de informática, até finalmente me formar no curso. Eu sempre desistia das disciplinas, achava que não estava aprendendo ou, muitas vezes, não conseguia dar conta de sair de casa às seis da manhã e retornar à meia noite. Conforme Barros (2010, p.99), os alunos que trabalham são “alunos trabalhadores, que estudam à noite e que chegam cansados à escola, após uma jornada intensa”. Tornou-se muito pesado trabalhar e estudar²⁹, mesmo assim terminei o curso e trabalhei como técnica de 1997 a 2010.

Durante este período ingressei na UFRGS, no curso de Ciências Sociais. Até os 24 anos eu nunca havia me imaginado estudando numa universidade. Não tinha ninguém na família, ou algum conhecido, que fosse formado. Eu incentivava meu namorado - hoje meu esposo, que também não se via fazendo isso, o que relaciono a questões de identidade e de pertencimento de classe talvez. Independente do gênero, fazer um curso superior não era parte dos nossos horizontes, do nosso imaginário.

Foram cinco anos de curso, com aulas/disciplinas todas as noites. No trabalho, exigiam certificações técnicas internacionais, mas não era disponibilizado tempo de estudo para se preparar para estas provas. Com tantas demandas, não mergulhava no curso de graduação, nem no trabalho.

Em setembro de 2007, me formei³⁰ no curso de graduação e em dezembro fui demitida. Procurei trabalho como professora sem muito sucesso. Após seis meses de procura, voltei a trabalhar como técnica. No final de 2010, quando a situação econômica melhorou, com apoio do meu esposo, abandonei a área técnica visando descobrir o que realmente queria fazer: estudar, ser professora de sociologia,

²⁹ Neste período, com 17 anos, eu fazia diariamente, o percurso Esteio- Porto Alegre – Novo Hamburgo – Esteio. Realidade vivida por milhares de trabalhadores/estudantes, os quais tem sido objeto de estudo dos pesquisadores da área trabalho e educação.

³⁰ Ao me formar na licenciatura, solicitei permanência na UFRGS para cursar o Bacharelado em Ciências Sociais.

continuar sendo técnica? Eram muitas dúvidas. Angustiava-me minha indefinição profissional.

No início de 2011, aos 34 anos fiz algumas oficinas sobre carreira, oferecidas pelo Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE)³¹ da UFRGS e em março fui direcionada para o atendimento individual para iniciar um processo de orientação para transição de carreira. Esse processo teve duração de um ano, sendo que no início, minha identidade profissional era de técnica e no final eu já me identificava como professora.

No mesmo ano, iniciei uma especialização no Ensino da Geografia e da História, na Faculdade de Educação da UFRGS, concluída no 1º semestre de 2012. Neste momento difícil, de transição de carreira, de identidade profissional fragmentada, de encontro com a docência, me matriculei em uma disciplina da graduação, através do vínculo com o bacharelado, denominada “Educação, Trabalho e Profissão” ministrada pela professora Maria Clara Bueno Fischer. A disciplina de seminário foi muito importante, pois foi meu encontro com os estudos do campo trabalho e educação. Foi quando eu conseguia fazer as leituras, entendia alguma coisa, participava nas aulas.

No final de 2011, comecei a trabalhar como socióloga no projeto social Mulheres da Paz³², no município de Sapucaia do Sul. Na prática, o trabalho se desdobrava em aulas e oficinas sobre cidadania e direitos humanos para as mulheres do Território de Paz³³. Eram mulheres na faixa etária dos 18 aos 70 anos de idade. O projeto foi executado por uma ONG cuja orientação metodológica era inspirada nos princípios de educação popular. Comecei a lecionar para uma das turmas e esta foi minha primeira experiência como professora e com educação popular.

³¹ O NAE, Núcleo de Apoio ao Estudante da UFRGS, oferece oficinas e atendimento para orientar os estudantes nas escolhas, nos projetos de carreira e na trajetória profissional. Os atendimentos podem ser em grupo ou individualizados.

³² O Projeto Mulheres da Paz fez parte do Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania (Pronasci), e tinha como objetivo a capacitação de mulheres atuantes na comunidade para serem mediadoras sociais.

³³ O Território de Paz é uma região do município escolhida para a implantação de ações do Pronasci, do Ministério da Justiça. O objetivo era envolver a população, para promover a cidadania, os direitos humanos, a inclusão social, para a redução da criminalidade e da violência na comunidade.

Também foi quando trabalhei com mulheres de comunidades em situação de vulnerabilidade. Estabelecendo um diálogo com os pressupostos da educação popular, foi um exercício constante de buscar respeitar, através de uma relação mais horizontal, os saberes e fazeres que essas mulheres traziam consigo. Durante este período pude ter contato e perceber os saberes e habilidades diversas que elas possuíam, e tudo o que produziam de artesanaria, de costura, de bordado, de alimentos, através de uma aprendizagem e de iniciativas solitárias. Os fazeres de algumas só eram conhecidos pelo resto do grupo, quando nos brindavam com uma de suas feitura. Na imagem abaixo, apresento uma fantasia confeccionada, de última hora, com caixas de leite e canudinhos, por uma aluna/artesã/costureira, para uma tarefa de equipe numa festa Junina.

Imagem 8 - Trabalhos Mulheres da Paz



A fantasia confeccionada pela aluna-artesã-costureira Maria Rosa veste Suellen Pinheiro para uma tarefa da festa. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Foi também nesta relação com estas mulheres que comecei a construir de forma mais sólida a identidade profissional de docente. Elas chamavam: “ô professora Melissa”! No início eu achava engraçado. “Como assim professora?” Também aprendi muito com aquelas mulheres que estabeleciam entre si, laços de solidariedade e de reciprocidade muito humanizadores. Nas confraternizações

diversas, elas se mobilizavam e arrecadavam recursos, alimentos, faziam doações, e, no final, ficava tudo lindo e maravilhoso segundo a impressão de todas.

Paralelamente ao trabalho no projeto social, iniciei o semestre de 2012 com uma monitoria na disciplina de Seminário. Após quinze dias surgiu a vaga para iniciação científica na pesquisa, na qual trabalhei até novembro, quando fui nomeada como professora pela Secretaria da Educação do Rio Grande do Sul. No projeto social, trabalhei até o início de 2013 quando assumi a vaga de bolsista de apoio técnico à pesquisa.

O início na escola foi muito conturbado e desanimador³⁴, mas eu precisava experimentar, aprender a ser professora. Não podia desistir sem ter esta experiência. Ao mesmo tempo em que trabalhava na escola, permaneci na pesquisa e continuava estudando, para outro concurso do Estado³⁵ e para a seleção da pós-graduação. Em ambos fui aprovada. Permaneci como professora do Estado até o mês de abril deste ano quando, tardiamente, percebi que era necessário abandonar a escola para tentar concluir os estudos no mestrado.

A minha história de vida desde a adolescência mescla trabalho e educação e neste sentido se assemelha muito à existência das costureiras que apresentarei. A formação e a trajetória profissional são tão centrais que marcam os diferentes tempos e espaços da minha vida. Sempre que busco na memória alguma lembrança, primeiro remeto à qual série escolar eu estava ou em qual empresa trabalhava e a partir dessa relação, reconheço o tempo.

Fazer este exercício tem possibilitado perceber que algumas escolhas não foram realizadas de forma consciente ou conforme os desejos guiariam. Tenho percebido que, como algumas das mulheres da pesquisa, posso fazer a analogia de que sentei em frente à máquina de costura na adolescência e após quase duas décadas me distanciei para me permitir olhar outros horizontes. Desde então, as coisas têm acontecido de forma muito acelerada, porém intensa, com muitas atividades sendo realizadas paralelamente.

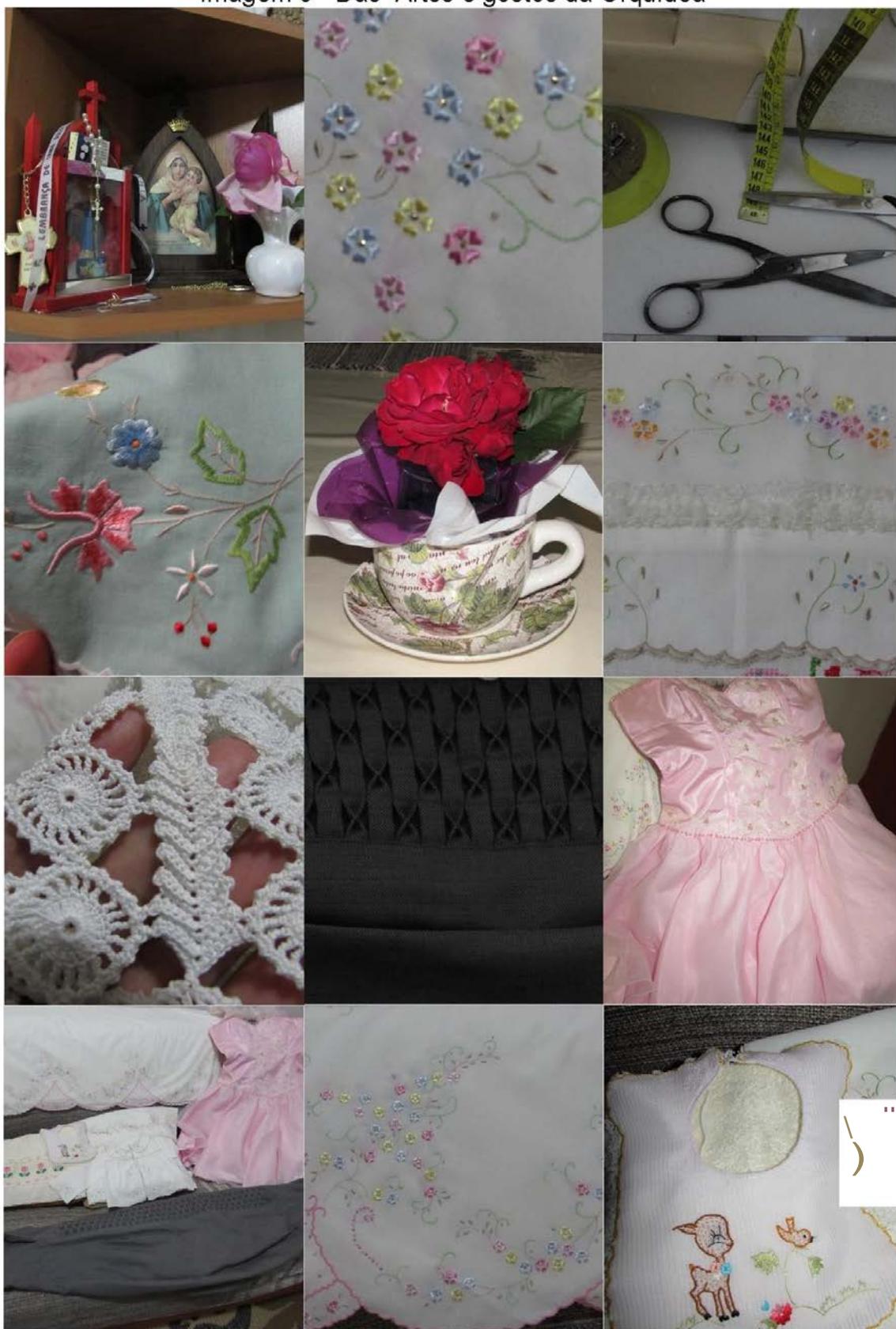
³⁴ Era final do ano letivo. A primeira turma aprovada no concurso foi nomeada e os contratados foram demitidos. Era período de eleição para diretor, estava uma guerra dentro da escola, cuja rivalidade entre os grupos de professores envolvia até os alunos. Foi um mês de muito sofrimento. Não conseguia dar aula em nenhum momento e não queria mais voltar.

³⁵ Fiz o concurso do magistério estadual de 2013. Desta vez, para a minha região e para a disciplina de formação. Fui aprovada e chamada para assumir em agosto de 2014. Acabei pedindo o fim da fila para concluir o ano na escola que eu estava.

Houve, também, um deslocamento do olhar e da sensação de ter a dissertação como um “objeto inatingível” (ROESLER, 2014), se abrindo possibilidades menos confusas e um reconhecimento dos meus limites, mas também de minhas possibilidades. O encontro com saberes e fazeres das mulheres, e de sua valorização, também tem ocorrido quando reencontro as produções que ajudam a aliviar os conflitos que coloco, através das imagens, como carta de apresentação deste subcapítulo. Antes de caminhar para a apresentação das costureiras, quero ressaltar que, embora o trabalho não esteja tão próximo da relação de saber que se estabelece nas pesquisas científicas, se encontrando mais mergulhado do campo empírico, ele também está muito distante do resultado que era esperado dada sua relação com a “*senzala feminina*”³⁶ de gênero, classe, etnia, de identidade e de pertencimento. Através da escrita, digo a minha palavra e os meus sentimentos, me existenciando, ao mesmo tempo em que dialogo e reflito sobre as biografias das costureiras. Além de ser um processo de formação como pesquisadora é uma transformação e formação pessoal. É a possibilidade de se perceber como sujeito capaz de se projetar no futuro, reconhecendo os inúmeros limites, mas vislumbrando muitas possibilidades. É “*A Mobilidade da Senzala Feminina*” (GERBARA,2000). E isto, por si só, já consideramos um processo emancipatório aos moldes dos pressupostos da pesquisa-formação.

³⁶ O termo “senzala” é aqui utilizado conforme o estudo de Ivone Gerbara (2000).

Imagem 9 - Das Artes e gostos da Orquídea



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

3.2 Orquídea: “Eu queria mesmo era ter estudado”³⁷

Orquídea tem 61 anos, é casada, recentemente, completou 40 anos de casamento e tem uma filha que seguiu a profissão de Assistente Social. Atualmente é aposentada. É uma conhecida antiga. Das lembranças que tenho, de 20 anos atrás, é do início da construção da casa da família. Eles moravam em uma casa antiga de madeira e foram, aos poucos, construindo uma casa de alvenaria. Ela sempre tinha muito trabalho, muitas encomendas de costura, mais o trabalho da casa realizado com ajuda do esposo e da filha. Os lençóis da filha eram trocados mais de uma vez por semana e era tudo impecável. Na frente da casa, o espinafre virava grama enquanto que nos fundos era cheio de maçonilha³⁸, pés de árvores frutíferas, um maracujá que subia pela laranjeira e algumas galinhas.

Quando fiz o contato convidando-a para participar da pesquisa, ela prontamente se disponibilizou, mas foi difícil encontrar tempo e acertar o encontro. Ou ela estava viajando para cuidar da sogra, ou tinha médico, ou estava envolvida nas atividades religiosas da comunidade ou na ginástica. Como ela mesma colocou, sem perceber a quantidade de tarefas nas quais se envolve

A gente não faz nada e nunca tem tempo. Viajamos para a praia, pra Santa Maria. Ficamos lá em Santa Maria 15 dias cuidando da mãe dele. Aí voltamos e tu chega, não sabe o que vai fazer primeiro: é médico, é isso e aquilo, ginástica duas vezes por semana. Eu sei que sempre tem coisa, não sobra tempo nunca. E a casa sempre tem serviço né Melissa! Chegamos de férias é uma sujeira, tudo para limpar. Cada dia faz uma coisa. Um dia é lavar janela, outro é lavar piso, outro dia do edredom. A gente planta umas coisinhas, estamos há duas semanas comendo salada de rúcula, radite, que plantamos...

No dia da entrevista, conversamos durante quase duas horas. Combinei com ela de fazer a transcrição e devolver para que ela fizesse a leitura e pudéssemos conversar novamente. Realizei a devolução da entrevista e retornei em outro momento para conversarmos. No retorno, ela colocou alguns pontos significativos

³⁷ A composição do título: “Eu queria mesmo era ter estudado”, é um trecho significativo da narrativa de Orquídea quando ela rememora seus desejos e o projeto de vida que almejava.

³⁸ Mais de uma vez ela me falou como semeava a maçonilha, chá mais conhecido como camomila. Eu nunca tive muito sucesso e com o passar do tempo acabei desistindo. Agora, muitos anos depois, entre as conversas na entrevista, ela me falou sobre a hipótese de as formigas carregarem as sementes para a toca. Saberes que só a experiência carrega.

que percebeu não haver comentado, e havia separado algumas, muitas de suas produções para fotografar. Dentre estas belas obras, havia um lençol todo bordado com flores, cujas pétalas são em formato de coração, um babeiço bordado, trabalhos em crochê, pano de prato com bordados e crochê, o vestido dos quinze anos da filha, uma bombacha, entre outros. Ela tinha uma colcha de crochê que, quando veio para a cidade, com o dinheiro apertado, teve que vender. Algumas peças, como o lençol, já têm mais de 40 anos. Conversando sobre a leitura e os aspectos interessantes, ela comentou o quanto gostou: *“Até me emocionei quando li, achei tudo muito bonito!”*. Isso também me emocionou já que havíamos feito esta caminhada juntas, através da interação.

Imagem 10 - Entre o Avesso e o Direito



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A imagem acima é de um mesmo guardanapo, retrata o lado direito e avesso da peça. É difícil diferenciar, devido à perfeição com que o bordado foi feito em ambos os lados. Alguns desenhos são do tempo dos bordados da avó. A avó trabalhava na roça durante o dia e à noite, com a ajuda da iluminação de um lampiãozinho, costurava e bordava peças que fazia para vender. Orquídea ainda tem a primeira tesoura que ganhou da mãe, há uns 50 anos, em perfeito estado e funcionando. Num momento de reflexão, comentou sobre a durabilidade das coisas que eram produzidas antigamente. Essa durabilidade, essa longa vida útil, do que

era produzido, se percebe também nas produções manuais, na qualidade das costuras e dos bordados de Orquídea.

Imagem 11 - Primeira tesoura



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Nasceu na década de 1950. Morava na localidade de Água Boa, interior de Santa Maria/RS. A família trabalhava na roça. Não tinham água encanada nem luz. Tinham que lavar roupa na fonte. Era a única mulher na casa, além da mãe.

Muito curiosa, aprendeu a costurar sozinha, ainda na infância, observando a tia. Olhava a tia costurar e *“achava que aquilo era uma grande coisa”* e queria aprender. Relembra que *“A tia, de vez em quando tinha que cortar roupa. Ela ficava uns dois dias. E eu ficava olhando, com os olhos que era um pila³⁹. Aprendendo, imitando”*. A tia fazia calça para os alfaiates da cidade.

Aos nove anos, desmanchava as roupas que a tia fazia para ela, e costurava novamente, de forma que visse menos defeitos, em busca de uma estética melhor. Esperava a mãe ir para a fonte lavar roupa e começava a recortar e refazer as roupas. E afirma: *“E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática”*.

Ficou refazendo as roupas, até o dia em que disse para a mãe que iria costurar o tecido que ela havia comprado, que não precisava levar para a tia, que

³⁹ A expressão “olhos que era um pila” foi aqui utilizada para dizer que ficava com os olhos atentos, curiosos, arregalados, observando.

não iria estragar nada. Assim começou fazendo a roupa para os irmãos oficialmente, há 53 anos.

Diante do desejo de Orquídea, a mãe sentiu a necessidade de colocá-la para aprender. Levou-a até uma vizinha distante que costurava, que sabia cortar as roupas por moldes. A costureira mostrou para ela que fazia os moldes utilizando um livro que tinha, disse que ia na cidade comprar outro para Orquídea e assim ensiná-la. Orquídea esperou que ela comprasse o livro e voltou lá mais uma única vez, com a qual aprendeu a tirar os moldes e perguntou sobre o preço das peças. Quando questionada sobre retornar para aprender, ela respondeu: *“Pode deixar que eu me viro sozinha”*. Logo começou a fazer roupa para fora.

“Comecei a cortar e fazer roupa. E daqui a pouquinho a vizinhança toda começou a levar roupa para mim fazer. Eu não era mais criança, já tinha uns 11 para 12 anos. Comecei a fazer roupa para fora, para os outros, e fui fazendo roupa. Fazia para todo mundo!”

A partir de então, começou a costurar e a ter cada vez mais e mais clientes. Além de costurar, bordava à mão os lençóis, em ponto cheio, ponto pintura de agulha e fazia caseadinho. Nos últimos vinte anos de atividade, o seu espaço de trabalho foi o seu canto no mundo, ou o seu mundo. Só parou aos 55 anos quando adoeceu e, contra a vontade, não pôde mais voltar a trabalhar.

Aos quinze anos, já tinha grande parte do seu enxoval. Com o dinheiro que ganhava, comprava tecidos e materiais para fazer e bordar seus lençóis, sua roupa de cama, além de sapatos e roupas. Pela manhã, fazia as tarefas da casa e à tarde costurava.

Imagem 12 - Orquídea no seu antigo espaço de trabalho



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Católica praticante, há tempos se envolve ativamente nas atividades religiosas da comunidade. Foi ministra da eucaristia durante cinco anos. Só abandonou a função por medo de cair na igreja, devido aos problemas de coluna. Agora diz que pegou “*coisa pior*”, lecionar catequese. Segundo ela, as crianças são difíceis e ninguém mais quer dar catequese, então “*sobra para os velhos*”.

Imagem 13 - “Meus santinhos”



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Muitas vezes confeccionou peças para a Igreja como as estolas, realizando não apenas o serviço de costura, mas inclusive os bordados e a roupa de

ordenamento dos padres da paróquia. Estes trabalhos, o pessoal levava o material e ela fazia sem custo: “isso a gente não cobrava nada”.

“A roupa de ordenação do padre Vanderlei, a casula⁴⁰ toda fui eu que costurei. Chegaram aqui na sexta feira de manhã com aquele casulão todo para costurar, colocar gola, pregar os bordados na frente. E eu pensei: meu Deus. Aquilo era enorme, para o outro dia, sábado de noite, aquele trambolhão. Eu sei que todo mundo foi dormir e eu fechei a porta e fui costurar aquilo. Era umas duas horas da manhã e eu estava costurando. Deixei para terminar no outro dia de manhã e passar. Fui passar aquilo e os bordados eram meio mal feito, tudo repuxado, me deu um trabalhão. E eu não conseguia arrumar aqueles bordados, muito mal feitos, não fui eu que fiz, e eu tentando ajeitar, alisar bem, molhando. Daí consegui colocar um pouco no lugar os bordados. Eu fazia quando os padres eram ordenados. Estolas, eu fiz um monte, e os bordados. Fazia tudo! Bordava trigos, cálices e desenhos. Depois colocava entretela e fechava. Não era difícil. Na verdade, aquilo que a gente fazia de graça, para os padres se ordenar. Uns quantos.”

Em sua garagem, mantinha o bazar da Irmã Ana⁴¹. Em meio ao trabalho da costura e da casa, muitas vezes tinha que parar para vender um lápis, um caderno, ou outro objeto qualquer demandado pela comunidade.

Frequentou a escola até a quinta série. Isso porque a professora foi até sua casa e insistiu com a mãe que ela voltasse para a sala de aula. Ela gostava de estudar, queria estudar, pois “era muito inteligente”. Não foi matriculada porque a mãe precisava dela em casa para ajudar

Ela precisava de mim em casa, para ajudar. Eram 10 pessoas na casa e só eu e ela de mulher. Então não me botou a estudar na 5ª série. Aí a professora apareceu lá em casa e disse:

- Eu vim ver porque que a Beatriz não foi estudar?

Minha mãe disse que tinha que ir para fonte, lavar roupa, e precisava de alguém para ficar em casa, fazer fogo, cozinhar o feijão, lavar a louça do café, arrumar as camas de dez pessoas, varrer a casa. Ela não conseguia fazer tudo sozinha. Então disse que não ia me botar mais, que eu já tinha aprendido que chega. A professora disse:

- Não Dona Nina, então vamos fazer um negócio, a Beatriz é muito inteligente, ela tem que fazer a 5ª série! Vamos combinar que ela vai segunda e quinta, a senhora escolhe os dias que ela pode ir.

A minha mãe já gritou:

- Segunda não! Segunda não pode! Segunda amanhece muito serviço, muita roupa suja, muita coisa. Tem que levantar e ir direto lavar roupa.

A professora perguntou se podia na terça, e a mãe disse que terça e quinta eu podia. Daí era o maior sacrifício para mim ir. Chegou no final do ano, eu não tirei o primeiro lugar ainda? ((muitos risos))

⁴⁰ Roupa, veste litúrgica, utilizada pelo padre na missa.

⁴¹ A Irmã Ana é uma figura conhecida na cidade de Esteio por ser muito atuante na comunidade, pelos serviços sociais que realiza junto à população em situação de vulnerabilidade. O bazar era realizado com produtos que conseguiam através de doações e a arrecadação retornava em bens para a comunidade.

Nos dias de chuva, o pai ajudava a fazer os problemas de matemática que ela “*achava moleza*”. O pai a incentivava muito a estudar, mas a mãe, que não era alfabetizada, não queria. Segundo Orquídea, sua mãe tinha um pensamento “*machista*”, dizia que mulher tinha que cuidar da casa e que se ela fosse para a cidade estudar, não seria uma mulher correta.

“A mãe disse que eu não ia mais estudar. Já tinha aprendido a escrever o nome. Uma vez a minha avó disse para ela:

- Tu tá cortando os caminhos dessa guria. Essa guria tem que ser professora. E a mãe disse que eu não tinha que estudar mais, eu já sabia escrever o nome, estava bom.”

Ela atribui essa determinação da mãe ao fato dela ser a única mulher na casa. Era quem poderia ajudá-la nas tarefas do lar, socialmente destinadas às mulheres. Segundo ela: “*Se tivesse nascido outra guria, a mãe não tinha pego tanto no meu pé. O que adiantou? Com 20 anos eu casei e ela ficou sem mim. Mas era tudo homem.*” Neste ponto, a presença da mãe foi marcante com relação à definição da trajetória profissional de Orquídea, que teve sua escolarização interrompida nas séries iniciais.

Silva (2012) relaciona as marcas da infância, apoiada nos estudos de Marcela Lagarde, e a influência das mães, nas escolhas futuras das mulheres.

Para Lagarde (2005), a relação com as mães é um dos processos culturais mais complexos. Rapidamente, as mães começam a exercer e encaminhar um processo de humanização com seus filhos e filhas lhes transmitindo cultura, no que a autora chama de ‘*comprimidos infantis*’, ensinando o que é ser homem e o que é ser mulher, em que condições se obedece, quando e quem manda. (SILVA, 2012, p.63)

E ela reafirma, um pouco pensativa, que o que queria mesmo era ter estudado: “*Eu escolhi ser costureira porque eu não pude estudar, mas na verdade eu queria estudar. Como eu não pude estudar, só tinha uma opção que era costurar*”.

Aos 20 anos, casou-se e continuou costurando. Quando sua filha nasceu, teve que pagar uma moça para ajudá-la, pois não podia levar a bebê para a sanga onde tinha que ir para lavar as roupas da família. Costurou durante quinze dias para toda a família da moça, dois sacos grandes de costura, em troca de dois meses de trabalho dela. Depois bordou “*um lençol para fora*” que vendeu “*para comprar um negócio que puxava água da fonte, um tal de carneiro*”.

Imagem 14 - Delicadeza da feitura



Lençol bordado por Orquídea há mais de 40 anos. Uma das peças que ela preservou. Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Quando veio para Esteio, ainda no início do casamento, *“foi um horror, era muita costura”*. Foram aparecendo tantas clientes que passava o dia e entrava noite adentro costurando. Deixou de utilizar o livro e começou a tirar o molde das revistas *Manequim* e *Moda Moldes*. As clientes escolhiam a roupa e já tinha o molde pronto. *“Isso facilitava o meu trabalho”*. Com o tempo, também passou a ter e manter alguns modelos de moldes, como os de blazer, além de ter o de algumas clientes já que, segundo ela: *“Aquilo ali me poupava muito tempo”*. Mesmo com a sistematização, a criatividade estava sempre presente, pois as clientes também inventavam coisas e Orquídea tinha que traduzir o que elas desejavam, desenhando, criando, adaptando.

Costurava muito, dia e noite. Diz que não cobrava barato e, como é muito detalhista, acha até que demorava mais que as outras costureiras: *“Tinha que ser no mínimo, nos mínimos detalhes”*. Mesmo quando conseguia **“dizer que não”**⁴² teria condições de fazer ou de entregar, as freguesas deixavam os tecidos a perder de vista. E diz que não sabe porque elas voltavam, já que o valor cobrado não era tão barato.

⁴² Embora essa questão não seja aprofundada neste trabalho, por questões de tempo, a expressão *“eu não sabia dizer não”* apareceu em todas as entrevistas. Mas permanecerá latente para uma costura posterior.

Eu cobrava bem, mais ou menos. Sempre cobrava mais que as outras. Sei lá, eu acho que gostavam das roupas que eu fazia. Elas mesmas diziam que preferiam pagar mais caro. E saíam feliz com aquelas roupas ((risos))

Ela tinha tanto serviço que, aos 30 anos, ficou tão esgotada e foi parar no Hospital de Clínicas em Porto Alegre. Durante uma semana ficou “por lá” fazendo exames. Os médicos achavam que ela não conseguiria trabalhar mais. Teve que parar por quase oito meses as atividades de trabalho. Ela relata como um evento muito significativo na sua vida de trabalho:

Eu tinha muita dor de cabeça. Fizeram um monte de exames. Tomografias de tudo que era tipo. Constataram que era um esgotamento. Inventei de pegar roupas de um CTG todo para fazer. Eram uns seis grupos de dança, com no mínimo uns dez integrantes cada um. Costurei muitos vestidos de prenda e bombachas. Costurava noite e dia e fui parar no hospital. Achei que iria conseguir fazer, mas sozinha não dava. E claro, precisava de dinheiro! ((risos)). Eu queria construir a parte da frente da casa. Levou uns oito meses para eu me recuperar. Eles disseram que eu não ia mais voltar ao normal. Emagreci muitos quilos.

Dentre os trabalhos que fazia, costurava vestidos de prenda, com metros e metros de tecidos, babados e bordados, vestidos de festa, vestidos de quinze anos, ternos, até vestido de noiva ela afirma “cansei de fazer”. Seu trabalho é marcado pela qualidade; “eu que nunca conseguia fazer de qualquer jeito”.

Imagem 15 - Detalhe do vestido de 15 anos da filha



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A relação dela com a escola e o desejo de ter estudado são marcas muito fortes na narrativa. A interrupção dos estudos é um laço marcante que aparece, ou melhor dizendo, um nó, na perspectiva de Josso (2006) na vida de Orquídea. Ela

queria ser professora. Quando ela veio para a cidade, a vizinha até se ofereceu para cuidar da filha e insistiu que ela voltasse a estudar, ao que ela, lembrando, afirma que foi burra, mas logo em seguida ressignifica e desata um nó percebendo que foi uma escolha cujo condicionante tinha sido a questão econômica:

“Lá fora não tinha como continuar e a mãe não deixou eu ir para a cidade morar com a madrinha. Na época eu banquei muito a burra, porque tinha a tia Elza aqui do lado e ela disse que eu podia estudar à noite, que ela ficava com a Vandri. Daí eu disse: - Eu não posso estudar! Eu tenho que trabalhar, para ganhar dinheiro! Porque na época eu fazia aquele monte de costura, ganhava bastante dinheiro. Se eu saísse às 6 horas para ir para o colégio, e eu trabalhava até meia noite às vezes, eu ia perder muito dinheiro. O Vanderlei chegava em casa às 11 horas da noite, trabalhava de tarde. E eu ficava costurando até lá. E a renda dele, não tinha como. Se eu não costurasse, não tinha como fazer essa casa, não tinha como.”

Num primeiro momento, tem-se um processo de responsabilização individual “*eu fui burra*” que é visto de outra forma quando ela procura explicar para si e para o outro os motivos que a levaram a realizar tal escolha, trazendo as condições que se apresentavam naquele momento e fazendo esta nova leitura no presente no sentido de que

Se o passado não pode ser alterado, sempre podemos alterar nossa relação com este passado ao compreendermos o peso de nossa história na vida presente e futura. (GAUJELAC, 2009 apud ROESLER, 2014, p.7).

Mesmo assim, ela retornou à escola e concluiu o Ensino Fundamental na Modalidade EJA, com quase 50 anos. Era um sonho antigo, interrompido na infância. Por conta disso, nunca quis ensinar sua filha a costurar. Quando a filha questionou sobre quando aprenderia, Orquídea disse logo que ela tinha que estudar, o máximo que ensinou foi a costurar botões. Como era muito curiosa, Orquídea queria aprender a costurar, mas queria estudar e ser professora.

Aos 55 anos, ela adoeceu da coluna, justamente por causa dos anos de trabalho sentada junto à máquina e não pôde mais voltar a trabalhar. Chegou a fazer tratamento até que o médico informou que, se quisesse melhorar, teria que parar de costurar. A partir de então, iniciou-se um longo processo de idas e vindas da perícia até que, após reconhecer que não teria mais condições de trabalhar, contratou uma advogada para assegurar e agilizar o seu direito à aposentadoria. Foi um momento de muito sofrimento físico, e também psicológico, seguido da perda do vínculo com o trabalho

Não sentia nada na época, não tinha dor nenhuma e aí de repente começou a aparecer aquilo... Foi de repente! Comecei a sentir aquelas dores, parecia que eu estava toda quebrada nas costas. Em um mês eu caí três tombos. Tinha coisa errada! Comecei a ir para o médico, me tratar e não teve jeito. Fiquei um tempo de atestado. Mas eu estava tão, tão debilitada, tão atrofiada. Fiquei três anos na fisioterapia, fazia hidro, tomava remédio. Eu deitava e depois não conseguia levantar mais. Era coisa mais triste do mundo. Foi coisa mais horrível! Eu pensei que o médico me dando três meses de atestado, eu ia me recuperar e voltar de novo. Eu tinha que me encostar, eu pagava INPS. Não conseguia sentar, depois não conseguia levantar, não podia ficar muito deitada, não podia ficar muito sentada, não podia caminhar muito. Eu não podia ficar numa posição só muito tempo. Fui melhorar mesmo no terceiro ano. Até no psiquiatra tive que ir. ”

Afirma que era tanto trabalho, que nunca pode dizer que realmente havia terminado tudo que tinha dentro de casa. Durante mais de quarenta anos, ela havia trabalhado sentada costurando. Quando tinha que cortar a roupa, ela se organizava e cortava tudo de uma vez só e o resto da semana era sentada. Acabou se aposentando precocemente por *invalidez e pela profissão*

“Se eu não fosse costureira, eles não tinham me aposentado. A advogada dizia que era um serviço muito brabo, eu tinha que ficar sentada, o que não era mais possível. O INPS mandou um e-mail dizendo que eu poderia fazer outra coisa, outro serviço, e ela perguntou: “o que a cliente iria aprender a fazer com 55 anos, que outra profissão? ” Então ela ganhou na justiça. Eu tive que contratar ela, porque era um nojo, eles davam três meses e negavam. Aí eu tinha que ir lá, me humilhar, fazer uma perícia, olhar para cara daqueles doutores e fazer perícia de novo.”

Após parar de costurar, as clientes continuaram procurando durante muito tempo, inclusive nos dias atuais, demandando encomendas. Ligavam toda hora, até que chegou um ponto que a filha teve que começar a dizer para não ligarem mais e não aparecerem, já que sua mãe não poderia mais voltar a trabalhar. Das encomendas que ficaram pendentes, Orquídea fez contato com as clientes informando a situação e solicitando que fossem buscar. Diz que até hoje, seis anos depois, ainda tem tecidos das freguesas.

Das coisas boas da costura, ela relata a importância que teve o fato de trabalhar em casa para conciliar o cuidado com a filha. Não teria quem cuidasse ou com quem deixar e, ainda assim, conseguia ganhar dinheiro. E ressalva: *“Sem filho, tu podes trabalhar em qualquer lugar, mas no momento que tem um filho, você tem que ter tempo para aquele filho. ”*

Além disso, o seu trabalho, e a renda oriunda dele, era fundamental para a economia da família. Como afirma: *“Se eu não costurasse, nós não teríamos feito essa casa”*. Também faz uma relação da educação com a sua opção de se

distanciar do mundo do trabalho formal, percebendo isso como uma escolha vinculada às suas condições de existência

“Se eu fosse trabalhar numa empresa, sem estudo, eu ia ganha muito menos e ia ter que deixar minha filha rolando. No fim eu trabalhava em casa, ganhava mais que qualquer / vamos supor que eu trabalhasse na Lansul ou na Artefina.”

A história de vida da Orquídea foi de muito trabalho que, às vezes, chegava a ser um peso. O trabalho era reconhecido pela qualidade, fato que ela levava em consideração no preço final do produto. Isso pode ser verificado quando ela afirma que não cobrava barato.

Apesar dos condicionantes na infância, neste caso penso que foram determinantes, já que suas escolhas dependiam dos planos que a mãe tinha ou não tinha para ela, percebe-se um protagonismo nas escolhas feitas na vida adulta. Estas em grande parte estão condicionadas pela questão econômica, mas vinculadas a um projeto de vida que não era apenas de subsistência, mas também de ter uma melhor qualidade de vida, condições de moradia digna e a possibilidade de garantir à filha o acesso à educação. Soma-se a isso traços muito fortes de domínio sobre o próprio trabalho, cuja realização estava permeada por valores ligados à estética e com o vínculo de responsabilidade no compromisso assumido com as clientes, de gerenciamento e autogestão das atividades, de liberdade para criação, sistematização e inclusive definição do valor a ser cobrado pelo produto final. Trabalho este que as clientes procuravam pela qualidade com que era realizado.

Imagem 16- De tudo que Tulipa gostava e gosta



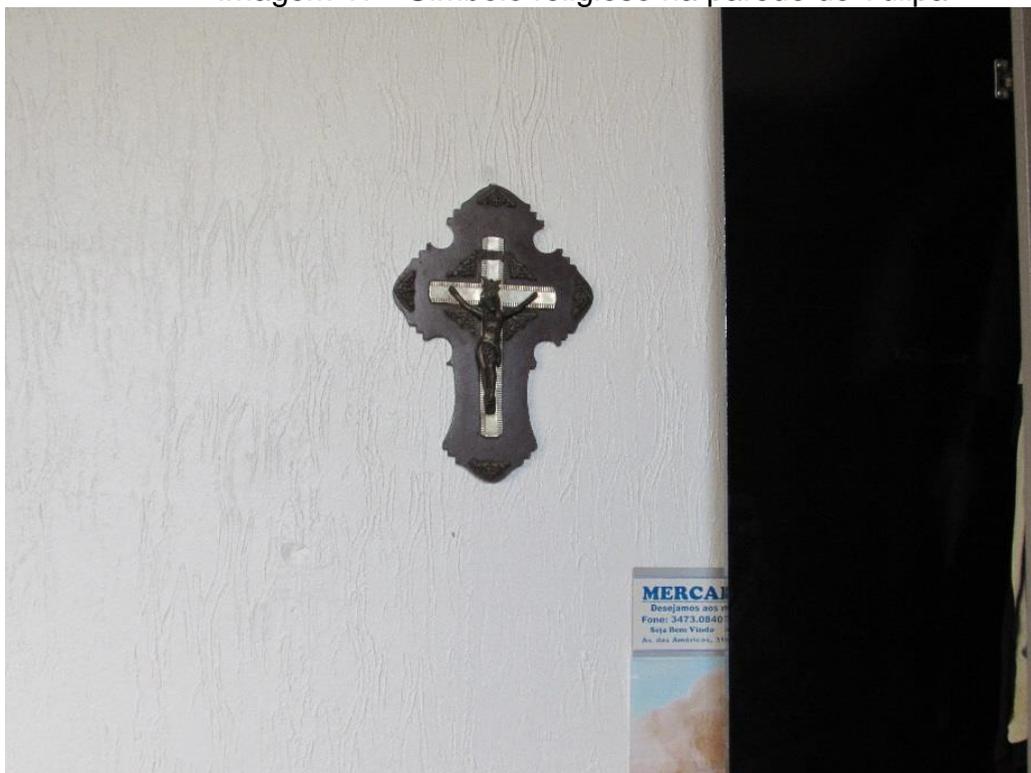
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

3.3 Tulipa: “A gente tinha aquele sonho de ter a casa própria”⁴³

Tulipa tem 70 anos, teve seis filhas, tem sete netos e acha que é pouco, quer mais! Foi casada durante 42 anos e é viúva há pouco menos de um ano. Muito ligada às relações familiares, sempre constituindo laços muito fortes, passou por algumas perdas significativas nos últimos anos: a de uma filha, da irmã mais velha com quem aprendeu a bordar e costurar, do esposo e, há poucos meses, do irmão mais novo.

Assim como Orquídea, também é muito religiosa. Quando mais jovem, ela fazia parte do coral da Igreja Nossa Senhora. Queria cantar, sempre olhava na televisão. Porém, isso nunca passou de um sonho que ela nunca comentava com ninguém, e que traz através da narrativa quando pergunto se ela pensava em ter outra profissão.

Imagem 17 - Símbolo religioso na parede de Tulipa



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

⁴³ Fala da Tulipa: trabalhar para realizar o sonho de ter a casa própria.

Conheci ela e seu trabalho através de uma amiga, há doze anos. Encantavam as roupas que ela fazia para as filhas, que elas criavam juntas. Elas também tinham conhecimento de diversas artes manuais, faziam crochê, bordavam, conheciam técnicas para envelhecer tecidos e papel. Quando à conheci, a casa da Tulipa era cheia, muito cheia de sacolas com encomendas. E ela, na época, com 58 anos, ainda trabalhava ativamente como costureira.

Imagem 18 - Peças, confeccionadas por Tulipa.



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

O primeiro encontro com ela também foi um pouco demorado, era difícil encontrá-la, estava sempre envolvida em cuidados com alguém da família. Encontramo-nos mais de uma vez e a acolhida foi algo que me chamou a atenção. Quando marcamos a segunda conversa, ela havia se mudado e atualmente mora sozinha. Na primeira conversa, iniciamos de forma descontraída em que ela me perguntou como eu estava e quando teria filhos, falamos sobre pessoas conhecidas, em seguida pedi que falasse sobre como havia se tornado costureira.

Ela morava com a família em uma charqueada onde o pai trabalhava. Em 1957, com doze anos de idade, veio com a família para Sapucaia do Sul/RS, morar na casa da tia que já tinha vindo do interior em outro momento para trabalhar em casa de família. A vida das tias “foi trabalhar como domésticas”.

Logo aprendeu a bordar com a irmã mais velha que já era bordadeira de profissão. A irmã tinha vindo morar com as tias para aprender uma profissão. Aprendera a bordar numa escola de freiras em que havia estudado. Segundo Tulipa, a irmã era uma bordadeira de mão cheia, reconhecida pela qualidade dos trabalhos de bordado que fazia:

“Bordava bordados, aqueles para enxovais, para os filhos de governador, sabe aquelas coisas lindas? Arco aventais, só no dizer esse nome, as pessoas vão saber que era realmente muito, muito chique, os bordados eram os mais difíceis, os mais exigidos e a minha irmã bordava para eles.”

A irmã ensinou e elas aprenderam muito rápido. Logo estavam fazendo peças bordadas. O trabalho, feito com esmero, era reconhecido e, dessa forma, tinham muitas encomendas.

“Era naquele tempo que usava baberoiros finíssimos, tudo de cambráia, coisas finíssimas, camisetinhas. As roupas dos clientes mais caros, os bordados mais delicados, éramos nós que fazíamos.”

Também faziam bordados modelo ponto cruz em tecido de linho, com temas de Páscoa, de Natal, dentre outros. Quando terminavam um trabalho e olhavam o resultado, ela comenta: *“a gente achava que parecia um sonho aquilo, mas nós fazíamos”*.

Quando o serviço de bordado diminuiu, ela foi trabalhar em um lanifício da região como aprendiz, com 14 anos. Fazia uma das etapas mais pesadas do processo, logo após o recebimento e lavagem da lã. Segundo ela, foi aquele trabalho que lhe *“estragou a coluna”* ainda na adolescência. Trabalhou uns três anos nesta indústria, nove horas e meia por dia, com salário de aprendiz. Depois foi para a Artefina⁴⁴ trabalhar na área de bordados das roupas. E com 11 meses de serviço, ela se tornou contramestre e ali trabalhou mais uns dois anos.

*“No tempo que Artefina era toda aquela delicadeza, aquele bordado feito à mão, uns trabalhos bem delicados. E com nove meses de serviço eu não dava produção, mas eu dava qualidade. Com nove meses de serviço, o diretor da firma me chamou e disse:
- Pois é Dona Regina, estou lhe chamando aqui, já passou mais de 3 meses e a senhora não dá produção né!
E eu digo:
- Ah, realmente eu não dou produção mesmo.
Aí ele disse:*

⁴⁴ Indústria de confecções localizada no município de Sapucaia do Sul/RS que era muito reconhecida pela qualidade dos produtos confeccionados.

- Mas a senhora dá coisa mais importante que é a qualidade.”

Quando o trabalho com bordados diminuiu, a irmã foi trabalhar num atelier de costura e logo levou elas para trabalharem junto e assim, Tulipa, desejando trabalhar e curiosa que era, foi aprendendo a costurar através da experiência de trabalho.

“E a gente começou, quer dizer, no início, é claro, a aprender a máquina. Curiosa eu sempre fui. Aprender a máquina de costura. E aquela coisa toda mais, e ela ia cortando, a gente montando, e aí nós iniciamos. Quer dizer nós, eu nunca tirei diploma de costura especializada, isso não. A gente foi indo, a gente foi costurando, ela foi indicando, a gente foi fazendo, fomos costurando, costurando.”

Depois a irmã foi trabalhar com uns “*turcos riquíssimos*” e deixou Tulipa com a dona Terezinha, “*uma modelista incrível, ela costurava para a classe A mesmo. Eu fui aprendendo, me aperfeiçoando com a Dona Terezinha. Aprendi o que tinha de mais clássico na costura, de mais fino, tudo eu aprendi com ela*”. Trabalhou desde a adolescência, pois precisava e queria, junto com as irmãs, ajudar os pais e melhorar a vida deles.

“Era uma necessidade. E a gente trabalhava, era uma necessidade de trabalhar e o que a gente mais queria era trabalhar, era o sonho de ter a casa própria. Nós tínhamos aquele prazer assim, tanto de vestir os pais como de vestir a casa. Foi aquela vida gostosa de quem amava os pais de quem amava os familiares, sabe?”

Quando ela tinha 24 anos, o pai teve um infarto e ela decidiu que ficaria cuidando dos pais e não iria casar. Não se interessava nem em comprar enxoval e aos 27 anos, quando casou, acabou ganhando muita coisa do enxoval das irmãs. Mesmo após casar e ter “*a filharada*” continuou se dedicando a costurar.

Ao concluir o ensino fundamental, fez, por conta, os cursos de datilografia e de comércio. Trabalhou como bordadeira, em linha de produção na indústria, em escritório de contabilidade como secretária, em muitas malharias em Porto Alegre, em atelier e em boutique como costureira, teve um atelier que montou com uma concunhada “*na cara e na coragem*”, costurou em casa para lojas e para clientes finais.

Imagem 19 - Ferramentas de trabalho de Tulipa



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Após casar, ficou uns seis meses em casa, mas a irmã mais velha logo veio buscá-la para trabalhar numa malharia mesmo a contragosto do marido. Porém, negociou dizendo que o dia em que ele conseguisse “*colocar tudo dentro de casa sozinho*” então ela ficaria só em casa. Após ter as seis meninas, teve a casa que morava em Porto Alegre/RS arrombada e incendiada. Neste momento trágico de sua vida, decidiu parrar definitivamente de trabalhar fora e ficar trabalhando em casa. “*Aí sim definitivamente aterrissei dentro de casa e continuei costurando*”. Optou por trabalhar em casa, “*para poder ficar com as gurias*”.

O esposo trabalhou a vida toda com pintura, era reconhecido pela qualidade do trabalho. Tulipa lutou para conseguir aposentá-lo, e depois para receber pensão quando ele faleceu. Também teve que correr atrás para conseguir ela mesma se aposentar. No final, teve que apelar e contratar advogado para ter acesso aos seus direitos.

Parou com a costura por causa dos olhos, que estão sempre lacrimejando. Atualmente ela faz, esporadicamente, algum trabalho para as filhas e netos. Tem uma peça da casa designada como espaço de trabalho, onde estão os seus meios de produção, três máquinas de costura, uma máquina de forrar botões, linhas, tesouras, agulhas, etc. Tem o desejo de ter uma máquina de escrever e aprender a utilizar o computador que inclusive já adquiriu, mas diz que ninguém tem paciência para ensiná-la.

Os laços familiares foram e são muito presentes e marcantes na vida de Tulipa. Isso aparece tanto na relação com a família de origem, pai, mãe, irmãos, tias,

como na família que formou com esposo, filhas, genros e netos. Ela e os irmãos trabalhavam desde cedo e ajudavam os pais. A família está sempre muito presente na narrativa. Neste caso,

Os *laços de parentesco* são, indubitavelmente, os mais evocados nos relatos, quer sejam laços herdados por nascimento, quer sejam laços de aliança. Alguns estruturam a trama da narração, outros desaparecem ao longo do relato sem que isso signifique uma ruptura ou um parêntese momentâneo: simplesmente eles deixam de ser tão significativos do ponto de vista da formação. É um pouco como se tivessem cumprido um tempo. A força desses laços de parentesco se expressa nos *laços de lealdade e de fidelidade* que engendram e que se manifestam não apenas na preservação das relações mais ou menos ritualizadas, mas igualmente nas convicções adotadas. [...] (JOSSO, 2006, p.376)

Nessa relação afetiva e íntima que se estabelece na família, como parte indissociável da sua história de vida, os sonhos e desejos que aparecem na narrativa, são coletivos: *“o que a gente mais queria”, “a gente tinha aquele sonho”, “a gente fazia tudo para eles”, “o que a gente mais gostava era ver eles felizes”*. O único sonho individual relatado, muito timidamente e com um pouco de rubor nas bochechas, era o que ela tinha de poder cantar e que nunca falou para ninguém. Conforme Gerbara (2000), as mulheres que fizeram parte de seu estudo, com uma existência muito sofrida, muito pobres, com condições precárias de vida, tem uma dificuldade de sonhar para si. Sonham para a família, filhos, filhas, netas, netos, como Tulipa que desde a adolescência sonhava para os pais e na vida adulta sonha para as filhas, para os netos e netas.

[...] Há uma espécie de coletividade nos sonhos, como se cada personalidade feminina tivesse uma individualidade plural ou coletiva. [...] pode-se dizer que os sonhos das mulheres pobres são na sua grande maioria sonhos em torno do mundo da família. É como se a vida dos filhos e filhas fosse o prolongamento de suas próprias vidas. (GERBARA, 2000, p. 77-78)

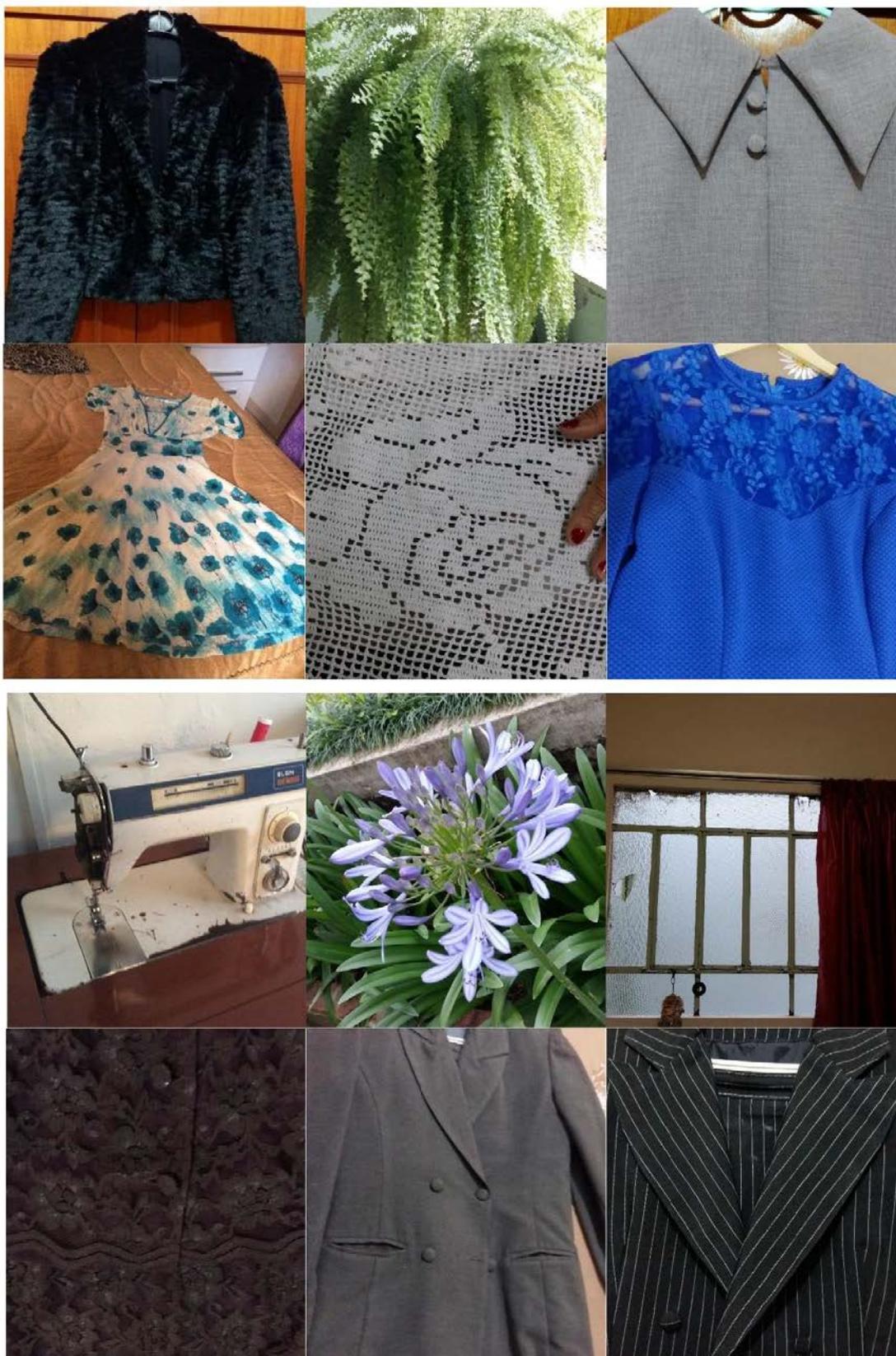
A narrativa da Tulipa tem como fio condutor a trajetória de trabalho marcada pela presença da irmã mais velha como uma espécie de mestre e o trabalho como meio para um projeto de vida para ter a casa própria. O saber-fazer aparece no resultado do trabalho bem feito, no reconhecimento e no gosto pelo resultado do trabalho. Toda a narrativa é permeada pelas relações de afeto com a família, em especial pelas relações de cuidado, de solidariedade e de proximidade.

A grande mobilidade espacial faz parte da vida de Tulipa até os dias atuais. Ela morou em vários locais e cidades do Rio Grande do Sul, entre elas, Porto

Alegre, Sapucaia do Sul, Esteio, Arroio do Sal e sempre trabalhava como costureira. Justifica, embora não entre em detalhes, que todas as casas que teve, houve algum problema muito sério que fez com que ela tivesse que vender. Antes dela optar definitivamente por trabalhar em casa, sua trajetória profissional se alternou durante muito tempo entre o trabalho formal, informal e a domicílio.

No caso de Tulipa, o trabalho com a costura, com a casa e com as filhas, não aparece como excessivo ou como um peso como aparece no caso da Orquídea, embora seja possível perceber que ela sempre trabalhou muito. Para ela, era muito natural esperar todos dormirem para realizar tarefas como lavar a casa, os tapetes, a roupa, dentre outros serviços relacionados à casa. A questão religiosa é muito presente na narrativa, “[...] sonhos são vividos em ligação com as forças religiosas” (GERBARA, 2000, p.78). O trabalhar, para ela, esteve muito ligado a um projeto de vida que era, através da renda obtida com o trabalho da costura e com a “*ajuda de Deus*”, garantir uma melhor qualidade de vida à sua família, seja para a família de origem, pai, mãe e irmãos ou para a família que formou. E neste sentido, se sente gratificada e agradecida por ter conseguido criar suas filhas, com comida na mesa, com um teto para morar e sem passar necessidades.

Imagem 20- Um pouquinho de tudo que Rosa ama



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

3.4 Rosa: “E eu amei aquilo. Era o que eu mais queria na vida”⁴⁵

Olha, foi difícil! Mas aí é que eu sobrevivi! Aí que eu trabalhava! E era muito gratificante. Quanto mais nervosa eu estava, mais eu trabalhava. (Rosa)

Importante, para que não se perca o fio da meada, iniciar a história de Rosa por duas questões centrais na sua narrativa: o desejo, o gosto e o amor pelo que faz, e a opressão vivenciada por ela, ao longo de sua vida, na família que constituiu após adulta. A relação entre a opressão e o “*amar o que faz*” é peça chave na sua narrativa será abordada mais adiante, após conhecermos um pouquinho da Rosa.

O contato com Rosa, se deu através de uma tia minha e *freguesa* dela. Sendo esta tia uma cliente muito exigente, chamou a atenção a forma como ela se referia à Rosa e ao seu trabalho. As referências apareciam em forma de reconhecimento e muitos elogios aos saberes e ao trabalho realizado, afirmando constantemente que Rosa era uma “baita costureira”, uma “artista”, uma “modista”. Que como ela não tinha igual.

Os primeiros contatos com Rosa, para fazer algumas combinações, ocorreram por telefone, mas nosso primeiro contato pessoal, ocorreu no momento da entrevista. Sendo o primeiro encontro pessoal o mesmo de realização da entrevista, não tínhamos ainda uma relação de confiança pré-estabelecida como havia com Orquídea e Tulipa. E por mais que o momento da entrevista tenha sido planejado e preparado, ancorado em aportes teóricos norteadores, ele é permeado por uma certa insegurança. Como vamos iniciar a conversa de forma que a mesma se torne fluida e possibilite conhecer, neste caso, a trajetória profissional e tudo que nela está imbricado? Conforme Szymanski,

[...] há algo que o entrevistador está querendo conhecer, utilizando-se de um tipo de interação com quem é entrevistado, possuidor de um conhecimento, mas que irá dispô-lo de uma forma única, naquele momento, para aquele interlocutor. Muitas vezes, esse conhecimento nunca foi

⁴⁵ Trecho da narrativa de Rosa quando ela lembra, com entusiasmo, a época em que o pai “conseguiu” uma professora para dar aulas de costura a ela e suas amigas. A mesma frase se repete quando ela rememora o momento em que o pai lhe deu sua primeira máquina de costura, “*daquelas antiginhas*”.

exposto numa narrativa, nunca foi tematizado. O movimento reflexivo que a narração exige acaba por colocar o entrevistado diante de um pensamento organizado de uma forma inédita até para ele mesmo (SZYMANSKI et al, 2002, p.14)

Havíamos marcado o encontro para as quatro da tarde. Acabei me atrasando e quando cheguei, Rosa não me atendia o que me gerou muita tensão. Além de chamar e bater palmas, acabei ligando várias vezes e nada. Quando eu estava desistindo, Rosa apareceu. Logo o gelo e a tensão foram destituídos do lugar central que ocuparam por alguns instantes, através da descontração e da acolhida de Rosa. Quando comentei sobre essa sua característica, ela atribuiu ao exercício da profissão: *“Ah, por favor, esses anos todos lidando com o público, a gente desenvolve algumas habilidades”*. Explicou-me que havia deitado para descansar um pouco após voltar de uma saída no centro da cidade.

Neste dia da entrevista conversamos por mais de duas horas e o *“papo”* só foi encerrado pois minha carona já estava à espera. Penso que teria se estendido um pouco mais. Também combinei de fazer a devolução do material transcrito. E os momentos seguintes, tanto da devolução, bem como o de retorno para outra conversa, foram muito acolhedores.

Rosa tem 70 anos e uma energia e tanto. Teve três filhos, tem um neto, uma neta e dois bisnetos. Foi casada durante 20 anos e, aos 43 anos, resolveu se separar pois a vida que levava com seu esposo e filhos, sob o mesmo teto da sogra e do sogro, se tornou insuportável. Parou de estudar com 15 anos, chegou a repetir a 5ª série para continuar na escola. Bem como Orquídea, teve seu direito à educação negado, pois também morava no interior, na Granja Vargas em Palmares do Sul/RS, e não havia escola nas proximidades. Teria que morar em outra cidade, com outras pessoas

Na época a gente morava no interior. [...] Depois tinha que sair e ir morar com alguém estranho, aí eu não quis. A gente era tudo pintinho da mãe! Eu não gostava de sair, não consegui sair para ir morar com outra pessoa e estudar.

Como Tulipa, Rosa é católica praticante. Pela casa e no espaço de costura, se encontra imagens religiosas. O exercício de sua religiosidade se dá através de sua crença, de suas orações, e da frequência com que vai à Paróquia mais próxima, distante aproximadamente 1 Km, assistir à uma missa.

Imagem 21 - Imagens religiosas na sala de costura



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Valores éticos, estéticos, religiosos estão presentes no exercício de seu trabalho. Ela ficou muito incomodada quando confeccionou saias para as freiras e o comprimento da peça era pouco acima do joelho. Considera o joelho uma parte do corpo que é “feia” que não deve aparecer

O meu maior problema foi costurar para umas freiras, porque eu não gosto de vestido curto ((risos)) nada mostrando o joelho. O joelho eu acho uma peça muito feia. Tudo bem para botar uma bermudinha, mas um vestido de joelho de fora, não.

Ao falar sobre a profissão, iniciou a conversa logo com uma pergunta: “O que eu vou falar? Eu pensei até que tinham esquecido essa profissão! ”. Começou a querer ser costureira ainda na infância. Nasceu na década de 1940 e, desde criança, sempre tinha o desejo de ser costureira. Nas brincadeiras ficava a costurar a roupa para as bonecas, e às vezes nem conseguia brincar.

Quando chegava a minha vez de fazer a roupinha das minhas bonequinhas, as outras já estavam tudo cansada de brincar e eu estava às vezes com a roupinha pronta, às vezes não e eu acabava não brincando.

Com oito anos já estava aprendendo a fazer “bordadinhos”. Em três anos das séries iniciais, que estudou em um colégio Marista no município de Gravataí/RS, região metropolitana de Porto Alegre/RS, adquiriu seus “dotezinhos”. Aprendeu a bordar e a fazer outros trabalhos manuais: “No sábado era para bordar e eu adorava! ”. Na família, a avó “costurava mais ou menos, botava uma peça em cima da outra”.

Após “muitas andanças e sacrifícios”, a família foi morar no interior, na Granja Vargas, em Palmares do Sul/RS. Em seguida, outros granjeiros e suas famílias,

foram aparecendo na região. Ao concluir o curso primário, com 15 anos, o pai procurou coisa para as meninas da região fazerem. Ele sempre investia muito nos filhos. Conheceu uma senhora que foi morar nas redondezas e que podia dar aula de costura, como professora mesmo. Então, o pai negociou com esta senhora e conseguiu através do IRGA⁴⁶, que eles pagassem para ela dar aula de costura para as meninas.

Rosa considerava que a técnica que tinha estava no caderninho em que registrou tudo que aprendeu no período que teve uma professora de costura. Como a mãe acabou queimando o caderninho, ela perdeu suas sistematizações e teve que aprender na prática. A professora faleceu antes de entregar um diploma para as alunas. Como não tem diploma de profissional da área da costura, Rosa diz que não é uma pessoa formada, não tem técnica formal, *“a minha técnica sou eu mesma”*. Com a perda do material do curso, ela afirma que teve que aprender na marra. A única técnica que guardou na memória foi a da calça, que julga a peça mais difícil de fazer. Depois foi aprendendo na prática, nas experiências da vida – *“Eu fiquei adquirindo experiência aqui e ali. Sempre gostei muito de ler, aí eu pegava as revistas, comprava a Manequim, minha preferida”*.

Ao casar, decidiu que eu não queria trabalhar fora, que iria cuidar dos filhos. Porém, antes de engravidar, trabalhou na secretaria de educação alguns meses. Começou a reformar as roupas *boas*, que as cunhadas descartavam, e usava para ir trabalhar.

Cada dia eu ia com vestidinho diferente. E aí, as gurias começaram a dizer que tinham amado meu vestidinho e a pedir que eu fizesse para elas. Eu trabalhei oito meses lá. Eu trazia, experimentava, ajustava para elas. Olha como se trabalhava! Quando fui embora, no final de oito meses, que eu estava numa substituição, eu levei dez clientes para minha casa. Aí eu comecei e continuei até o ano passado, um pouco menos. Foi ali que eu me engatei no caminho da costura. E começou um boca a boca na redondeza, falavam para as outras pessoas que era tudo maravilhoso e eu passei a ganhar dinheiro. ((risos)) E foi chegando épocas, assim que chegava ao fim de novembro, eu não tinha mais vaga para dezembro. E eu gostava de fazer!

Desde então, começou a costurar e não parou mais. Sempre teve muita costura esquecendo até de cuidar si mesma: *“Em primeiro lugar, era o trabalho! Nem arrumar o cabelo. O meu cabelo eu não percebi que ele estava branco. Fui pintar o cabelo com 48 anos”*. Domingo ela nunca tinha. Costurava muito, dia e noite. Diz que não cobrava barato e que é muito detalhista. Com este trabalho, colocava

⁴⁶ Instituto do Arroz do Rio Grande.

comida na mesa. E, segundo ela, graças a Deus, não teve grandes problemas de saúde.

Imagem 2 – Rosa e seu espaço de trabalho



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

As clientes gostavam do trabalho e diziam que ela era uma boa costureira. O acabamento era *perfeito*. Rosa, por sua vez, tinha gosto de fazer e se realizava quando visualizava “*as mulheres na prova final*” e o entusiasmo delas com a vestimenta. Mas ainda queria ser melhor.

É o que me dizem, o que sempre me disseram, que sou boa costureira. Eu até queria ser melhor. A gente sempre quer ser melhor. Tu não queres ser melhor no teu trabalho? Eu queria ser melhor, claro que eu queria! Nossa, a gente sempre quer ser o melhor. O meu filho, que faleceu, que dizia: -Mãe! Não podia ser assim, a costureira que tu é, não era pra ser. Não era para estar lavando roupa, fazendo comida. Tu tinhas que botar um negócio que eu só trabalhasse e pagasse alguém para fazer as outras coisas. Ele herdou minha arte. Era um artista, fazia pranchas de surfe. ((pausa longa))

Imagem 23 – Acabamento perfeito⁴⁷

Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Durante muito tempo da sua vida se dedicou a fazer as coisas para os outros, e *não sabia dizer não*. “*Sempre arranjava um lugarzinho*” no sentido de abrir espaço para uma encomenda que não estava na agenda. Quando era para a família, nem cobrava, até o dia em que disse *não* para a irmã. Este momento foi significativo para Rosa, que não sabia dizer *não* sem culpa.

A minha irmã também chegava aqui, pedia para fazer isso e aquilo, até que um dia nos estressamos. Eu estava no aniversário do meu filho, e ela me fez vir em casa para fazer uma bainha. Eu disse que não vinha e a minha cunhada ficou com pena dela, e eu acabei vindo e fiz, mas faz uns dois anos que ela não traz mais nada. Um dia nós brigamos feio e ela disse: ‘mas eu ainda vou arrumar uma costureira boa que nem tu’. [...] Esses dias ela trouxe um vestidinho para arrumar e eu falei: ‘pois é, já que tua costureira boa não tem capacidade. Mas a tua costureira não era maravilhosa? ((risos))’. Isso me magoou muito, ela me disse no meio de um monte de gente que arrumou uma costureira maravilhosa, melhor do que eu. Eu disse que eu não queria fazer mais daquele jeito. Ela não precisava ter feito aquilo extrapolado. Eu fazia toda vida para ela, nem cobrava, mas eu nunca botava limites e ainda ia fazendo. A palavra “não” pouco existiu na minha vida! Mas tem uma coisa, depois do não é não. Mas eu só tenho ela de mãe irmã e ela é legal.

Nos dias atuais, trabalha esporadicamente com as costuras, quando quer e para quem quer. “*Não tem mais aquela necessidade*”. Diz que quando isso acontece, não ter mais tanta necessidade, “*a gente vê a vida de outra forma*”. Ela

⁴⁷ Na imagem, um vestido e o detalhe do colo. A parte superior, em renda, por uma exigência da cliente, não poderia ficar muito transparente. Rosa, por sua vez, colocou três camadas de renda sobre renda, alinhando o desenho do tecido, de tal forma que é imperceptível a quantidade de camadas existentes, senão pela espessura.

quer levantar pela manhã e ter tempo para arrumar a casa, quer continuar viajando, fazer ginástica, fazer o que tem vontade na hora que der vontade. O que ela ganha - recebe pensão alimentícia - “*não é uma fortuna, mas dá para ela viver*” e escolher quando quer costurar. Está sempre se envolvendo com algo: reformas da casa, cuidado da neta, ginástica, viagens, passeios, exercendo sua religiosidade. Porém, agora escolhe as coisas com as quais quer se envolver:

A minha vida toda eu me envolvi sempre. A gente tinha que correr atrás, e agora a gente corre atrás até do que é bom. A gente sempre tem algo para fazer. Eu sempre escolho aquilo que eu gosto mais. Então aquilo que me der mais vontade, e na hora que me der vontade...”

Imagem 24 – Agora é para mim



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

A imagem acima é de um vestido que Rosa confeccionou para ela mesma. Contou que correu em diversas lojas procurando algo que lhe caísse bem, mas “*não tinha nada que preste*”. Então lembrou que havia ganho um tecido de renda da irmã e resolveu confeccionar um vestido.

Faz uns 15 anos, mais ou menos, ela trabalhou fora em uma fotomática. Ficou com medo de perder as clientes da costura, mas estava precisando e o salário era bom. Como tinha pouco movimento, ela acabava levando as costuras de mão para fazer neste trabalho. Também fazia peças de crochê que vendia até para as pessoas que por lá passavam.

Há uns dez anos, ela diminuiu o ritmo de trabalho. Percebe, através da narrativa e da organização das ideias, que seu ritmo de trabalho mudou quando, aos 60 anos, perdeu seu filho mais velho, na época com 37 anos. Foi um momento muito difícil da sua vida

O meu serviço diminuiu e aí foi muito difícil essa fase. Tive problema com umas peças, cheguei a pagar para não ter que refazer. Além da perda do filho, eu tinha que ajudar a cuidar da minha neta porque minha nora trabalhava fora. A minha irmã tinha se aposentado e vinha me dar uma força. Foi complicado, mas tudo passou ((pausa)).

Nos anos anteriores, havia ajudado a cuidar da sogra e do sogro e do ex-marido. O sogro morreu no ano de 2000, a sogra um pouco antes, em 2005 ela perdeu o filho e em 2006 o ex-marido sendo que ela ajudou a cuidar de todos. “Nós estávamos separados, mas ele ficou doente e eu tive que cuidar dele que não tinha ninguém para cuidar”. Essa parte da narrativa foi um momento de emoção, de pausa, mas também de reflexão sobre o passado e as dificuldades e o sofrimento que ela havia vivenciado.

Através da narrativa, as pessoas lembram o que aconteceu, colocam a experiência em uma sequência, encontram possíveis explicações para isso, e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. Contar histórias implica estados intencionais que aliviam, ou ao menos tornam familiares, acontecimentos e sentimentos que confrontam a vida cotidiana normal (JOVCHELOVITCH E BAUER, 2010, p. 91).

Rosa morou “*muito mal, precariamente*” e sofreu ainda mais quando resolveu e efetivou a separação. Eles moravam numa chácara, na qual havia uma casa de aluguel. Quando a casa desocupou, ela juntou as coisas que estavam na casa da sogra, onde morava, pegou os filhos e foi para essa casa “*velhinha*”. O marido e sua família não aceitaram e começaram a oprimi-la. Ela teve que assumir as despesas da casa e o sustento dos filhos. Até a máquina de lavar roupas que a sogra havia lhe dado, segundo Rosa: “*ela me tirou. Aí me quebrou as pernas mesmo. Ela dizia que eu ia até passar fome*”.

O meu marido ia para lá e incomodava, brigava, intrigava, porque eles não queriam que eu trabalhasse. Eles queriam que eu passasse fome para voltar. Uma vez ele chegou na minha casa, na beira da cerca e me massacrou, me disse tudo que pôde, e aí, um vizinho chamou a polícia. [...] Eu nunca perdi as estribeiras. Eu sofria muito com isso, mas daqui a pouco o meu trabalho superava. Eu trabalhava demais e não tinha tempo para pensar naquilo que tinha acontecido. [...] A minha irmã sempre dizia e a minha mãe: ‘eu não sei, a Ivone acabou de sair do sufoco, de um brigueiro! E eu trabalhava e era tudo divino e maravilhoso!

A narrativa de Rosa é norteada pelo desejo e pelo gosto que ela tem pelo ofício da costura e a relação de opressão constante na qual vive na relação que estabelece com seu esposo e com a família dele. O gosto pelo trabalho é exemplificado por expressões como: “*era tudo o que eu mais queria*”; “*eu amei*”; “*eu me realizava*”; “*era tudo bem bonitinho*”; “*ficava lindo, maravilhoso*”. O trabalho excessivo, o entusiasmo com as feiturinhas e a crença em Deus e que a vida poderia ser melhor, era uma espécie de fuga ou de forma de lidar com a opressão. “*Deus olhou para mim e ele sabia, só ele que sabia da minha vida.*” É no trabalho, e na realização e satisfação com o mesmo, que ela encontra forças para seguir adiante. Bem como para as mulheres do estudo de Gerbara (2000)

[...] não se pode aceitar o sofrimento passivamente. Não se pode estar neste “caldo ruim” ou comendo do “pão que o diabo amassou” sem buscar saídas. Sair das situações difíceis “movendo-se” é quase uma prova de coragem e de confiança em Deus. É o comportamento mais elementar para afirmar que estamos vivos e que “temos sangue nas veias” como costumam dizer. (GERBARA, 2000, p.43)

A opressão, neste caso, se coloca como a *senzala* (ibidem) e a *mobilidade*, se dá através do engajamento e do gosto pelo trabalho bem feito. A *mobilidade*⁴⁸ e a sobrevivência, não só econômica, é possível através da relação que ela estabelece com o trabalho e com o produto final do seu trabalho: entusiasmo, de gosto, de satisfação, de realização. Uma costura realizada com esmero e reconhecida por carregar beleza e fantasia.

⁴⁸ Os termos *senzala* e *mobilidade*, são utilizados no sentido empregado por Gerbara (2000).

Imagem 25 – Das feitura de Açucena



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

3.5 Açucena: “Eu trabalhei muito e ele não deu valor”⁴⁹

O contato com Açucena se deu através da minha mãe. Assim como Rosa, eu não a conhecia. Já no primeiro contato telefônico, ela prontamente se disponibilizou. Fizemos nossa conversa num feriado ensolarado. Iniciamos logo após as dez horas da manhã e passamos da meia hora. A narrativa seguiu em um ritmo lento, Açucena falava baixinho, enquanto ao fundo se escutava o som da televisão⁵⁰. No desenrolar da conversa, ela contou que em 2004, com 59 anos teve um AVC⁵¹ e ficou desacordada por quase dois dias, sozinha em casa.

Foi dentro de casa, uma segunda feira. Eu levantei da cadeira e cai no chão. Depois eu levantei de novo e cai no chão, porque essa perna estava mole, paralisada. Custei a levantar de novo. Desliguei a televisão e a luz. Não me veio na cabeça que eu podia ligar para o meu filho. Fui devagar para o quarto e deitei. As onze levantei de novo para ir no banheiro e cai no chão. Puxei as cobertas e fiquei lá mesmo e não levantei mais. Quarta-feira de manhã, meu filho bateu aqui, eu acho que eu falei, mas eu não falava, eu falava por dentro. Ele arrombou a janela e me encontrou ali no quarto, me colocou em cima da cama, ouvi o balanço da cama, e não sei mais nada. Aí quando ele quando ele estava saindo comigo no colo para me botar dentro do carro, acordei. Eu falava com eles, mas não saía voz.

No hospital enquanto faziam o atendimento, ela falava e pedia ajuda, mas ninguém a escutava. Muito tempo depois, quando ela ficou boa, é que descobriu que não conseguia falar. Na cabeça dela, estava falando, mas a voz não saía. O médico disse que ela não iria mais falar e talvez não voltasse a caminhar. Ao retornar para casa, recebeu ajuda de pessoas próximas, mas logo começou a tomar banho, caminhar e fazer as coisas da casa sozinha. Precisava fazer, no mínimo, 40 sessões de fisioterapia. Fez apenas nove e disse que não precisava. *“Eu caminhava, subia as escadas, não me esqueci de nada do negócio das costuras, nem como fazer tricô, crochê, bordado.”*

⁴⁹ Trecho da fala de Açucena.

⁵⁰ A possibilidade de ter problemas na gravação da entrevista, é um risco. Em três das quatro entrevistas realizadas, havia paralelamente o áudio do aparelho de televisão. Graças a ótima qualidade de gravação do aparelho, o áudio não foi prejudicado. Porém, é recomendável fazer testes com o gravador, estar atento às condições de áudio do ambiente, à configuração de intensidade sonora do gravador, e anotar questões chaves, para ter como apoio caso ocorra algum problema com o áudio.

⁵¹ Acidente vascular cerebral.

Iniciamos a conversa no ambiente que se seguia à porta de entrada, uma cozinha com aspecto de sala. Na mesa principal estava, próxima ao fogão e à pia, estava a máquina de costura e alguns materiais de trabalho como linhas, tecidos, uma luminária, entre outros.

Imagem 26 – Ferramentas de trabalho



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Assim como Orquídea, é muito religiosa, praticante e atuante na sua religião, a Umbanda. Exerce sua religiosidade de forma muito ativa, sendo muito atuante na comunidade religiosa que frequenta.

Açucena começou a costurar, oficialmente, na adolescência. Com 14 anos, a avó encaminhou ela para aprender na casa de uma costureira com outras três meninas. Na primeira semana era para aprender a cortar os moldes, cortar o papel. Na segunda semana, era para comprar um tecido, levar e elas iriam cortar os vestidos.

Eu cheguei em casa, a vó foi dormir e eu cortei. Era sábado. Cortei o vestido e alinhavei. Quando a vó acordou, eu estava com vestido pronto, alinhavado. E daí eu disse: - Não vou mais lá! Você pode ir lá pagar ela, eu não vou mais. Eu sei costurar! Cortar os moldes eu já sabia também. Não fui mais!

Assim ela começou a “costurar para fora” e segue até os dias atuais. Antes disso, ela fazia as roupas das bonecas e observava a avó costurando. Interessante ressaltar que “desde pequenininha, ela estava sempre do lado da máquina da avó, que aprendeu na marra”. Ela e o irmão foram criados pela avó desde pequenos, pois

a mãe faleceu quando ela tinha três anos. O pai casou de novo, mas eles não ficaram com ele. O irmão nunca foi morar com a madrasta, mas Açucena morou uns dois anos com eles até que o pai a entregou para a avó.

A avó era viúva fazia muito tempo e sustentava a família sozinha costurando para fora. O pai dava alguma coisa, mas não era muito. Não sabia ler, nem escrever, “*ela aprendeu também, assim, por saber mesmo, por necessidade de trabalhar*”. Ela lavava roupa e costurava para fora. Moravam em São Miguel, interior de Lajeado/RS, depois passou a ser interior de Cruzeiro. Açucena trabalhou uns oito anos no interior. Depois veio para Canoas e continuou costurando para fora e trabalhando em casa.

Aos 70 anos, conta que casou tarde, com 28 anos. Foi casada durante 20 anos e disse que “*se tivesse experimentado antes, eu não teria casado*”. Depois de casar, trabalhou três anos numa empresa: no balcão, no escritório, no crediário. Depois comecei a costurar de novo. Ganhava mais costurando, o que atribui ao fato de ficar em casa. “*Comecei a costurar, costurar.*” Tinha as prateleiras ao lado da máquina, sempre cheias de encomendas. Precisava se organizar e organizar o trabalho, colocando os prazos e cuidando as datas “*para botar para rua*”. Conta que anoitecia e amanhecia na máquina.

Tinha dois ou três dias por semana, que eu não dormia. Isso porque eu precisava. Eu pagava quase tudo, o ordenado dele dava para aluguel. Com um filho pequeno, tinha que trabalhar mesmo, tinha que trabalhar mesmo.

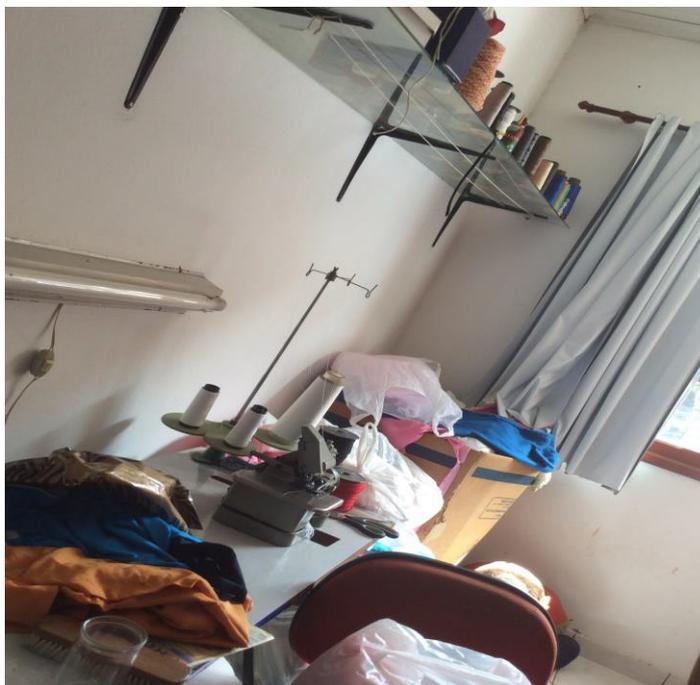
Muitas vezes, dormia em cima da máquina. Até que acordava, levantava, passava uma água no rosto e começava a trabalhar de novo. E afirma: “*Minha vida foi muito sofrida.*” Tinha muitas clientes, as quais foram aparecendo ligeiro. Uma contava para outra. “*Eu nunca botei placa de costureira*”. *Elas contavam que eu costurava bem*”. E ela reconhece que é uma boa costureira e fala sobre os requisitos para isso

Boa costureira! Isso eu sempre fui, boa costureira. Para ser uma boa costureira tem que gostar do que faz. Eu gostava do que eu fazia, eu gostava de ver as pessoas vestidas com aqueles vestidos, eu gostava de ver. Eu costurei uma vez para uma loja no centro de Canoas, eu gostava de ver o vestido na vitrine. Tem que gostar daquilo que faz. E as pessoas diziam que estava bom, estava bonito. Eu inventava as coisas.

Valores éticos, estéticos, religiosos também estão presentes no exercício de seu ofício. Inventava coisas, criava, e quando achava que um modelo não ficaria bem na cliente, ela logo dizia. Fazia de tudo e tudo à sua moda, do seu jeito. Apesar

de nunca ter feito curso, sabe tudo sobre costura. Porém, não sabe ensinar. Disse que várias pessoas pediram, mas quando ela vê, já está fazendo ao invés de ensinar.

Imagem 27 – Espaço de trabalho



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Reconhece que ao longo de sua vida pouco cuidou de si. Se dedicava mais ao trabalho com a costura e à família.

Era sempre assim, na máquina, sempre sentada. Comia a metade, a metade ficava. Não tinha tempo, não tinha tempo nenhum, nem para me cuidar. Era sempre para os outros, para mim eu nunca tinha tempo. Eu não sentia falta, também eu nem pensava nisso. Nem sempre eu queria trabalhar, mas era necessário. E hoje ainda, eu não cuido de mim.

Dentre os saberes que possui, ela borda, faz tricô, crochê, ponto cruz - com perfeição. Faz tudo que é tipo de bordado e diz que não aprendeu com ninguém. Faz docinhos com enfeite de cogumelo, de pintinho. Não faz para vender. Faz os enfeites das mesas, quando tem festas, flores em tecido, vasinhos e flores com garrafa pet.

Imagem 28 – Outras feituradas



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

A narrativa de Açucena é permeada pela relação dura e de descaso do esposo para com ela afirmando que ele não valorizou tudo o que ela fazia para ele e o quanto ela trabalhava. Quando casou, o marido era soldado raso. Depois ele começou a trabalhar no palácio e a receber dois cheques - cheque azul. *“E quando ele começou a ganhar bem ele foi embora ((risos)). No primeiro mês que ele ganhou bem, no outro ele foi embora. Ele tinha mulher lá. ”* Quando ele foi embora, ela teve que continuar trabalhando muito, apesar dele continuar ajudando. Enquanto esteve em casa, o marido era muito exigente com relação à limpeza da casa e ela tinha que se organizar e se desdobrar para conciliar a costura com o trabalho da casa.

Virava dia e noite trabalhando. Ele tinha horário certo para chegar. Uma hora antes, eu largava máquina e limpava toda a casa. Tinha que limpar tudo. A casa era pequenininha, um quarto, a sala e a cozinha. A sala era onde eu costurava. A minha casa era de madeira e tinha aquela travessa no meio da casa, que era para fazer dupla, mas não fizeram. Ele passava a mão naquela travessa, passava a mão em cima dos móveis todos, para ver se estava tudo limpo. Se não estava tudo limpo, ele levantava colcha e olhava embaixo da cama para ver se eu tinha varrido embaixo da cama. Ele era horrível! Se não tivesse tudo limpo ele chegava xingava e eu, para não ter xingamento, não ter briga, eu fazia tudo. É ((pausa)) uma hora antes de ele chegar, eu limpava tudo.

Atualmente ela trabalha de vez em quando, mas agora *“não costuro com aquela necessidade”*. Não é aposentada, mas ganha pensão alimentícia. Trabalhou

dos 14 até os 58 anos. Agora não considera mais. As coisas que faz, nem cobra. Faz quando dá e quando quer. Segundo ela: "*O que eu ganho dá para mim viver*".

4. “TINHA QUE TRABALHAR MESMO”: “ERA UMA NECESSIDADE”⁵²

*Sem trabalho eu não sou nada; Não tenho dignidade;
Não sinto o meu valor; Não tenho identidade; Mas o
que eu tenho; É só um emprego; E um salário
miserável; Eu tenho o meu ofício [...]*⁵³

O trabalho é fundamental para a existência humana e assume diversas formas em nossas vidas. Questão importante na biografia das costureiras, para além do trabalho doméstico⁵⁴, o trabalho aparece, desde muito cedo, como sendo necessário e indispensável para que elas possam sobreviver. Conforme Liedke (2006),

O trabalho é atividade resultante do dispêndio de energias física e mental, direta ou indiretamente voltada à produção de bens (materiais ou imateriais), contribuindo, assim, para a reprodução da vida humana, individual e social. [...] Sua valorização corresponde à utilidade da ação realizada, ou seja, à possibilidade de aproveitamento da força posta em movimento para a satisfação de necessidades humanas (p.319).

O trabalho assumiu, ao longo da história, o sentido ligado à fadiga, ao sofrimento, como também, na modernidade um sentido mais positivo como algo que enobrece e que traz dignidade, relacionado a uma ética religiosa. Conforme Liedke (2006, p. 321), “a noção de trabalho humano associa-se a um duplo significado. De um lado, penoso, de outro, gratificante, como *mimesis* do ato divino de criação”. Esse sentido positivo, do trabalhador se tornar digno através do trabalho e se realizar através dele, carrega consigo uma moral a ser seguida. Conforme Frigotto,

[...] com a abolição da escravidão – que é em si algo positivo – a classe capitalista pode construir ideologicamente uma positividade ao trabalho explorado e um critério de julgamento moral. Pessoa confiável é aquela que não é vadia, que trabalha e que não fica à toa [...] (FRIGOTTO, 2002, p.17).

⁵³ Trecho da “Música de Trabalho” do álbum “A Tempestade” da banda Legião Urbana gravada em 1996. Disponível em: <<http://letras.mus.br/legiao-urbana/46956/>> Acesso em: 12 jun. 2013.

⁵⁴ O trabalho doméstico, apesar de ser muito e ter uma jornada infundável, muitas vezes não é considerado trabalho, “num diagnóstico feito em bairros populares [...] mais de 90% das donas de casa respondiam negativamente quando indagadas se trabalhavam. Ao pedir que descrevessem o que faziam durante o dia, nenhuma tinha uma jornada de trabalho menor de 12 horas” (FRIGOTTO, 2002, p.12).

Conforme Pedde (2013), para os pensadores clássicos da Sociologia, o trabalho tem diferentes conotações: de alienação em Karl Marx, solidariedade em Émile Durkheim e racionalização em Max Weber. Durkheim tinha o trabalho com uma função social, como uma forma de socialização, coerção, coesão social (através das corporações de ofício, por exemplo), seja nas sociedades mais simples (solidariedade mecânica) ou nas sociedades complexas (solidariedade orgânica). Para Max Weber, cujas ações dos indivíduos são carregadas de sentido, demonstra em seus estudos como o trabalho está ligado, ou como ele é incorporado na cultura pela religião. Enquanto para a Igreja Católica o trabalho era visto relacionado à etimologia da palavra e à usura, para o pensamento protestante o trabalho aparece como um valor que enobrece o homem e que eleva aos céus. A ideia de que o homem deve trabalhar, poupar, acumular e lucrar como forma de glorificar a Deus criou uma racionalidade da vida e do mundo do trabalho fundada na economia.

Para Marx, é através do trabalho que o homem estabelece uma relação com a natureza de forma a transformá-la para garantir sua sobrevivência, em contextos históricos específicos. Ele é imprescindível, pois permite a existência biológica e, também, é através dessa relação que o homem constrói sua vida em sociedade nos aspectos políticos, culturais e econômicos. A trajetória de trabalho, norteadada pela necessidade de sobrevivência, e também como um valor a ser incorporado, marca a narrativa dessas mulheres trabalhadoras.

Trabalhava desde a adolescência, pois era uma necessidade. E a gente trabalhava, era uma necessidade de trabalhar e a gente queria. (Tulipa)

Eu fazia e cobrava sim! Eu precisava trabalhar, com certeza! Meu marido ganhava um salário pobre, pouco. Meu sogro e minha sogra eram bem, mas eu não. Então eu comecei, continuei até que já estava na redondeza, um boca a boca. (Rosa)

A história de vida de Açucena é marcada pelo trabalho feminino como gerador de renda, como possibilidade de produzir a existência, já na sua família de origem com a avó que sozinha mantinha a família:

Minha avó costurava para fora. Não sabia ler, nem escrever, ela aprendeu também assim, por saber mesmo, por necessidade, para trabalhar para fora. Ela lavava roupa para fora e costurava para fora. A minha avó era viúva fazia muito tempo e aí ela sustentava a família sozinha. (Açucena)

Após se casar, Açucena seguia da mesma forma: costurando garantia a maior parte do orçamento doméstico. Quando se separou, sua participação aumentou.

Comecei a costurar, costurar. Tinha as prateleiras do lado da máquina, eu tinha que ver a data que era e botar para rua. E costurando! Anoitecia e amanhecia na máquina. Tinha dois ou três dias por semana que eu não dormia. Isso porque eu precisava. Meu marido ganhava pouco e quando ele começou a ganhar bem, ele foi embora. Com um filho pequeno, tinha que trabalhar mesmo, tinha que trabalhar mesmo. Nem sempre eu queria trabalhar, mas era necessário. (Açucena)

No sentido de sobrevivência, o ser humano desde a infância vai formulando e aprendendo, como um dever, a noção do trabalho ligado à subsistência, à transformação da natureza “para responder, antes de tudo, às suas múltiplas necessidades. Por isso o trabalho é humanamente imprescindível ao homem desde sempre” (FRIGOTTO, 2002, p.12). O ser humano, é como uma tripla dimensão: é individualidade, é natureza e é ser social (ibidem). Desta forma, possui uma dimensão criadora da vida humana:

[...] é o direito do ser humano, em relação e acordo solidário com os demais, de apropriar-se – transformar, criar e recriar, mediado pelo conhecimento, ciência e tecnologia – da natureza e dos bens que produz, para reproduzir sua existência, primeiramente física e biológica, como também cultural, social, estética, simbólica, afetiva (ibidem, p.14).

Através do trabalho, o ser humano se forma, se educa e se torna humano. Essa relação homem e natureza, mediada pelo meio social, relaciona-se com seu processo de humanização. Pedde (2013) afirma que para Karl Marx o trabalho é criador da vida, da existência, num processo em que o homem se faz homem. Na relação dialética que estabelece com a natureza, o homem acaba transformando-a e transformando a si mesmo, transformando os grupos sociais, criando e aperfeiçoando a técnica. Neste sentido, em sua dimensão criadora, pode ser trabalho como mundo da necessidade e trabalho como mundo da liberdade.

[...] para Marx, o trabalho assume duas dimensões distintas e sempre articuladas: trabalho como mundo da necessidade e trabalho como mundo da liberdade. O primeiro está subordinado às necessidades imperativas do ser humano considerado em sua condição de ser histórico-natural que necessita produzir os meios da manutenção de sua vida biológica e social. É a partir da resposta a essas necessidades [...] que o ser humano pode fruir do trabalho mais especificamente humano – trabalho criativo e livre ou trabalho não delimitado pelo reino da necessidade (FRIGOTTO, 2002, p.14).

O trabalho como forma de garantir as condições objetivas de existência, possui uma dimensão formadora, “trabalho como princípio educativo”. Assume-se que o trabalho tem um caráter formativo, na forma de criar a vida e do ser humano se fazer sujeito no mundo.

No caso do trabalho como princípio educativo, a afirmação remete à relação entre o trabalho e a educação, no qual se afirma o caráter formativo do trabalho e da educação como ação humanizadora por meio do desenvolvimento de todas as potencialidades do ser humano (CIAVATTA, 2009, p. 408).

No sistema capitalista, a partir da perspectiva do materialismo histórico, o trabalho resulta da exploração do trabalhador, através da compra da sua força de trabalho por um salário, com o objetivo de lucrar. O salário, então, não representa o valor do resultado do trabalho realizado. O trabalhador vende sua força de trabalho numa relação desigual, uma vez que é dono de sua força de trabalho, mas não dos meios de produção. É, portanto, uma relação social que aliena o trabalhador do processo e do produto de seu trabalho.

No caso das costureiras o trabalho assume diferentes dimensões - é necessidade de sobreviver, de ser alguém e de ter dignidade. Ora se coloca como mundo da liberdade, carregado de satisfação e de reconhecimento, mas muitas vezes é excessivo e penoso. O trabalho das costureiras está inserido no modo capitalista de produzir a vida social, sofrendo suas pressões econômico-culturais, mas possui especificidades, pois elas são donas dos meios de produção e possuem “*autonomia relativa*” quanto ao tempo e organização do processo de trabalho, criação e negociação do preço de seu trabalho. Corrêa (2014) em seu estudo sobre metalúrgicos em pequenas unidades de produção, assume, a partir de sua revisão teórica, que a autonomia nunca é absoluta é sempre relativa. No trabalho artesanal

[...] parece que existe um consenso de que o artesão realmente possui uma autonomia relativa, muito superior à autonomia do proletário. A esse respeito, Rugiu (1998), Enguita (1989) e Sennet (2013) destacam que o mestre-artesão possuía um controle do processo de produção dentro da oficina e como mestre era reconhecido pela sua autoridade e sabedoria (CORRÊA, 2014, p.116).

O trabalho que elas realizaram ao longo da vida confeccionando peças únicas, por encomenda, se caracteriza por ser realizado em casa e combinado com o trabalho doméstico. Os horários de trabalho com a costura, embora não fossem rígidos, acabavam sendo longos devido ao volume de encomenda que recebiam. Sendo assim, o trabalho se apresentava em forma de *muito* trabalho, somado às tarefas tidas como de mãe, esposa, dona de casa, conforme afirmam:

Eu estava sempre trabalhando. Eu dormia em cima da máquina. Assim, quando eu não aguentava mais, que via que tinha umas quatro agulhas aqui na minha frente, eu dormia em cima da máquina. Aí levantava, acordava, passava uma água no rosto e começava a trabalhar de novo. Minha vida foi muito sofrida. (Açucena)

Eu entrava noite adentro. Era assim, de levantar às 6 horas da manhã e enquanto aguentava, eu ia. Teve vezes assim de as pessoas chegar, em cima do laço, e eu pegar e ir até a 5 horas da manhã trabalhando. Daí dormia um soninho, levantava, tomava um banho e continuava. E a pia, às vezes eu fazia o indispensável, o que não podia esperar. E aí, domingo eu nunca tinha na minha vida! Chegava domingo eu ia organizar tudo para segunda feira eu então começar. No domingo era só para se envolver e fazer um almoço melhor para os filhos e não tinha quem me ajudasse a fazer as compras. (Rosa)

Meu Deus! Uns iam dizendo para os outros, e vinham vindo. Eu passava o dia inteiro costurando. Entrava noite adentro. Para lavar roupa era no final de semana. Eu nem me cuidava. Eu ficava lá, o dia inteiro. Tomava banho e deu. Era muito puxado. Não tinha horário, não tinha essa de trabalhar 8 horas. Era muito mais do horário. Eu não tinha limite para horário, pegava, vamos supor às 7 da manhã, parava para fazer um lanchinho, e tocava até a uma da manhã, direto. Tinha vezes que eu parava, só comia uma coisa e voltava. Só no domingo eu parava, mas cansei de trabalhar sábado o dia todo. (Orquídea)

Elas fazem a gestão e organização do trabalho e da própria vida, são donas dos meios de produção, das ferramentas de trabalho. Produzem roupas para uma cliente final (*freguesa*). Apesar de confeccionarem roupas masculinas, a maior parte de seus clientes é composta pelo público feminino. Geralmente realizam todo o processo, dominam as técnicas, opinam e interferem nas demandas, definem o preço final. O espaço de trabalho é pequeno e incorporado ao espaço da casa. Uma das denominações para este tipo de trabalho é “*trabalho em domicilio*”, segundo Holzmann (2006):

O trabalho em domicílio compreende a atividade que, tendo em vista a obtenção de remuneração, é exercido no espaço doméstico por conta própria, quando o produto é diretamente comercializado com o consumidor, ou é encomendado por terceiros, sendo parte ou etapa da produção de uma mercadoria, cujo acabamento ou montagem final realizem-se em outro lugar. Quando se realiza por conta própria e destina-se à produção de um artigo diretamente para o consumidor, essa é uma atividade na qual o trabalhador tem autonomia sobre o seu tempo e ritmo de trabalho, controle sobre as técnicas e procedimentos de sua elaboração, determinação do preço e prazo de entrega. Esse é o exemplo da confecção de roupas feita por uma costureira diretamente para o usuário (p.325).

Com a reestruturação produtiva, o trabalho em casa é apropriado pelo capital, pelas indústrias, empresas ou organizações maiores, que deixam de arcar com os custos de partes do trabalho que eram realizados nas fábricas, para contratar o trabalho que pode ser feito em casa. “Neste caso, é chamado de *trabalho industrial em domicílio*⁵⁵” (ibidem) e traz a reboque a precarização das relações de trabalho, flexibilização, exploração e baixa remuneração pelo trabalho realizado.

⁵⁵ Grifos meus.

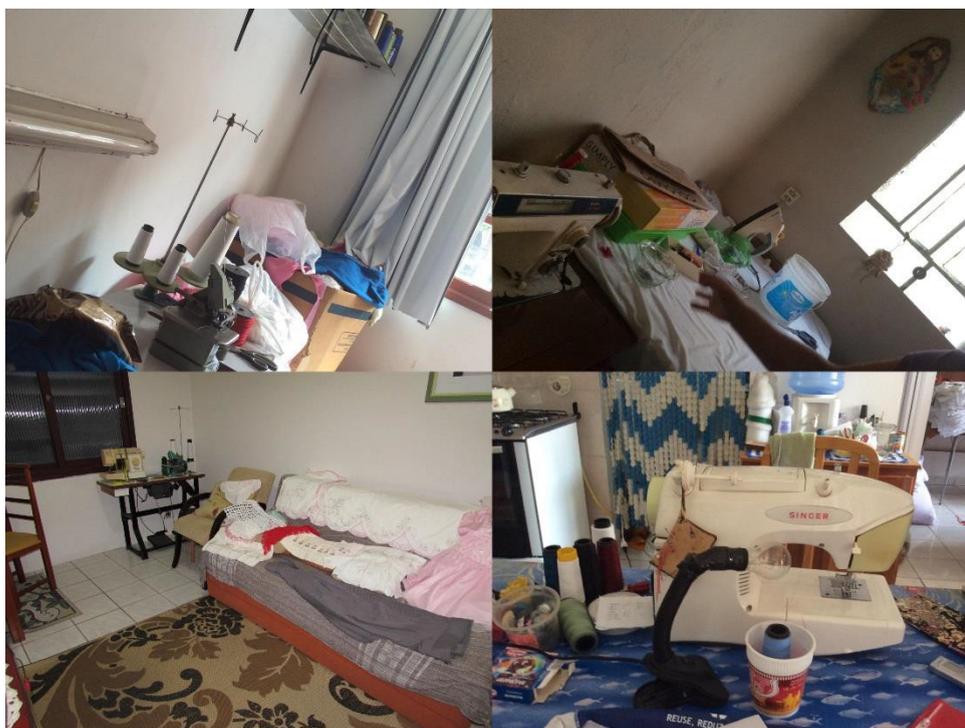
Outro termo utilizado, pela Sociologia do Trabalho é o de “trabalho a domicílio”, porém este é utilizado de forma recorrente para identificar o trabalho realizado em casa, subordinado e subcontratado pelo capital. Conforme Pereira (2011),

[...] a Sociologia do Trabalho brasileira, seguindo as recomendações da OIT (Organização Internacional do Trabalho), adotou a categoria “trabalho a domicílio” para designar o trabalho subcontratado exercido no domicílio do/a trabalhador/a, visando diferenciá-lo das demais formas de trabalho desenvolvidas na residência (p.12).

Tanto no trabalho industrial em domicílio como no trabalho em domicílio por conta própria, a maior parte da força de trabalho é feminina. Em ambos os casos, “o trabalho a domicílio é tido como atividade marginal” (ibidem, p.13) o que se deve a uma separação do capital entre o público e o privado, sendo o primeiro o espaço do trabalho e da vida social e o último, o espaço da vida doméstica e do “*não-trabalho*”:

A noção burguesa opõe trabalho a não-trabalho ou lazer, separando as esferas doméstica e pública da vida social. De acordo com essa perspectiva, a divisão sexual do trabalho, baseada em relações patriarcais de sexo e gênero, é considerada como divisão natural entre os papéis sociais masculinos e femininos. O trabalho da mulher junto à família e às atividades domésticas é entendido como não-trabalho, como atividade inerente à natureza feminina (LIEDKE, 2006, p.321).

Imagem 29 - Cantinhos de Trabalho das Costureiras



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Esse trabalho realizado em casa, de maneira independente, sem ser contratado ou subcontratado por uma empresa, não estando subordinado a uma supervisão da indústria, pode ser considerado ou aproximado da definição de “*trabalho por conta própria*”, sendo este

A condição de inserção na produção de bens e serviços na qual o executante não está subordinado à supervisão, controle ou direção de outra pessoa, exercendo sua atividade de modo autônomo quanto aos procedimentos técnicos que a tarefa requer, à duração da jornada de trabalho, aos valores a serem cobrados pela sua execução, sobretudo no setor de serviços (HOLZMANN, 2012, p.437).

Essas trabalhadoras são profissionais que decidiram trabalhar por conta própria, e neste sentido podem ser consideradas autônomas. Conforme a Lei Nº 5.890/1973, trabalhador autônomo é aquele que

[...] exerce habitualmente, e por conta própria, atividade profissional remunerada; o que presta serviços a diversas empresas, agrupado ou não em sindicato, inclusive os estivadores, conferentes e assemelhados; o que presta, sem relação de emprego, serviço de caráter eventual a uma ou mais empresas; o que presta serviço remunerado mediante recibo, em caráter eventual, seja qual for a duração da tarefa. (BRASIL, 1973)

Dessa forma, utilizamos ao longo deste trabalho a denominação de trabalhadoras autônomas, costureiras autônomas ou, melhor, Costureiras.

4.1 Profissão? “Costureira”

A profissão de costureira é antiga e se mescla com a história do ser humano. O fazer da costura permeia a história da humanidade, o seu vestir e proteger o corpo. É transmitido através das gerações, através da oralidade ou de alguma sistematização. “Teve um caráter artesanal até a revolução Industrial. Mesmo com o desenvolvimento da técnica e o uso da tecnologia na confecção de roupas, que provocou revolta dos artesãos, não deixou de existir, na sua forma mais artesanal (História da Costura) ”. Conforme Chaud (2012) é intimamente ligado, num primeiro momento, à necessidade de vestir:

Épocas distintas da história conheceram diferentes táticas e procedimentos de construção da vestimenta, que passou de uma peça de tecido, apenas com recortes, para uma composição mais elaborada com vários elementos, vários pedaços de tecido. A história da costura está diretamente relacionada à história da vestimenta, à evolução do vestuário, à evolução das

civilizações. Primeiramente, a vestimenta atendeu às necessidades primordiais do ser humano, de proteção de seu corpo, para depois desempenhar outros papéis determinados por outros fatores, como o clima, a produção têxtil, a situação social, as crenças religiosas, questões estéticas, diferenças étnicas e, assim, atender a outras necessidades humanas.

Mesmo com o desenvolvimento da indústria têxtil peças únicas, feitas sob medida para um cliente final, continuaram a ser confeccionadas para uma clientela que buscava exclusividade e que podia pagar por isso. Com a existência de uma demanda por uma roupa exclusiva, existe a necessidade do profissional adequado para confeccioná-las.

Nas décadas de 1980, 1990 e anos 2000, era muito comum encontrar, nas classes populares, mulheres que se ocupavam a “*costurar pra fora*”. Não havia na vizinhança quem não tivesse uma máquina de costura ou mulher que não costurasse para a família, mesmo que fosse fazendo pequenos reparos. Num mesmo bairro era possível encontrar mais de uma costureira que trabalhasse para atender uma demanda externa, que não fosse para a família.

As costureiras, quando questionadas sobre qual era sua profissão, responderam sem titubear, com muita convicção, “*costureira*” (Açucena; Orquídea; Rosa; Tulipa). Partimos, então, do pressuposto de que a costura é uma profissão, uma categoria que emerge do empírico. Não se torna legítima exclusivamente através de uma formação e dos saberes escolares, mas sim como trabalho que se aprende com o outro, na experiência e que é reconhecido como uma atividade que gera renda. Todas as costureiras, trabalhadoras da pesquisa, se autorreconhecem como profissionais, pois fazem um trabalho que é reconhecido e demandado na comunidade e fora dela, no meio social.

A minha profissão é costureira. Eu trabalhei uns 40 anos, porque agora eu não considero mais que eu trabalho. Para te falar bem a verdade eu comecei de criança a querer ser costureira. Eu pensei que tinham esquecido essa profissão, mas está em extinção. (Rosa)⁵⁶

Por outro lado, no senso comum, a palavra profissão remete à escolarização, à formação acadêmica ou técnico-profissional. A formação escolar, seja ela primária ou não, impacta na subjetividade do trabalhador e condiciona de forma arbitrária, mas carregada de significado, o lugar que podemos ou não ocupar. Define ofícios,

⁵⁶ Grifos meus.

profissões, trabalhos, de forma hierárquica, estabelecendo o que é mais ou menos importante, mais ou menos valorizado.

Sendo assim, estabelece formas de diferenciação relacionadas à construção de um *status* que dá legitimidade maior a um ou outro profissional. Neste sentido, a educação formal, muitas vezes descolada do mundo do trabalho, estabelece o lugar que cada um deve ocupar no mundo do trabalho. Tem-se uma hierarquização das profissões, sendo umas com maior ou menor valor social, com melhor ou pior remuneração do que outras.

Conforme Santos (2010), o sentido da denominação *profissão* está ligada à formação universitária e ao diploma nos países de língua inglesa, “sendo utilizado o termo *ocupação* para definir a situação dos que não têm título acadêmico”. Nos países de origem latina, essa distinção não é muito nítida (p.28). “No Brasil o termo refere-se a todo trabalho realizado com algum tipo de qualificação, em contraposição ao trabalho desqualificado. Implica, portanto, uma competência técnica manual e/ou intelectual” (ibidem).

Franzoi (2006, p.25) faz uma revisão bibliográfica do conceito de profissão, diante da diversidade de conotações que assume conforme tempo, espaço e sociedade. “Na sociologia anglo-saxã, o conceito (*professions*) é reservado para as profissões ditas sábias [...] distinguindo-se de *occupations* – o conjunto dos empregos”. Em seu estudo, adota o conceito de que

A profissão de um indivíduo é resultado da articulação entre um conhecimento adquirido e o reconhecimento social da utilidade da atividade que esse indivíduo é capaz de desempenhar, decorrente do conhecimento adquirido. Esse reconhecimento social da utilidade dessa atividade se dá através da inserção do indivíduo no mercado de trabalho, correspondente ao conhecimento adquirido. Estreitamente ligado a esse reconhecimento social e ao saber nele implicado está o reconhecimento pelo sujeito que deles é portador (FRANZOI, 2006, p.20).

Para Ramos (2001, p.209), “o conceito de profissão cunhou-se evidenciando uma dimensão fortemente econômica, associada à divisão social e técnica do trabalho e à produção da própria existência humana”. Tem um caráter pessoal, sendo que o sujeito vive do resultado de seu trabalho que, por sua vez, tem uma demanda social. Está associada à ideia de remuneração e ao domínio de uma área de conhecimento e de um saber específico colocado em prática. A autora também ressalta que historicamente, através das disputas dos diferentes grupos, vai se

construindo e se legitimando exigências de formação e certificação para ser reconhecido como profissional e obter permissão para o exercício profissional.

O trabalho das costureiras é marcado pela ausência de formação profissional, escolarizada para exercer o ofício. Elas não passaram por um processo de formação formal e reconhecido através da entrega de uma certificação. Não possuem diploma, aprenderam através da experiência com outras mulheres e na experiência de trabalho.

Quer dizer, eu nunca tirei diploma de costura especializada, isso não. A gente foi indo, foi costurando, ela foi indicando, a gente foi fazendo, fomos costurando, costurando. (Tulipa)

Eu fiquei adquirindo experiência aqui e ali. Eu aprendi sozinha como tirar os moldes da manequim. De mim mesmo eu aprendi aumentar. Eu não sou uma pessoa hoje formada, não tenho técnica, a minha técnica sou eu mesma. (Rosa)

Os vizinhos me procuravam, levavam costura para mim fazer, e eu costurava para todo mundo. E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática. (Orquídea)

A escola e a educação formal, para elas, não aparecem como espaço para aprender o trabalho, em especial o da costura, embora possamos inferir que elas reconhecem como lugar de legitimação do conhecimento, a partir do momento que afirmam que não têm diploma ou formação. Para Maria Clara Bueno Fischer (2013)⁵⁷,

A origem do estranhamento entre trabalhadores e escola está em grande parte na separação radical entre trabalho manual e intelectual que, por sua vez, origina uma complexa construção social simbólica de hierarquização dos conhecimentos, entre teoria e prática, profissões e localizações sociais dos sujeitos, dentro e fora da escola.

O Ministério do Trabalho e Emprego, através da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações), apresenta regulamentação para ocupações bem específicas dentro da família do ofício da costura. Entre as classificações, a que mais se aproxima com a forma de trabalho que é realizado pelas costureiras é denominada “*Costureira de peças sob encomenda (Modelista)*”, cujo código de ocupação é 7630-10 uma classificação sendo vinculado à família “7630: Profissionais polivalentes da confecção de roupas”. Nesta classificação, tem-se como critério uma formação e experiência para exercer esta ocupação

⁵⁷ Artigo sobre saber e conhecimento. Não publicado.

O exercício dessas ocupações requer conclusão do ensino médio e de curso básico de qualificação profissional em costura, com carga horária entre duzentas a quatrocentas horas-aula. É necessário comprovar experiência anterior de três a quatro anos atuando na área. A(s) ocupação(ões) elencada(s) nesta família ocupacional, demandam formação profissional para efeitos do cálculo do número de aprendizes a serem contratados pelos estabelecimentos, nos termos do artigo 429 da Consolidação das Leis do Trabalho - CLT, exceto os casos previstos no art. 10 do decreto 5.598/2005 (MTE ON LINE, 2015).

A regulamentação da ocupação coloca como exigência para o exercício da profissão a conclusão do ensino médio, curso de costura e experiência profissional. A educação à qual tiveram acesso essas trabalhadoras, ou melhor dizendo, que lhes foi negada, não contempla estes requisitos. Porém, o fato de elas não terem formação específica ou diploma não impediu que exercessem o ofício e fossem reconhecidas como profissionais. Conforme Arroyo (1987, p.81), “a construção do educativo nas sociedades ocidentais passa por um movimento de separação da instrução e da educação, ou de redução do educativo a um espaço institucionalizado”, o que acaba definindo o espaço escolar e a formação, como lugar legítimo de conhecimento e de formação para o trabalho.

Rosa passou a ter um reconhecimento social quando começou a ir para o trabalho, vestido as roupas que customizava das sobras das cunhadas. Tulipa, quando “aterriçou em casa”, após trabalhar em diversos lugares, com diversos tipos de costura, teve seus fazeres como costureira reconhecidos pela vizinha que passou a demandar serviço. Com Orquídea foi da mesma forma.

Antes de engravidar eu fui trabalhar na secretaria de educação. A minha sogra tinha uma caixa de roupa das filhas, elas eram mais chiques do que eu, eu era pobre. Elas usavam a roupa uma ou duas vezes e jogavam lá. Recém casadinha, eu não tinha muito o que fazer. Então eu chegava em casa e trabalhava naquelas roupas, alterando, ajustando. Aí começou né: 'eu amei aquele teu vestidinho, faz para mim?' Faço! (Rosa)

Eu já tinha as gurias quando comecei a costurar em casa. Tinha comprado uma minha máquina para as coisas de casa. Então uma vizinha viu a roupa das gurias, disse que eram lindas e insistiu para fazer para ela. E ali começou de brincadeira, ela falou para outras pessoas e mostrar e quando eu vi, eu já não aguentava mais de tanto serviço. (Tulipa)

E comecei a cortar roupa e fazer roupa, e daqui a pouquinho a vizinhança tudo começou a levar roupa para mim fazer. Eu não era mais criança, já tinha uns 11 para 12 anos. (Orquídea)

Interessante na narrativa de Orquídea, a noção de infância, diferente da que se coloca nos dias atuais, com 11 anos ela afirma que não era mais criança, neste sentido, poderia trabalhar. A relação tempo-espaço é bem presente neste processo,

quando elas começam a ser reconhecidas e se autorreconhecerem como costureiras. Isso ocorre mesmo com as que já moravam na região metropolitana de Porto Alegre/RS. Estamos falando de um tempo em que não se encontrava roupa industrializada em qualquer lugar, o acesso era difícil e devido a um certo padrão de qualidade das indústrias de confecção da época⁵⁸, o custo era elevado. Conforme Chaud,

Nos anos de 1970 e 1980 eram poucas e raras as opções de roupas prontas nessa cidade interiorana, o acesso a roupa industrializada ainda era pequeno e seu custo elevado, era comum a solicitação dos serviços de costureiras, por ser bem mais econômico confeccionar a roupa do que comprá-la pronta (CHAUD, 2012, p.24).

Mesmo que a maioria delas tenha exercido a profissão de maneira autônoma, no espaço do lar, elas tiveram um reconhecimento social e um autorreconhecimento como profissionais da costura. Esse caráter social e pessoal possibilitou a costura de uma trajetória profissional que lhes garantiu o *status* de terem uma profissão e através dela garantir as condições objetivas de existência.

4.2 E assim me tornei costureira

Uma questão fundamental desta pesquisa foi conhecer o processo pelo qual as trabalhadoras se tornaram costureiras, conhecendo as experiências de vida que as levaram a esta escolha no mundo do trabalho. Buscamos conhecer as trajetórias profissionais, compreendendo por que elas escolheram esses fazeres para produzir sua existência e quais foram os horizontes de possibilidade de escolha. Neste caso, “a noção de trajetória refere-se à articulação entre as estratégias individuais e o marco histórico social em que se situam os sujeitos” (FRANZOI, 2006, p.77).

Esse processo de escolha profissional é permeado pela influência das diversas instituições que nos constituem seja a família, os espaços escolares e coletivos, a comunidade, a religião. O trabalho como forma de se tornar profissional é centrado na experiência.

⁵⁸ Nas entrevistas, quando as costureiras falam da qualidade e da perfeição de alguma roupa que confeccionaram, fazem referência às empresas de confecção: “Ficou tão perfeito quanto uma peça da ... então tu imaginas a perfeição!” (Rosa).

As trabalhadoras começaram a costurar desde muito cedo. Embora carregassem na bagagem, desde a infância, saberes diversos relacionados às atividades manuais, foi na adolescência que o trabalho começou a ser feito “*pra fora*”. A forma como aprenderam a profissão foi centrada na experiência, observando, fazendo, errando. Aprendendo, através da tradição oral e do fazer, com outras mulheres na família ou na vizinhança. Aprendendo um fazer de mulher ligado ao processo de socialização.

Aprender a costurar, por exemplo, constitui-se uma atividade imbricada à mulher. Isso porque costurar é tido como um saber necessário ao futuro papel de esposa e mãe, fazendo o aprendizado deste um processo totalmente naturalizado na formação das mulheres. (PEREIRA, 2004, p.110)

Tulipa aprendeu com a irmã, no início bordando, depois costurando. A irmã foi sua primeira mestra e seu conhecimento e o reconhecimento de seu trabalho, foram fundamentais nas escolhas profissionais de Tulipa.

Minha irmã disse:

- Eu vou ensinar vocês.

A gente recém tinha chegado lá de fora. Aqui a gente continuou estudando. E ela nos ensinou. Era naquele tempo que usava aqueles babeados finíssimos, tudo de cambraia, coisas finíssimas, camisetinhas, coisinhas assim. Ela nos ensinou e para nós foi rapidinho. Basta dizer que as roupas dos clientes mais caros éramos nós que fazíamos. Teve um tempo que eles diminuíram o trabalho, e ela disse:

- Quer saber de uma coisa eu vou trabalhar num atelier de costura!

E foi passando um tempo assim, e ela disse:

- Sabe de uma coisa, está diminuindo o serviço, nós vamos costurar!

Então ela nos levou para esse atelier de costura. No início começamos a aprender a máquina. Curiosa eu sempre fui. Aprender a aquela coisa toda. Ela ia cortando, a gente montando e aí nós iniciamos. (Tulipa)

Rosa aprendeu a bordar na escola e adorava este fazer. “*Bordar era meu chão*”. Na infância, sempre fazia a roupa das bonecas. A “*avó costurava mais ou menos, botando uma peça em cima da outra*”. O pai a incentivava em seus trabalhos manuais, “*investia*”, comprava linhas e o que mais precisasse. Ela gostava muito e queria aprender a costurar, até que o pai lhe deu a primeira máquina de costura.

Aos 16 anos, a gente morava no interior, eu já tinha terminado meu curso primário. E o meu pai resolveu / o meu pai sempre queria investir muito na gente. Na época eu bordava, porque lá fora a gente não tinha o que fazer. Então ele disse:

- Tem que arrumar alguma coisa para essas meninas!

Nesse meio tempo chegou uma senhora que era professora, era costureira que tinha diploma. Ela podia lecionar, tinha diploma de costureira esta senhora que chegou à região na época. E conversa vai, conversa vem com meu pai, aí ele disse:

- *Eu vou ver no IRGA⁵⁹ se consigo que a senhora dê aula. A senhora dá aula para as meninas aqui, um monte de menina sem fazer nada. Então a gente começou e eu amei aquilo ((entusiasmo)). Era tudo de bom, era maravilhoso, era o que eu mais queria na vida. Eu sempre tive mania de querer, quando eu era criança eu era costureira nas brincadeiras de boneca. E apesar de pobre, pobre, muito pobre, meu pai, ele investia. Eu pedia uma linha e ele me dava. Um dia ele chegou com uma máquina antiguiinha. Eu me realizei ((entusiasmo)), foi tudo de bom, foi o melhor presente que eu ganhei na vida. (Rosa)*

O pai se preocupava com que ela tivesse uma ocupação, não necessariamente profissional ou como trabalho. Se preocupava que elas tivessem com o que se ocupar para “passar o tempo”. Sendo assim, ele arranhou um curso para ela e as demais meninas da região que estavam sem *fazer nada*. Segundo Sennet, existe uma relação com a moralidade cristã, pois

Em suas origens, a doutrina da Igreja geralmente considerava o tempo livre como uma tentação, o lazer, como um convite à indolência. Esse temor aplicava-se particularmente às mulheres. [...] tendentes à licenciosidade sexual se nada tivessem para ocupar as mãos. Este preconceito deu origem a uma prática: a tentação feminina podia ser combatida através de um artesanato específico, o da agulha, fosse na tecelagem ou no bordado, mantendo ocupadas as mãos das mulheres (SENNETT 2013, p. 71-72).

O *convite à indolência* também era uma preocupação da mãe de Orquídea, que a impediu de ir para a cidade estudar e se tornar professora, pois não seria uma mulher digna. Dessa forma, a mantinha extremamente vinculada aos afazeres da casa e à atividade de costurar e bordar. Para o fazer da costura, a mãe liberava um período para que a filha pudesse se dedicar. Orquídea iniciou os primeiros passos na costura observando as mulheres da família, especialmente a tia que fazia roupa para os alfaiates da cidade, “o *motorista do ônibus carregava aquelas roupas todo dia para o alfaiate, trazia encomenda de manhã e levava de tarde*”. No começo, escondida, fazia o que ela chama de “*artes*”, no sentido de travessura, até o dia que afirmou para a mãe, ainda na infância, que cortaria os tecidos comprados para fazer as roupas da família.

Me tornei costureira vendo a minha tia costurar. Eu olhava ela costurando e queria costurar também, achava que aquilo era uma grande coisa. E foi indo, foi indo, ela fazia as roupas para mim e eu não gostava, desmanchava. No que eu tinha nove anos. Aí eu esperava a minha mãe ir para a fonte lavar roupa e pegava minhas roupas e recortava tudo. Cortava um pedaço e arrumava. Arrumava as mangas, encurtava a saia e tudo. E eu comecei a cortar as camisinhas dos guris e fazer para eles, eu tinha uns nove ou 10

⁵⁹ Instituto Rio Grandense do Arroz, criado a partir do Sindicato Arrozeiro do Rio Grande do Sul em 1938.

anos. Eles usavam umas camisinhas na época. Imagina, 55 anos atrás, eles eram pequenininhos. Aí a mãe disse assim:

- Agora vou ter que colocar essa guria para aprender a costurar mesmo, porque quer costurar.

Fui duas vezes numa vizinha que sabia. Na primeira ela me mostrou um livro com moldes e falou. Na segunda fui buscar o livro que ela havia trazido da cidade para mim. Ela deu umas explicações, perguntei os preços e não voltei mais e disse:

- Pode deixar que eu me viro sozinha! (Orquídea)

O cotidiano de Açucena, que foi criada desde muito pequena pela avó, era permeado pelas costuras que a avó fazia para fora, de forma a garantir uma renda para a família- composta pela avó, pela Açucena e pelo irmão. Quando foi aprender com uma costureira, descobriu que já sabia fazer e não apareceu mais.

Eu comecei com 14 anos. Fui aprender lá fora, na casa de uma costureira também. Nós fomos em quatro gurias. Na primeira semana fui aprender a cortar os moldes, cortar papel. Na segunda semana, era cortar os vestidos, comprar o tecido, levar e cortar os vestidos. Eu cheguei em casa, a vó foi dormir e eu cortei. Era sábado! Cortei o vestido e alinhavei. Quando a vó acordou, eu estava com vestido pronto, alinhavado. E daí eu disse:

- Não vou mais lá! Você pode ir lá pagar ela, eu não vou mais. Eu sei costurar! (Açucena)

Como iniciaram seus fazeres na profissão muito cedo, logo passaram a ser reconhecidas como profissionais e acabaram se encaminhando no caminho da costura. Conforme Ramos (2001), o conjunto de ações que transformam um indivíduo em profissional equivale à *profissionalização*. Franzoi (2006) utiliza o termo para se referir ao *ato de tornar-se um profissional*

Significa o processo pelo qual o indivíduo constitui sua profissionalidade, ou seja, ocupa um lugar no “espaço profissional”.

Como corolário da definição de profissão adotada, entende-se que a profissionalização não se realiza apenas na formação: só se completa com a inserção no trabalho, por um lado, porque o conhecimento necessita da prática para se efetivar; por outro, porque é com a inserção no trabalho que se concretizam as relações de trabalho [...] (FRANZOI, 2006, p.51).

Neste caminho de profissionalização, passaram a ser procuradas e remuneradas pelo seu trabalho, e assim foram se aperfeiçoando. Sendo assim, o trabalho logo se apresenta em forma de muito trabalho e como fundamental para a renda dessas famílias de classe popular. E a clientela apareceu muito rápido, pela divulgação do trabalho feita boca a boca.

As clientes foram aparecendo ligeiro. Uma contava para outra. Eu nunca botei placa de costureira. Não botei. Elas contavam que eu costurava bem e tudo, e vinham. Até hoje, tenho uma freguesa, a dona dessa roupa rosa ((mostra)), ela não me largou. E depois eu vim pra Canoas e foi a mesma coisa. Quando eu estava aqui em Esteio era pior ainda. (Açucena)

E comecei a fazer costura para fora, os vizinhos começaram a procurar e eu, claro que eu cobrava. Fazer de graça é que eu não ia! Os vizinhos me procuravam, levavam costura para mim fazer, e eu costurava para todo mundo. Eu perguntei para moça que costurava, quanto ela cobrava, eu tinha uns 12 anos, quanto que ela cobrava para fazer um vestido, para fazer uma camisa, e ela me disse o preço das coisas. E aí eu comecei a cobrar também. Ué! Queriam que eu fizesse. (Orquídea)

As minhas cunhadas e as minhas clientes me pagavam. Então eu passei a ganhar dinheiro. E elas falavam para as outras pessoas que era tudo maravilhoso ((risos)), que podia ir que elas garantiam. Eu tinha freguesas do centro de Porto Alegre, aquelas senhoras chiques na época.

Também, boba que eu não era. E assim ó, a gente ganha dinheiro, muito dinheiro. E eu continuei. Começou o boca a boca, a minha sogra me incentivava muito. Ela foi uma sogra ruinzinha, mas tem um lado bom, ela reconhecia o trabalho. Nossa! Fazia propaganda! Ela fazia questão de dizer para todo mundo que eu costurava divinamente. E foi chegando épocas, que chegava ao fim de novembro, eu não tinha mais vaga para dezembro (Rosa)

Quando eu tinha todas as meninas, há mais de vinte anos, eu estava só em casa, daí eu parei definitivamente de trabalhar fora. Uma vizinha viu a costura que eu fazia para as minhas filhas e insistiu que eu fizesse para ela. Eu não queria, mas ela pediu. E ali começou de brincadeira, ela falou para outras pessoas e mostrar e quando eu vi, eu já não aguentava mais de tanto serviço. (Tulipa)

Tendo conhecimento do ofício, uma demanda das clientes e uma remuneração, elas continuaram trabalhando em casa. Segundo Ramos (2001, p.240), “três determinantes limitam as profissões e definem as condições para que uma atividade se profissionalize: a remuneração, os saberes professados, o reconhecimento social e a finalidade do serviço”.

As clientes, na sua maioria mulheres, “*aquelas mulheres chiques, ricas, madames*”, vinham de várias cidades inclusive da capital, Porto Alegre, para encomendar suas roupas com elas, o que demonstra o reconhecimento social pelo trabalho realizado.

O processo de escolha profissional, permeado pelo conhecimento que adquiriam em casa e no fazer é caracterizado pelo distanciamento, não só da formação técnica e profissional, como da formação escolar básica. Conforme Arruda (1987),

os divórcios característicos da própria divisão de trabalho do capital mundial: entre escola e sociedade, entre trabalho intelectual e trabalho manual, entre saber erudito e saber popular, entre o individual e o social, entre ciência e técnica, entre a necessidade e a liberdade, entre decisão e execução, entre teoria e prática (ARRUDA, 1987, p.66).

O afastamento da educação formal, ainda no ensino fundamental, é permeado por questões de classe, gênero e pertencimento que resulta em uma trajetória escolar interrompida. Para Tulipa, que chegou a concluir o ginásio e fazer cursos de datilografia e de comércio, fazer um curso superior, nem lhe “passava pela cabeça”. Em primeiro lugar vinha o trabalho. Orquídea que queria ser professora e para quem o pai conseguiu até uma bolsa de estudos, teve a trajetória escolar interrompida por determinação da mãe que precisava dela para ajudar em casa, pois achava que ela não precisava estudar mais. Rosa gostava de ir à escola, de ler e estudar. Chegou a repetir a 5ª série para poder continuar, mas depois teria que ir morar na cidade o que dificultou essa continuidade, já que na região não havia oferta de escola para as demais séries.

Não passava pela minha cabeça ser outra coisa, ter outra profissão ou fazer uma Faculdade. A gente queria trabalhar e melhorar a vida dos pais. (Tulipa)

Eu parei de estudar com 15 anos. Na época a gente morava no interior. Inclusive na 5ª série, eu repeti duas vezes para poder ficar na escola. Depois tinha que sair e ir morar com alguém estranho, aí eu não quis. Eu morava no interior, na Granja Vargas em Palmares, a gente era tudo pintinho da mãe! Eu não gostava de sair, não consegui sair para ir morar com outra pessoa para estudar. (Rosa)

Quando era para ir para a 5ª série, a mãe não deixou, até que a professora arranhou um jeito para eu ir. Disse que eu tinha que ficar em casa para ajudar, era muita gente. Ela não dava conta. Depois o pai tinha até conseguido uma bolsa de estudos, ele queria que eu estudasse, mas ela não deixou pois eu já tinha aprendido que chega. Lá para fora não tinha como estudar depois da 5ª série. Tinha que ir para cidade, para casa dos outros. Era muito difícil! E aí a mãe não deixou, mas eu queria muito ter estudado. Depois quando eu já era grande e morava aqui, até surgiu uma oportunidade, mas já tinha muito trabalho. Eu pensei: “Eu não posso estudar! Eu tenho que trabalhar, para ganhar dinheiro! E a renda dele, não tinha como. Se eu não costurasse, não tinha como fazer essa casa, não tinha como a Vandri fazer o curso de informática. (Orquídea)

A trajetória profissional destas trabalhadoras esteve relacionada ao ofício da costura, realizado, na maior parte do tempo, de maneira autônoma no espaço doméstico. É possível identificar estas trajetórias de trabalho como sendo “trajetórias mais contínuas” e de certa forma ascendentes, no sentido de profissionalização através da própria experiência de trabalho e do reconhecimento por si e pelos outros, do resultado do seu trabalho. Franzoi (2006) entende que

A continuidade, quanto à situação ocupacional, pode dizer respeito a uma trajetória que se desenvolve em uma mesma área de atividade, ou em uma mesma empresa, ainda que, na maior parte das vezes, marcada por relações de trabalho precárias e, ainda que se alternem períodos sem trabalho com os de ocupação (FRANZOI, 2006, p. 78).

Embora afirmem que não trabalham há uns cinco anos, geralmente fazem algumas costuras quando e para quem desejam, sendo que às vezes nem cobram. Orquídea, Tulipa e Açucena diminuíram o trabalho por questão de saúde, enquanto Rosa começou a diminuir o ritmo quando teve que se dedicar mais intensamente aos cuidados da sogra, do sogro e do ex-marido, ao perder um filho e ter que ajudar nos cuidados com a neta. Contam que não têm mais “aquela necessidade”. Como fonte de renda, Rosa e Açucena ganham pensão alimentícia de seus ex-maridos, sendo o de Rosa já falecido. Tulipa é viúva e recebe pensão e recentemente conseguiu se aposentar após apelar, em ambos os casos, para um advogado. A dificuldade de acesso aos direitos trabalhistas é bem presente na vida destas mulheres que, por não estarem vinculadas ao trabalho formal, ficam à margem desta legislação.

Eu tive que diminuir o trabalho por causa dos meus olhos que estão sempre lacrimejando. Minha aposentadoria saiu quase junto com a pensão do Valdir. Depois que ele faleceu eu fiquei três meses sem receber nada de pensão, tive que apelar para um advogado e aí vai um monte de dinheiro quando a gente recebe. (Tulipa)

Em 2004, eu tive um AVC, com 59 anos, foi quando eu deixei de costurar. O médico disse que eu não ia falar ou talvez não fosse caminhar, mas não me esqueci de nada do negócio das costuras, nem como fazer tricô, crochê, bordado. Então eu trabalhei dos 14 até os 58. Agora eu não considero mais. Essas coisas que eu faço, eu não cobro, é muito pouquinho. Às vezes eu faço, mas às vezes não, eu não quero ou não posso. Eu faço quando dá. Para terreira, eu fazia os uniformes, mas agora também não faço mais. Não faço porque não quero mais. O que eu ganho dá para mim viver, eu faço as coisas que quero. E não sinto falta de toda aquela ocupação, consigo viver assim, eu deito na cama, eu olho televisão. Eu trabalhei demais e trabalhava mesmo! (Açucena)

Eu parei porque eu cansei. Para mim deu! Eu não sei se é quando a gente não tem a necessidade, se vê as coisas de outra forma ou sei lá. Não sei o que foi que me aconteceu! Foram duas coisas que me aconteceram bem ruins. Uma moça me indicou para fazer uniformes de um banco em Porto Alegre, cinco peças. Mas lá, também foi às condições de trabalho. Eu comprei os tecidos, dei o preço, fiz tudo. Tinha que experimentar dentro do banheiro e era um calorão, abafado, horrível. Aí cinco deu zebra. Aquilo me deixou tão irritada. Eu fazia e provava lá porque elas não tinham como vir. Daí sim eu cheguei e falei:

- Pelo amor de Deus, eu não quero mais nem ver isso aí, eu não vou mais levar. Te dou o dinheiro e você leva para arrumar.

Eu já pagava para não trabalhar! ((risos)). Mas eu sei lá. Foi uma coisa ruim mesmo, porque eu estava acostumada a fazer. Eu comecei na secretaria, eu levava e provava lá. Eu não sei por que aquilo me aconteceu eu não entendi acho que era..., mas eu estava mal mesmo ((emoção)). Tinha perdido meu filho fazia pouco tempo, estava ajudando a cuidar da minha neta. Nos anos anteriores, mesmo com tudo que me fizeram, cuidei da minha sogra, do meu sogro, do meu ex-marido. Mas graças a Deus, Deus me ajudou e eu superei tudo muito bem. (Rosa)

Quando Rosa começa a falar sobre o fato de ter parado de trabalhar, lembra de um acontecimento negativo marcante no seu trabalho como costureira e inicia uma reflexão, buscando explicar para si mesma e entender e qual contexto o fato

havia ocorrido. Nesse processo de reflexão, revelou-se um *momento charneira* “em que se trata de compreender como essa história articula-se como um processo - o processo de formação - que pode ser apreendido mediante as lições das lembranças que articulam o presente ao passado e ao futuro” (JOSSO, 2006, p378). Aquela lembrança tida por ela como ruim parecia estar sendo ressignificada a partir do momento em que ela buscava explicação para o que no momento anterior era considerado um erro no trabalho que fez com que ela se dedicasse menos à atividade. Conforme Josso,

Momentos ou acontecimentos charneiras são aqueles que representam uma passagem entre duas etapas da vida, um “divisor de águas”, poderíamos dizer: Charneira é uma dobradiça, algo que, portanto, faz o papel de uma articulação. Esse termo é utilizado tanto nas obras francesas quanto portuguesas sobre história de vida, para designar os acontecimentos que separam, dividem e articulam as etapas da vida (JOSSO, 2004, p.64).

No caso de Orquídea, ela teve que parar de vez, aos 55 anos, devido ao seu problema de saúde decorrente do trabalho como costureira. Passou a vida toda sentada, costurando, sem orientação ou interlocução sobre os cuidados possíveis para sua saúde no trabalho.

Eu tive que parar às pressas. Costurei muito tempo, muito tempo, sentada. Não tinha horário, não tinha essa de trabalhar 8 horas. Era muito mais do horário. Só nessa casa, foram mais de 30 anos. Era para mim ter feito umas duas vezes por semana caminhada, mas como eu conseguia fazer aquilo tudo, eu não me importava. Não sentia nada na época, não tinha dor nenhuma. Foi de repente! Comecei a sentir aquelas dores, parecia que eu estava toda quebrada nas costas. Em um mês eu caí três tombos. Tinha coisa errada! Eu fiquei muitos anos sentada. Quando eu vi, estava daquele jeito. Comecei a ir ao médico, tomar remédio, e o médico disse:

- Eu sinto muito! Se tu queres melhorar vai ter que parar com a costurinha. Senão não vai melhorar.

Eu já estava há seis meses tomando remédio e nada de melhorar. Ele disse para eu dar um tempo, me deu um atestado. Mas eu estava tão, tão debilitada, tão atrofiada. Fiquei três anos na fisioterapia, fazia hidro, tomava remédio. Eu deitava, depois que esfriava eu não conseguia levantar mais e o Vanderlei me puxava em cima da cama, e eu gritava. Era coisa mais triste do mundo. (Orquídea)

Depois de muitas idas e vindas, Orquídea conseguiu se aposentar por invalidez. Mesmo pagando o INSS fazia alguns anos e ter realizado uma série de exames que comprovavam a precariedade de seu estado de saúde e a impossibilidade de continuar trabalhando, ela teve que recorrer a um advogado para garantir o direito à aposentadoria. De todas elas, Orquídea é a única que está aposentada como costureira, sendo que a nomenclatura utilizada para sua ocupação

de “Costureira em geral” não corresponde exatamente à atividade de trabalho que realizou ao longo de sua vida.

O exercício de uma atividade laboral, por si só, não é suficiente para o desfrute de direitos cívicos, mas é importante considerar que a possibilidade de se exercer uma atividade de trabalho socialmente reconhecida é condição necessária para se ter acesso àquele desfrute. Essa é uma questão especialmente relevante no que respeita às mulheres, cujas formas de inserção social, ainda hoje, em diversas regiões do mundo, restringem-se à esfera privada (LIEDKE, 2006, p.323).

Outro aspecto relevante que aparece na fala das costureiras é o fato de terem certeza de que se voltassem a trabalhar, teriam clientes. Além de ainda serem muito procuradas pelo seu trabalho, afirmam que ninguém mais faz este tipo de trabalho que elas faziam. Trabalho este que envolve todo o processo da costura, além de outros saberes como o de bordar, e a possibilidade de criação.

Hoje se eu botar uma plaquinha vem cliente. Porque não existe mais costureira assim. Eu nunca tive placa na frente da minha casa, foi só o boca a boca. Ah não! Se eu der um grito... não digo que todas clientes voltem, mas muitas voltam. (Rosa)

Se eu voltasse a trabalhar, nem precisava dizer que eu voltei a costurar, que iam começar a trazer roupa, de novo. Ninguém mais faz esse tipo de trabalho que a gente fazia! Porque a costura manual é muito diferente. (Orquídea)

A trajetória contínua dessas trabalhadoras, de certa forma, possibilitou que se reconhecessem como profissionais, podendo afirmar com muita certeza que são costureiras. Também permitiu um aprimoramento do conhecimento do ofício da costura e de seus fazeres, acumulando saberes e atendendo uma demanda social que garantiu melhores condições de existência para elas e suas famílias. Neste caso, bem como no estudo de Franzoi (2006),

[...] a profissão construída ao longo da vida serve como referência aos seus projetos futuros, estabelecendo bastante consonância entre projeto e trajetória. Tendo uma profissão, e com ela estando satisfeitos, seus projetos e suas estratégias formativas em particular, condizentes com suas trajetórias, vão no sentido de aperfeiçoar-se na área em que sempre desenvolveram suas atividades. (FRANZOI, 2006, p.90)

As estratégias formativas ocorrem na atividade de trabalho, centradas na experiência e no aprender por conta própria. O “projeto ancorado em profissão” que se estabelece na trajetória destas mulheres é, além de viver do fruto do seu trabalho, possibilitar melhores condições de vida às suas famílias.

5 “CORTAR? EU JÁ SABIA!”

Entre as questões centrais que motivaram esta pesquisa está o interesse e a hipótese de que estas mulheres costureiras possuem saberes diversos que não só o saber referente ao processo de trabalho da costura e, neste caso, falamos de costura realizada como trabalho em domicílio, mas saberes relacionados às atividades manuais e artesanais que são mobilizados de forma inconsciente e muitas vezes não percebidos como saberes.

Esse interesse também deriva daquilo que vou chamar de “*obras de arte da costura*”, que cresci de certa forma acompanhando, vendo, observando, trabalhos belíssimos realizados por costureiras autônomas, das classes populares, em suas residências. Tudo sendo realizado em espaço pequenos junto ao trabalho doméstico, ao cuidado dos filhos e a vista de prateleiras cheias de sacolas, de encomendas, com papéis contendo desenhos, anotações de medidas e datas para entrega. Então buscamos visibilizar de que forma aparece na narrativa os saberes do trabalho de costureiras, e que saberes são estes visíveis ou invisíveis.

Segundo Fischer e Lousada (2010), na concepção de educação bancária em Paulo Freire, o saber pode ser visto como aquele que é legítimo, hierarquizado, reconhecido socialmente através das regras e normas estabelecidas, que determinam ser este o saber de mais valor. Este é o caso do saber científico. Neste caso, a sociedade é formada pelos que sabem e pelos que não possuem saber. Por outro lado, segundo estes autores, para Freire, os saberes são diversos, produzidos na experiência, em diferentes tempos, espaços e sociedades. Portanto, todos sabemos algo e esse algo não pode ser hierarquizado, são saberes que devem ser respeitados.

[...] na concepção dialógica da educação, existem diferentes tipos de saber, não hierarquizados, não merecendo ser classificados mecanicamente como válidos ou inválidos. Dessa forma, são considerados relevantes os saberes dos educandos inseridos no espaço escolar ou noutras alternativas em educação, elaborados na vida cotidiana, ou seja, trata-se dos saberes de experiência feitos que são elaborados na experiência existencial, na dialógica da prática de vida comunitária em que estão inseridos, no circuito dialógico, “homens-mulheres-mundo”. (2010, p.367)

Os saberes são socialmente construídos nas práticas sociais e na experiência, bem como são socialmente hierarquizados, ditos de maior ou menor valor. Para Freire, todos os saberes produzidos são saberes que devem ser valorizados uma vez que “não há saber nem ignorância absoluta; há somente uma relativização do saber ou da ignorância” (FREIRE, 1993a, p.29 *apud* FREITAS, 2010, p.365).

A hipótese que norteia este interesse é a invisibilidade dos saberes do trabalho da costura, ligados à ou produzidos na atividade de trabalho, realizado no espaço doméstico, fora de uma relação direta com o capital e descolado do espaço formal da escola. Explorar melhor os saberes que vão sendo transmitido de mãe para filha, de mulher para mulher. Conhecer o patrimônio de saberes dessas mulheres trabalhadoras. Identificar os saberes presentes e não presentes, mobilizados ou não, na atividade de trabalho das costureiras sua invisibilidade, renormalização e produção. Conforme Fischer (2013), conhecimento/saber:

São respostas a questionamentos que o ser humano se faz face àquilo que não sabe, não entende ou não consegue explicar. Resultam de sua curiosidade e necessidade de se apropriar do mundo objetivo e subjetivo que o cerca e de que faz parte.

Santos (2000) define saber como substantivo para designar: 1. o ato de saber, ou o processo através do qual o sujeito aprende; 2. o fato de saber, ou a situação daquele que aprendeu algo; 3. o produto da aprendizagem do sujeito, ou objetos culturais, institucionais, sociais. Os categoriza em: Saber Científico; Formal; Intuitivo; Operário; Popular; Saber Prático/Saber Fazer/Savoir-Faire - utilizada para designar o produto de uma aprendizagem do trabalhador e sua disposição para mobilizar os seus saberes no trabalho sempre que necessário. Compreende os saberes práticos, empíricos, as manhas do ofício, o golpe de vista; Saber-Ser (p.294-298). Segundo Araujo (2000), tem-se ainda o “Saber Tácito que é o conhecimento que a pessoa tem, mas do qual não está ciente de modo consciente. É resultante da experiência, da história individual ou coletiva dos indivíduos.”

Entendemos que a atividade de trabalho produz conhecimento, saberes e aprendizados que nem sempre são sistematizados, mas que existem e são fontes de conhecimento. A formação em si, acontece no processo de trabalho, no fazer, onde as costureiras apreendem constantemente o ofício, na prática e nas trocas com as demais trabalhadoras.

O saber de experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana. De fato, a experiência é uma espécie de mediação entre ambos. É importante, porém, ter presente que, do ponto de vista da experiência, nem “conhecimento” nem “vida” significam o que significam habitualmente (BONDIA, 2002, p. 26).

A abordagem ergológica, que se abre para o interdisciplinar com uma postura filosófica sobre atividade humana, procura conhecer o trabalho levando em conta as inúmeras variáveis que o permeiam. Debruça-se sobre a atividade de trabalho na perspectiva de conhecê-lo na sua totalidade. Entre o previsível e o real, o abstrato e o concreto, tem-se uma infinidade de situações que tornam a atividade de trabalho singular. As trabalhadoras se educam, se formam, ressignificam seus saberes a partir da atividade de trabalho sendo assim, elas são sujeito do trabalho.

Os atos de trabalho não encontram o trabalhador como uma massa mole onde se inscreveria passivamente a memória dos atos a reproduzir. (SCHWARTZ, 2000, p.41)

Nesta abordagem, o trabalhador constantemente age sobre o próprio trabalho. Cria suas condições, recria o seu trabalho, interfere no processo. Isso acontece porque uma infinidade de situações permeia a atividade de trabalho. Experiências diversas, necessidade de pequenas e grandes decisões, sentimentos, emoções, conflitos, questões da ordem do simbólico, entre outras, se misturam no fazer. O fazer do trabalhador, por sua vez, está relacionado com sua história de vida, com suas experiências, com seus saberes e valores, suas ideologias.

No trabalho, ao mesmo tempo em que o trabalhador está realizando uma tarefa de rotina, não está apenas repetindo ou executando o que é prescrito, está pensando, reagindo ao imprevisto, ressignificando a experiência. Sua atividade não é, portanto, apenas reprodução da prescrição ou do que outros pensaram antes, mas também resulta de seus diálogos consigo mesmo, com suas próprias antecipações. De alguma forma, o trabalhador reinventa, a todo instante, o seu fazer. O espaço de trabalho é pensado como um espaço de constante aprendizado, de construção de conhecimento e circulação de saberes. (FISCHER; BARBOSA, 2014).

O trabalhador age sobre o trabalho, fazendo escolhas, com o objetivo de melhorá-lo já que na relação entre o que é prescrito e o que é realizável, existe uma infinidade de situações.

Todo o trabalho, porque é o lugar de um problema, apela um uso de si. Isto quer dizer que não há simples execução mas uso, convocação de um indivíduo singular com capacidades bem mais amplas que as enumeradas pela tarefa. Trabalhar coloca em tensão o uso de si requerido pelos outros e o uso de si consentido e comprometido por si mesmo. (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p.5)

É característica do uso de si “o indivíduo no seu ser que é convocado; recursos e capacidades mais vastos do que os que são explicitados; demanda específica (livre disposição de um capital pessoal); manifestação de um sujeito; aquele que se quer fazer de você; aquele que cada um faz de si mesmo” (SCHWARTZ, 2000, p.41). Como o trabalhador não é um autômato ou morto-vivo (ibidem), ele não reproduz simplesmente a norma, ele faz *uso de si* e estabelece um debate com as normas, alterando estas normas, *renormalizando-as*. A renormalização evidencia a singularidade do indivíduo num mundo, no qual é obrigado a seguir normas e regras dadas para o coletivo. Em ambos os casos, relaciona-se com a necessidade de sobrevivência, tanto no meio social como parte de uma sociedade, mas também como sujeito único e singular que vem a ser.

O ser humano, como todo o ser vivo, está exposto a exigências ou normas, emitidas continuamente e em quantidade pelo meio no qual se encontra. Para existir como ser singular, vivo, e em função das lacunas das normas deste meio face às inúmeras variabilidades da situação local, ele vai e deve tentar permanentemente re-interpretar estas normas que lhe são propostas. Fazendo isto, ele tenta configurar o meio como o seu próprio meio. É o processo de renormalização que está no cerne da actividade. Em arte, cada um chega a transgredir certas normas, a distorcê-las de forma a elas se apropriar. Em parte, cada um sofre-as como algo que se impõe do exterior [por exemplo, a linguagem é na actividade um esforço de singularização do sistema normativo que é a língua] (DURRIVE; SCHWARTZ, 2008, p.6)

Neste sentido, as costureiras, não sendo uma máquina repetidora de uma norma, que não reage ao que o meio lhe impõe, estão constantemente renormalizando, de forma a tornar singular, sua atividade de trabalho. São profissionais cuja atividade de trabalho é constituída de saberes diversos, que não apenas a costura em si. Trabalhando em casa e sozinhas, era necessário ter o conhecimento de todo o processo da costura desde a criação, passando pelo desenho e confecção dos moldes, o corte, o alinhar, o costurar, consertar, bordar e, muitas vezes, produzindo modelos próprios. Como seu aprendizado se deu, ao longo dos anos, distante dos espaços legítimos de formação, elas aprenderam muito do seu fazer, sozinhas. Os saberes relacionados aos trabalhos manuais foram aprendidos na escola, nos anos iniciais: bordar, alinhar, costurar, pintar, entre outros. Como disse Rosa, “*antes de ter aula de costura com a professora, eu já tinha meus dotezinhos, eu bordava, fazia a roupa das bonecas*”, porém apareceram naturalizados.

A norma externa, no caso delas que trabalhavam sozinhas e sem alternância com formação, era dada pela moda que acompanhavam através das revistas e pelas clientes, cujo nível de exigência variava.

Na verdade, eu virei costureira na marra bordadeira na marra aí eu fazia do mais simples ao mais sofisticado e não tinha técnica entendi eu ia aprendendo eu ia lendo eu ia vendo isso é muito meu eu fui para costura porque eu sempre gostei das meninas amiguinhas eu sempre costureira eu aprendi na marra e depois eu tive técnica, mas eu perdi tudo porque eu tinha que ir lá no caderno que era maravilhosa. (Rosa)

E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática. Depois eu comparava aquelas revistas para tirar molde. Pegava aquelas revistas, tirava o molde da revista. Tinha o número, eu aprendi sozinha, era bem fácil, não era difícil! Vinham os moldes dentro, com os números 40, 42, 44, 46, vários números. Se eu precisava, eu mesma aumentava o número. (Orquídea)

As exigências das clientes, da moda, da própria costureira, combinado com o grande volume de trabalho, faziam com que elas constantemente renormalizassem a atividade de trabalho. Rosa, que “*não era boba*”, utilizava muito as revistas como fonte de aprendizado, para fazer uso dos moldes e facilitar seu trabalho. Não deixava de comprar as revistas e fazia as coisas sempre dialogando com seu gosto e com suas possibilidades:

As revistas, eu comparava, aquilo era sagrado. Deus do céu se eu ficar sem a Manequim do mês, até porque era necessário, as pessoas tinham que ver o que estava na moda. A manequim era minha preferida, usei muito pouco a Burda, eu não gostava, era outra língua. Tinha uma outra, Moda Moldes mas eu não gostava, para mim era a Manequim que era boa. Hoje não, acho que ela não existe mais, mas até pouco tempo atrás, ela já vinha dessa finurinha e mais era propaganda. Mas na época, eu considerava ela, era muito boa. As pessoas chegavam e olhavam o modelo, aí eu ia pesquisar bem. Quase que todos tinham molde e claro que eu não era boba! Eu não mostrava os que não tinham. Aí eu dizia: ‘essa aqui não é legal’. Eu tinha que dar a minha opinião né, e claro que eu ia dizer aquilo que eu gostava, mas não me lembro de alguém ter voltado e dizer: ‘eu não gostei disso’. (Rosa)

Nos livros, mas especialmente nas revistas, era onde elas buscavam o saber formal e sistematizado para não terem que fazer tudo do zero a partir das demandas das clientes.

Ela comprou o livro e me ensinou tirar os moldes do livro. E foi ali que eu comecei, mas depois que eu vim para cá e deixei de usar aquele livro e comecei a tirar o molde das revistas, da manequim, da moda moldes. E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática. Depois eu comparava aquelas revistas para tirar molde. Pegava aquelas revistas, tirava o molde da revista. Tinha o número, eu aprendi sozinha, era bem fácil, não era difícil! Vinham os moldes dentro, com os números 40, 42, 44, 46, vários números. Se eu precisava, eu mesma aumentava o número. (Orquídea)

Neste debate com as normas e os usos de si que as trabalhadoras fazem, tem uma questão de sobrevivência com relação ao trabalho e todos os desafios que ele impõe. Sobrevivência no sentido de não ultrapassar os limites do corpo e da mente. Mesmo assim, quando o trabalho é feito por conta própria, sendo base da renda da família, estabelecer os limites do corpo também entra numa renormalização com esses limites. Quando isso acontece, como foi o caso de Orquídea, o trabalhador adocece. Ela teve uma espécie de colapso aos 30 anos e aos 55 anos teve que parar definitivamente com a costura devido a um problema sério de coluna, consequência de mais de trinta anos de trabalho sentada.

E eu fazia os que tinham mais pressa. Os que não tinham, iam ficando. Eu não conseguia nunca dar conta daquilo e não tinha como botar uma pessoa, porque não dava certo. Eu tinha que calcular quantos que eu ia fazer por semana. Não sei por que elas vinham, porque barato, barato eu não cobrava. E eu nem me cuidava. Eu ficava lá, o dia inteiro. Tomava banho e deu. Era muito puxado. Por isso que eu queria que a Vandri estudasse, para ela ter horário para trabalhar. Para não ter que trabalhar daquele jeito, naquela loucura que eu trabalhava. Na verdade, eu acho que eu fazia demais, sei lá se tinha saúde na época. E as pessoas, parece que obrigavam a gente a fazer. Era um saco! (Orquídea)

Ela entra num debate sobre seus limites, mas ao mesmo tempo tenta identificar o que consegue melhorar, para atender as demandas e cumprir os prazos. Está em jogo uma estratégia de sobrevivência que ela como trabalhadora que realiza todo o processo, precisa ter. Alguns moldes ela mantinha, para facilitar o trabalho.

Então não era tudo, tudo que eu fazia os moldes, porque alguns eu já tinha feito antes. Algumas clientes, eu tinha o molde da calça dela guardado. Aquilo ali me poupava muito tempo. E quando elas inventavam alguma coisa, eu mesma tinha que fazer, ficava pensando para fazer, tinha que inventar outro molde, acrescentar o que elas pediam. Mas depois que tu aprende a fazer certas coisas / e o meu trabalho era bom! Eu nunca consegui fazer nada, assim de qualquer jeito. O meu mal mesmo, eu não consegui ganhar muito dinheiro é porque eu não conseguia fazer as coisas, por exemplo, passar por cima de muita coisa. Tinha que ser no mínimo, nos mínimos detalhes. Eu não conseguia fazer nada a torto e à direita e até hoje. Sou muito detalhista, eu sou muito chata. (Orquídea)

Açucena também tinha suas estratégias para não ter problemas com retrabalho, utilizava seus saberes de estética para não ter retrabalho e as clientes saírem satisfeitas. Ter que refazer um trabalho, implicava em deixar de fazer muitos outros que já estavam em uma fila de espera.

As clientes vinham com um modelo pronto, mas muitas coisas eu dizia: 'olha, isso aí não vai sentar para ti'. Eu dizia, claro, como é que eu ia fazer um vestido de uma pessoa magrinha para uma pessoa gorda? Não dá, não fica bem. E depois iriam voltar para me

incomodar. Então eu falava. Eu tinha noção do que ficava bem e o que não ficava. Não sei, acho que isso é do dom da gente. (Açucena)

Os saberes relacionados à organização do trabalho, às noções de moda e de corpo, a autogestão do trabalho, aparecem nas narrativas. Elas faziam desde comprar o tecido, escolher a modelagem, criar um figurino em alguns casos. Eram muito procuradas pela qualidade do seu trabalho o pelo valor estético do produto final. Chaud, ao recuperar suas lembranças sobre o trabalho de costura realizado pela sua mãe, comenta que

A cliente, ao encomendar a confecção personalizada de sua roupa, almejava sua valorização estética. A aparência corporal era um valor importante, como em outras sociedades, exercia função social. A roupa se apresenta como construtora de aparências e representações. (CHAUD, 2012, p.25)

Houve certa dificuldade de explorar os saberes do trabalho através das narrativas e das trabalhadoras expressarem em palavras. Sennett (2013) coloca essa dificuldade de falar sobre as coisas que fazemos como um “limite humano fundamental, o de que a linguagem não é uma ferramenta espelho”. Durrive (2011, p.295) coloca que a nossa vida no trabalho cotidiano, não é codificada, categorizada e “é por isso que é tão difícil fazer uma pessoa falar sobre o que ela viveu, sobre o que chamamos “atividade de trabalho”. É bem mais simples fazê-la falar sobre o codificado, o ofício e o emprego”. Outro ponto é a banalização do fazer, e da atividade de trabalho cotidiana, que passa como despercebida, de menor importância ou como simples, como algo fácil de aprender ou de fazer. Neste sentido, os saberes apareceram nas narrativas na forma do saber-fazer.

Eu corto a roupa, agora eu não sei como é que eles cortam a roupa, mas eu faço o molde, todo ele no jornal e corto toda costura por molde. Não corto uma blusinha sem molde. Esse molde, eu faço na hora com as medidas da pessoa. Eu pego poucas medidas: comprimento, largura, ombro, degote, cava, busto, cintura, quadris, comprimento de tudo assim. Daí eu vou para o papel e desenho, uso régua também. (Açucena)

É presente o saber-fazer vestido de noiva, bombacha, vestido de prenda, vestido de festa, bordados diversos. De certa forma, elas faziam uma sistematização da atividade de trabalho, através da confecção de moldes padrão, moldes específicos de algumas clientes ou de roupas que eram mais solicitadas, por exemplo de blazers. Além de terem seus *caderninhos* com medidas das clientes, algumas medidas padrão e desenhos das roupas que as clientes “*inventavam*” na interação com elas.

Seus saberes e fazeres que ganham vida em um elevado grau de autogestão do próprio trabalho, no domínio de todo processo de trabalho, em certo grau de liberdade e criatividade lhes garantiam a possibilidade de, por exemplo, “*cobrarem bem*” pelo seu trabalho. E, neste sentido de domínio dos saberes necessários à realização do seu trabalho, convertendo sua produção em forma de ser/estar no mundo, elas se tornam protagonistas neste processo, apesar de toda precariedade que o excesso de trabalho e o estar a margem da legislação acarretam.

6 DOS SABORES

E quando elas inventavam alguma coisa!!! Eu ficava pensando para fazer, tinha que inventar o molde, acrescentar o que elas pediam. E o meu trabalho era bom. (Orquídea)

Depois a gente olhava o trabalho aberto e parecia um sonho aquilo! Não acreditávamos, mas éramos nós que fazíamos. (Tulipa)

Tudo que eu vou fazer, eu penso antes! Não acho meu trabalho difícil, mas também não acho qualquer pessoa faz. Precisa gostar. Cada pessoa tem seu gosto. (Açucena)

Aquele que eu criava, aquele que eu bordada, aquele que as mãozinhas já não aguentavam mais no fim... mesmo que fosse muito mais trabalhoso... nossa!!! Dá muito mais prazer! É muito maravilhoso! (Rosa)

Relacionado ao pressuposto de que se produzem saberes na atividade de trabalho, procuramos investigar a relação que existe entre o trabalho manual e o trabalho intelectual, nesta forma de realizar o ofício da costura. A hipótese é de que existe uma relação muito íntima entre o pensar e o fazer, diferente da ideia de separação entre o trabalho da mente e o trabalho do corpo muito presente nas sociedades ocidentais.

Para isso, vamos dialogar com o estudo de Sennett (2013), que busca contrapor o pensamento de Hannah Arendt de que “as pessoas que fazem coisas geralmente não sabem o que estão fazendo” (p.11). Diferencia o *animal laborens* (trabalhador braçal condenado a rotina) e do *homo faber* (homem que faz, que cria vida em comum). O autor acredita que “as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem, a cultura material é importante” e que “podemos alcançar uma vida material mais humana, se pelo menos entendermos como são feitas as coisas” (p.12).

Buscamos conhecer as dimensões mais artesanais nesta atividade da costura, da *habilidade artesanal*, da capacidade de fazer bem as coisas e o quanto de *artífice* está contido nos fazeres destas mulheres. Para Sennett (2013)

Habilidade artesanal designa um impulso humano básico e permanente, o desejo de um trabalho bem feito por si mesmo. Abrange um espectro muito mais amplo que o trabalho derivado de habilidades manuais; diz respeito ao programa de computador, ao médico e ao artista; os cuidados paternos podem melhorar quando são praticados como uma atividade bem capacitada, assim como a cidadania. Em todos esses terrenos, a habilidade artesanal está centrada em padrões objetivos, na coisa em si mesma. (SENNETT, 2013, p.19).

No trabalho artesanal, mão e mente andam juntos. O artífice, por sua vez “focaliza a relação íntima entre a mão e a cabeça” (ibidem, p.20). É sua característica o diálogo entre o pensar e o fazer, a preocupação com o trabalho bem feito, a busca pelo fazer bem, “pelo prazer da coisa benfeita”. Dessa forma, seu trabalho, apesar do caráter prático e concreto, não é apenas ligado a um fim econômico, instrumental. Representa uma condição humana especial: a do *engajamento* (p.30).

Reafirmamos aqui o princípio de nossa caminhada. Não estamos falando ‘apenas’ do outro, no caso, as costureiras. Falamos de nós mesmas. Ouvindo o outro estamos nos existenciando. Assumimos a posição freireana de nossa incompletude, mas também de nossa perfectibilidade, ou seja, a crença de que podemos melhorar como seres humanos. E este processo de conhecer e entender melhor o que fazemos, as nossas feitura, ajuda a nos conhecermos. Crença de que o diálogo pode trazer, a partir de nossa escuta atenta e reflexiva, uma capacidade maior de entendermos o outro, o mundo e, claro, a nós mesmas. E assim, intervir no mundo de forma mais humana.

Sobre o trabalho das costureiras, pensamos que é um processo cheio de intervenção, criação, esforço, alegria e sofrimento. A partir das expressões que surgiram no campo empírico: “*Tudo eu tinha que pensar!*”; “*Eu ficava boba de ver!*”; “*Aquilo parecia um sonho!*”; vamos tentar costurar, especialmente, com os aspectos que dizem respeito ao trabalho bem feito e à sua busca. Essa busca vai ao encontro do prazer, à satisfação, ao gosto pelo objeto da feitura como resultado - eu diria do

trabalho coletivo entre mãos e mente, mas estaria assumindo a separação entre ambos - da unidade entre o *fazer* e *pensar*⁶⁰.

Esta questão também pode ser compreendida na relação entre o saber e o fazer. O pensar se relaciona com o saber, ganha corpo através do fazer e produz novos saberes. Entendemos que na mescla dos saberes com os fazeres temos os sabores que seriam o gosto, a qualidade, o autorreconhecimento pelo trabalho bem feito que impulsionam e realimentam o fazer bem, o processo criativo e o desejo.

O desejo de fazer bem uma peça de roupa pode impulsionar a criação. A curiosidade, o desejo de aprender, a busca pelo aprimoramento da técnica ao longo dos anos fez com que as trabalhadoras fossem reconhecidas não apenas por terem a profissão de costureiras, mas em especial, pela qualidade do trabalho por elas realizado. Neste caso, *o processo de feitura das coisas revela*, para o outro e para elas, que são *boas costureiras*. Conforme Sennett (2013, p.18), “para aprender com as coisas, precisamos saber apreciar as qualidades de uma vestimenta [...] que nos permitem imaginar categorias mais amplas de “bom””.

A vontade que elas tinham de fazer coisas manuais que viam as outras pessoas fazendo impulsionava o processo de aprender fazendo. Decorrente desse desejo, elas foram aprendendo desde a infância e desenvolvendo a técnica através do tempo. “[...] o ritmo da rotina na habilidade artesanal se inspira na experiência das brincadeiras infantis, e quase todas as crianças sabem brincar bem” (SENNETT, 2013, p. 299). Elas brincavam de fazer as roupas para as bonecas e para os irmãos buscando descobrir como fazer e acertar. No início, não sabiam como fazer, mas faziam e buscavam melhorar. Orquídea, aos quinze anos já fazia diversos tipos de bordado com perfeição, tanto para o seu enxoval como para vender. Começou as feituas bem pequenininha:

Olha uma arte que eu fiz uma vez: a tia costurava e cortava aqueles bordados, tudo em roda, um tal de caseadinho. E eu queria ver elas cortarem o tal de caseado! Elas entraram para dentro do quarto e fecharam a porta para mim não ir. Tinham medo que eu estragasse o bordado delas, eu era muito pequena, não entendia as coisas. Não deixaram eu ver. Se fecharam dentro do quarto para cortar o bordado tudo em roda. Aí o que, que eu fiz? Eu tinha curiosidade para ver aquilo. Então eu peguei uma tesoura e fui para baixo da cama da minha tia, e peguei a colcha dela, dobrei e ia cortando, fazendo voltinha ((muitos risos)), imitando, porque eu queria fazer o negócio e elas não deixaram eu ver. De noite quando ela foi dormir, foi tirar a colcha da cama e deu um grito: - Meu Deus! O que é isso na minha colcha? Minha colcha toda cortada? Elas eram tudo muito caprichosas e aquilo tudo bordado. Ainda bem que era na beirada. E eu bem quietinha na cama e ela foi falar para minha mãe:

⁶⁰ Justaposição proposital.

- *Apareceu uma arte na minha colcha e eu acho que foi a Orquídea! ((Muitas gargalhadas))*

- *Bem feito, a guria queria ver e vocês não deixaram. Eu não vou bater na criança!*

Açucena aprendeu a cortar com outra costureira, em uma semana. Depois disso, nunca mais apareceu, pois descobriu que já sabia costurar. Ela recorda dos fazeres, das técnicas e da perfeição do trabalho da avó, que também aprendeu muito cedo e foi se desenvolvendo durante um longo período:

E a minha vó aprendeu na marra! Ela não sabia ler nem escrever. Ela dava um nó num cordãozinho, ela pegava medida aqui assim ((mostra)), dava outro mais adiante, tirava o que dava, e chegava com um cordão cheio de nós. E ela sabia onde estava as medidas de tudo, sabia tudo. Ela era pior do que eu! Ela nunca desenhava o molde no papel, ela ia direto no tecido. E ficava direitinho. Roupa de homem, ela fazia com perfeição. Bombacha ela fazia com perfeição. (Açucena)

Antes de seu pai lhe colocar num curso, Rosa já fazia as roupas das bonecas. Adorava costurar. Bordava, fazia experiências nas quais aprendia *na marra*.

Na época eu bordava, porque lá fora a gente não tinha o que fazer. E apesar de pobre, pobre, muito pobre, meu pai, ele investia. Eu pedia uma linha e ele me dava. Um dia ele chegou com uma máquina antiguihas. Eu me realizei ((entusiasmo)), foi tudo de bom, foi o melhor presente que eu ganhei na vida. (Rosa)

Embora as costureiras tenham iniciado formalmente o fazer da costura na adolescência, exceto Orquídea que aos 11 anos já fazia a roupa dos irmãos, suas práticas com os fazeres manuais, com os bordados e/ou com a costura se iniciaram ainda na infância. Seus processos de aprendizagem, de certa forma, eram incentivados pela mãe que não batia quando ela fazia uma arte, pelo pai que investia e comprava os materiais, pela irmã e a crença de que poderia ensinar e ela aprender, pela avó que disponibilizava o material e colocava em um curso. Podemos inferir que elas tinham a liberdade de aprender fazendo e errando sem que fossem marcadas por isso como sendo algo ruim, mas tendo o erro como uma forma de aprender. Sennett (2013) comenta sobre o erro e a relação que o músico, por exemplo, precisa estabelecer para que não se torne imobilizador:

Diminuir o medo de cometer erros é de vital importância em nossa arte, pois o músico no palco não pode interromper-se, paralisado, se cometer um erro. A confiança na capacidade de superar um erro durante uma apresentação não é um traço de personalidade, mas uma capacitação que se aprende. A técnica desenvolve-se, assim, numa dialética entre a maneira correta de fazer algo e a disposição de experimentar através do erro. Os dois lados não podem ser separados. (p.181)

No caso das costureiras, ao mesmo tempo em que o incentivo por parte da família está relacionado com o papel social condicionado à mulher, bem como o serviço da casa, não podemos deixar de referir que, por outro lado, existe uma dimensão pedagógica que não coloca o erro como um imobilizador. O erro aqui é positivo, permite refazer, repetir, perceber que pode dar certo, que pode melhorar, gera confiança, e é mola propulsora para perseguir o trabalho bem feito. Tornam-se artífices, pois iniciam e *se dedicam à arte pela arte* num primeiro momento. Não podemos esquecer que estamos falando, neste caso, de um outro tempo e espaço no qual as crianças viviam de outras formas, diferente da que temos hoje que desde cedo elas precisam aprender mais e ser melhor, sendo o erro percebido de forma negativa e condenado. Nos espaços escolares, o erro é visibilizado através das diversas avaliações objetivas às quais é submetido aquele que está lá aprendendo, e associado à incapacidade de aprender, não como parte do processo.

Revisar repetidas vezes uma ação, em contrapartida, permite a autocrítica. A educação moderna evita o aprendizado repetitivo, considerando que pode ser embotador. Temeroso de entediar as crianças, ávido por apresentar estímulos sempre diferentes, o professor esclarecido pode evitar a rotina, mas desse modo impede que as crianças tenham a experiência de estudar a própria prática e modulá-la de dentro para fora. [...] À medida que uma pessoa desenvolve sua capacitação, muda o conteúdo daquilo que ela repete (SENNETT, 2013, p. 49).

O fazer com as mãos dá a noção e possibilita pensar a materialidade das coisas, experimentar. O autor afirma que “[...] interessamo-nos particularmente pelas coisas que podemos modificar [...] As pessoas investem seu pensamento em coisas que podem modificar [...] (SENNETT, 2013, p.138)”, e isso só é possível à medida que elas podem fazer, refazer, errar, aprender sem condenação, sem crítica, sem medo, com certa liberdade.

Sennett apresenta o conceito de incorporação se referindo “a um processo essencial a todas as habilidades artesanais, a conversão da informação e das práticas em conhecimento tácito (SENNETT, 2013, p.62)”, onde se encontra a qualidade artesanal. Lembrando que “Toda habilidade artesanal se baseia numa aptidão desenvolvida em alto grau” (ibidem, p.30), o trabalho realizado pelas costureiras é considerado artesanal no campo empírico, por elas mesmas, conforme coloca Orquídea:

Se eu voltasse a trabalhar, teria um monte de clientes. Porque a costura manual é muito diferente. É alta costura! A roupa feita na fábrica, cortam 3, 4 tudo igual, mete na

máquina. Essa aqui não, é tudo feito em detalhe, tudo medidinho. Eu cortava tudo pelo fio da roupa, tudo no fio do tecido. Não tinha nada enviesado. Por isso que elas gostavam. E o meu trabalho é todo manual. Eu cortava peça por peça, eram peças únicas. Vestido de prenda, até bombacha eu fazia. Deus o livre! Levava mais de um dia para fazer. Eu acabava fazendo aquilo de noite. Fazia conjuntos, casacos, calças, vestidos. Até vestido de noiva eu cansei de fazer! Fazia todo ele, completo. Bordava com renda, com pedrinhas. Vestido de noiva levava para mais de semana para fazer. Tinha que ficar fazendo só aquilo. Elas queriam um modelo exclusivo, que elas inventavam da cabeça delas. O vestido era básico, mas aí elas inventavam os modelos. Traziam os tecidos, os tafetás e as rendas, e eu tinha que cortar aquilo. Elas diziam o jeito que elas queriam, e eu tinha que imaginar, desenhar, recortar a renda, colocar aquelas pedrinhas, tudo à mão nas rendas. Sacos e sacos de pedrinhas. Ficava bonito! Eu não sei como é que eu conseguia fazer tudo aquilo! Deus o livre!

A perseguição do trabalho bem feito ganha corpo nas narrativas quando relacionada aos valores éticos, estéticos e de qualidade do trabalho. Elas afirmam que não conseguem fazer o trabalho de qualquer jeito, que são detalhistas e que buscavam certa perfeição no resultado.

O meu trabalho tinha que ser no mínimo, nos mínimos detalhes. Eu não conseguia fazer nada a torto e à direita e até hoje. Sou muito detalhista, eu sou muito chata. Coitado dos pedreiros, passam um trabalhão comigo, eu só digo assim: “Está torto! ((risos)). O trabalho bem feito, na costura, é aquele bem-feitinho. A gente conhece o trabalho bem feito: as coisas bem retinhas, bem-acabado. (Orquídea)

Sou uma boa costureira. É o que me dizem, é o que sempre me disseram. Não era! Eu até queria ser melhor. A gente sempre quer ser melhor. Tu não quer ser melhor no teu trabalho? Eu queria ser melhor, claro que eu queria! Nossa, a gente sempre quer ser o melhor. (Rosa)

Isso eu sempre fui, boa costureira. Para ser uma boa costureira tem que gostar do que faz. Eu gostava do que eu fazia, eu gostava de ver as pessoas vestidas com aqueles vestidos, eu gostava de ver. (Açucena)

Mesmo sendo boas costureiras, elas ainda buscavam a ‘perfeição’. O fato de não conseguir fazer de qualquer jeito implicava em “*demorar mais*” para realizar o trabalho. Assim sendo, esta busca pelo fazer melhor, pelo fazer bem, em muitos momentos entrou em conflito com as condições materiais e objetivas que elas dispunham. Demorar mais para fazer uma peça, por exemplo, significa fazer menos e receber menos. Por outro lado, fazer de qualquer jeito é entrar em conflito consigo mesma, com seu desejo, com o padrão de qualidade desejado, seja ele interno, externo ou a mescla dos dois.

O artífice frequentemente enfrenta padrões objetivos de excelência que são conflitantes; o desejo de fazer alguma coisa bem pelo simples prazer da coisa benfeita pode ser comprometido por pressões competitivas, frustrações ou obsessões (SENNETT, 2013, p.19-20)

Quando Tulipa trabalhava numa fábrica, bordando roupas, mesmo não tendo liberdade com relação ao tempo de feitura de uma vestimenta, optava por demorar mais e fazer com mais qualidade. Logo que passou seu contrato, foi chamada pelo diretor que queria falar sobre sua produtividade

O diretor me chamou para dizer que eu estava trabalhando, já havia se passado mais de 3 meses e eu não dava produção. Foi quando ele disse o que te contei antes. Eu disse que realmente eu não dava produção mesmo. E aí ele disse: - Mas a senhora dá coisa mais importante que é a qualidade. (Tulipa)

A busca pelo sabor, pelo gosto e pelo trabalho bem feito as torna muito detalhistas, diríamos perfeccionistas. Pensamos que não é apenas um padrão de exigência dado pelo conhecer o que é bom e bem feito, ou pela demanda de quem encomenda, mas também tem relação com o domínio que se tem sobre o próprio trabalho e a capacidade de poder agir sobre ele, carregando elementos de realização e de emancipação.

E quando elas ((as clientes)) inventavam alguma coisa, eu mesma tinha que fazer. Ficava pensando para fazer, tinha que inventar outro molde, acrescentar o que elas pediam. Mas depois que tu aprende a fazer certas coisas, e o meu trabalho era bom! Eu nunca consegui fazer nada, assim de qualquer jeito. O meu mal mesmo, eu não consegui ganhar muito dinheiro é porque eu não conseguia fazer as coisas, por exemplo, passar por cima de muita coisa, fazer rápido. Era tudo nos detalhes. (Orquídea)

Tenho um lado lento, porque vou no mínimo detalhe. Sempre fui muito detalhista. (Rosa)

E nesta busca constante de fazer melhor, o erro continua presente, mesmo na idade adulta, como parte positiva do processo de desenvolver a técnica e intervir no trabalho.

A técnica é o que suporta a expressão porque abre o horizonte de erros e, conseqüentemente, de acertos: Tenho um padrão de referência que me diz o que estou buscando, mas meu compromisso com a verdade reside no simples reconhecimento de que cometo erros [...]. Devo dispor-me a cometer erros, tocar notas erradas, para eventualmente acertar (SENNETT, 2013, p. 180).

Rosa expõe as questões do dia a dia que surgem e que ela tem que dar um jeito como, por exemplo, quando as clientes compram tecido de menos e falta, quando trazem algo que foi confeccionado por outras e que não gostaram, ou quando ela mesma erra. Quando o erro ocorre, ela olha para esta situação como uma possibilidade presente no trabalho dela e como fonte de aprendizado.

O mais importante era quando eu errava uma costura, porque daí eu me saia muito bem. Um exemplo, porque não têm quem não erra, até os médicos, eles não poderiam, mas eu podia ((muitos risos)). [...] Teve um dia que uma delas me trouxe uma calça de veludo

para fazer e quando eu vou cortar o bolso, em vez de cortar um bolsinho na frente, eu cortei atrás. E pensei: “agora o que é que eu vou fazer?” Inventei um detalhezinho aqui ((mostra a região da calça)). No outro dia, entreguei a calça para ela, que experimentou eu que havia feito um detalhezinho. Daí ela disse: - Que legal, que lindo, amei! E eu pensei comigo: “Eu amei mais ainda”. Não é que na outra semana a amiga - eu sempre fazia a mesma roupa para as duas, o que uma pedia a outra vinha e queria igual - trouxe tecido para eu fazer uma calça igual. Eu perguntei que calça e ela disse que era aquela do detalhe no bolso. ((risos))

Elas se ocupam com seu ofício e se preocupam com a qualidade do seu fazer. Criam. Modificam as peças que recebem. Criam não só peças, mas valores que dão sentido ao que criam. Preocupam-se em ‘fazer bem feito’, tem engajamento emocional com sua produção. É provável que se envolvam mais com sua produção do que com seus clientes, pois não fazem ‘apenas’ para seus clientes. Fazem para si! “O trabalhador imbuído do ofício artesanal se envolve no trabalho em si mesmo e por si mesmo; as satisfações do trabalho são de per se uma recompensa [...]” (SENNETT, 2013, p.37).

Eu fui a Porto Alegre e comprei umas rendas, emendei tudo e eu encortinei toda a minha casinha com aqueles pedaços, com as sobras da altura das dela. Então eu criava coisas, de uma porcaria eu fazia uma coisa linda, eu gostava e era bonito mesmo, era tudo bem direitinho. Na época tinha a center telas, aqueles rodízios, que hoje não é mais. Eu prefiro, puxava e estava fechadinha. Era só pregar no tecido, era fácil, pregava tudo à mão. (Rosa)

Outra questão fundamental é, após a realização do trabalho bem feito, que passou por momentos de criação, de reflexão, de erro, o sabor que vem a reboque. Entendemos por sabores o autorreconhecimento, a apreciação do belo, a satisfação pessoal, que são uma forma de recompensa, de pensar que o trabalho valeu o esforço.

As recompensas emocionais oferecidas pela habilidade artesanal na consecução desse tipo de perícia são de dois tipos: as pessoas de ligam à realidade tangível e podem orgulhar-se de seu trabalho. Mas a sociedade criou obstáculos para essas recompensas no passado e continua a fazê-lo hoje. (SENNETT, 2013, p.31)

Este sentimento aparece na narrativa das trabalhadoras, com certa emoção, entusiasmo, brilho nos olhos, com satisfação e com orgulho e, penso que de certa forma, ajudava a lidar com o dissabor que o excesso de trabalho acarretava.

Quando eu fazia para a loja, eu gostava de ver o vestido que eu fiz, na vitrine. Tem que gostar daquilo que faz. E as pessoas diziam que estava bom, estava bonito. Eu inventava as coisas. Tinha figurino, mas eu inventava as coisas. Eu fazia os modelos, inventava para a loja. Eu ficava boba de ver aquilo depois de pronto. (Açucena)

Eu queria era só fazer aquilo ali, deixar os outros bonitos. Eu me realizava muito nisso, muito de ver aquele trabalho pronto. De ver as pessoas virem com outros tecidos e me dizerem assim: 'amei, eu estava linda, todo mundo me perguntava quem é que fez'. Então a minha maior realização era aquilo ali! Quando eu olhava aquelas criaturas na última prova, eu ficava deslumbrada, eu amava o que eu fazia. E às vezes não acreditava que tinha sido eu. (Rosa)

Eu gostava de costurar, não vou negar, se eu não gostasse, eu não ia ficar tanto tempo costurando. Fazia vestido de festa também. Os vestidos de prenda ficavam bonitos, os de noiva, os de 15 anos. Fazia muito vestido de prenda, elas pediam o modelo que elas queriam, diziam como queriam, com tantos babados, tantos paninhos, babado que fizesse assim ou assado. E depois, quando eu terminava aquelas roupas, eu ficava olhando. Era bonito mesmo! (Orquídea)

As roupas, os bordados mais delicados, era a gente fazia, aí depois quando não tinha bordados de roupa de criança. A gente bordava em ponto cruz, que era no linho. Aqueles vestidos de linho tudo bordado e depois toalhas alusivas ao Natal, Páscoa, essas coisas assim, aquelas toalhas enormes, já pensou? Depois a gente olhava aberto e parecia um sonho aquilo, mas éramos nós que fazíamos. (Tulipa)

O processo de feitura em si, seguido pela visibilidade da vestimenta bem-feita revela e permite a elas um autoconhecimento, um *caminhar para si*, desencadeando um orgulho pelo trabalho bem feito.

Os artífices orgulham-se sobretudo das habilidades que evoluem. Por isso é que a simples imitação não gera satisfação duradoura; a habilidade precisa amadurecer. A lentidão do tempo artesanal é fonte de satisfação; a prática se consolida, permitindo que o artesão se apossa da habilidade. A lentidão do tempo artesanal também permite o trabalho de reflexão e imaginação – o que não é facultado pela busca de resultados rápidos. Maduro quer dizer longo; o sujeito se apropria de maneira duradoura da habilidade (SENNETT, 2013, p.328).

Ao fazer algo material – uma peça, um vestido, um molde – estão se constituindo como seres do mundo, seres que dão sentido ao que fazem. Constroem-se enquanto profissionais, enquanto mulheres, enquanto seres plenos. “As pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem (...) as pessoas podem se orgulhar do seu trabalho” (ibidem, p.30-31).

Neste sentido, é interessante pensar o ‘controle’ de qualidade, interno, delas mesmas, maior até que a avaliação das clientes. Para elas, artesãs-artífices, profissionais reconhecidas, basta a propaganda ‘boca a boca’, pela qualidade e o reconhecimento do seu trabalho.

A separação e a hierarquização entre o conhecimento intelectual/formal e os fazeres manuais, faz com que se deixe de lado as diversas formas de apreender que constituem as habilidades e as técnicas produzidas e aprimoradas no trabalho,

quando não estão vinculados diretamente à educação formal e legítima. O fato é que as habilidades manuais destas mulheres, tidas no senso comum, como inatas e naturais, foram e são apreendidas durante toda a vida. Para Sennett (2013), esse processo de aperfeiçoamento é prolongado e carregado de percalços. O ofício destas trabalhadoras, visto como 'comum' de costureira as fazem admiradas! E com isso se observa a “sensação de paz e tranquilidade que emana de todo trabalho disciplinado e bem organizado efetuado com o espírito calmo e satisfeito” (ibidem, p.110)

7 É HORA DE FINALIZAR!?

É hora de finalizarmos esta escrita, embora na vida real, cotidiana, não haja este fim pomposo. Porém, aqui gostaríamos de explicitar algumas ideias que nos chamaram a atenção e, mesmo que provisoriamente, podem ser consideradas sínteses parciais que nos (re)educam(ram).

Conhecer a trajetória profissional das costureiras, através da narrativa de suas biografias, desencadeou um movimento reflexivo para as trabalhadoras envolvidas e, inclusive, para a pesquisadora. Nesse diálogo reflexivo com as lembranças que eram narradas e a busca de explicações para entender os acontecimentos passados, novos olhares surgiam e as lembranças eram ressignificadas.

Revisitar minha história de vida, num sentido de *caminhar para si* e desatar alguns nós (JOSSO), abriu a possibilidade de ressignificar algumas escolhas. Houve um deslocamento da ideia de ser esta escrita *inatingível*, mesmo que ainda não esteja muito próxima da relação de saber que se estabelece com o saber acadêmico. Porém, Sennett alerta que o processo de aperfeiçoamento é longo e com percalços, demandando envolvimento em um trabalho por um longo período. O que ainda não foi possível, seja como professora ou como pesquisadora. Poder reconhecer isto é fundamental no que diz respeito a estabelecer projetos futuros com maior consciência de si. Segundo o autor, “a iniciativa de buscar qualidade é sempre positiva, mas perseguir ativamente o bom trabalho e constatar que não podemos fazê-lo mina nossa identidade própria (p. 113).

Com as costureiras, a história foi diferente! Trazer à tona essas histórias de vida permitiu visibilizar a história de um ofício, de formas de aprender, de conhecimento e de fazer de todo um processo que é cada vez mais “raro” ou não. Foi uma caminhada que possibilitou dar voz e reconhecer a trabalhadora e o seu trabalho. Trabalhadoras que permaneceram no espaço privado produzindo saberes, renormalizando, reinventando o seu fazer.

Escrevemos ofício “raro” ou não, pois não temos a dimensão desta forma de trabalho e destas trabalhadoras. Encontramos algumas limitações e dificuldade em encontrar artigos, estudos e dados específicos sobre o *trabalho autônomo, por conta própria* ou *em domicílio* do ofício da costura, que estejam fora de uma relação de

exploração da força de trabalho pelo capital. A maior parte dos estudos se debruçam sobre o *trabalho a domicílio* que está ligado a uma relação de subordinação direta ao capital e com a precarização das relações de trabalho. O mesmo ocorre com a formação. Os estudos se debruçam, em grande parte, sobre os processos de aprendizagem e de profissionalização colados à educação formal ou em alternância com a mesma, e muito pouco se encontra sobre formação centrada somente na atividade de trabalho.

As trajetórias de trabalho das costureiras são contínuas e a formação é extremamente ligada a um modo de aprender que tem como centralidade a observação do fazer e a experiência de trabalho. Elas aprenderam o ofício que lhes garantiu a existência, em espaços não formais, com outras mulheres que transmitem, através da tradição oral, os saberes nas relações familiares, de parentesco, de amizade e de vizinhança. O percurso é delineado pelos aprendizados, sendo estes constitutivos do processo de tornar-se profissional, e condicionado por questões de classe e de gênero.

Mesmo sem formação específica e exercendo uma profissão de pouco reconhecimento social (considerada uma ocupação) garantiram, através da remuneração do seu trabalho, dignidade que possibilitou a reprodução da existência. Neste sentido, os saberes do trabalho e da experiência possuem uma dimensão central na vida destas mulheres trabalhadoras.

O trabalho se apresenta como prazeroso quando é visto pela questão da criação, da estética, e da sua visibilização através do produto final. Quando isso acontece, o trabalho se descola da *alienação* e do *fetice da mercadoria*, trazendo elementos de autonomia, emancipação e empoderamento para as costureiras. Entra em jogo o gosto pelo resultado final, não apenas pela função social atribuída, mas também ligado à questão estética e à realização de um trabalho bem feito.

Por outro lado, o trabalho se torna pesado à medida em que, para garantir as condições objetivas de existência, ele ganha corpo em muito trabalho, muitos pedidos, muita demanda, impactando de forma objetiva e subjetiva na saúde das trabalhadoras. Na forma subjetiva, as trabalhadoras têm a sensação de que nunca conseguem dar conta do volume de encomendas de peças, muitas vezes se responsabilizando por esta incapacidade.

Reconhecem que a realização do trabalho bem feito e a sua busca levou ao acúmulo de freguesas. Não existe limite para a qualidade da roupa bem-feita. Estas

trabalhadoras preservam o conhecimento de todo o processo da costura e ainda o realizam, de uma maneira que se assemelha ao trabalho artesanal. Percebe-se uma relação muito íntima entre o trabalho manual e o intelectual, entre o imaginar e abstrair e o fazer em si que, nesta forma de exercer o ofício da costura, é repleto de criação, de usos de si e de debate com as normas.

Nesse longo e permanente processo de profissionalização, desenvolveram muita capacidade de aprender sozinhas e de serem autodidatas. O aperfeiçoamento da técnica, a produção de saberes, a qualidade, o gosto pela costura, norteado pela perseguição do trabalho bem feito, possibilitou-lhes uma trajetória profissional contínua. Dessa forma, são reconhecidas como *boas costureiras*.

Mesmo que elas não estejam mais trabalhando oficialmente, dizendo que “*não tem mais aquela necessidade; o que ganho dá para viver; eu cansei; trabalhei muito a minha vida toda, quero descansar; etc*”, elas vivem ocupadas em tarefas diversas como ginástica, Igreja, Terreira, viagens, e de cuidado. Persistem as relações de cuidado com os filhos e com os netos, porém, agora entra em cena o cuidado de si.

Se, por um lado, elas precisaram trabalhar muito para conseguir sobreviver com o mínimo de qualidade de vida, por outro lado, em muitos momentos possuem uma “autonomia relativa”. Isso se torna possível devido aos saberes, fazeres e valores que norteiam o trabalho delas. O processo criativo, a produção de algo e a criação de si geram a possibilidade de ter as rédeas da própria vida.

Conhecer a história de vida e de trabalho dessas mulheres tem demonstrado que essas formas de trabalho mais artesanais e com maior autonomia coexistem com o capitalismo industrial de maneira, até certo ponto, independente. Trata-se de perceber que existem outras formas de produzir a existência que se aproximam do trabalho *como mundo liberdade*, mesmo com todas as mazelas que o mundo do trabalho impõe; De perceber que existem outras formas de aprender que não apenas a educação formal; Que existem outras formas de olhar para o trabalho sem que ele esteja relacionado à produtividade e à relação de competição com o outro; Que existem formas de viver e sobreviver mais emancipatórias, que podem levar a uma criação e recriação de si e a um pouco mais de *paz*, no sentido que “*o trabalho feito pelas mãos pode animar o trabalho da mente*”. Não se trata de deixar de lado a precariedade que o trabalho autônomo, artesanal e, principalmente, o feminino, acarreta, seja pelo distanciamento do exercício ou luta por direitos trabalhistas mais

justos ou pelo impacto, deste estar à margem, na saúde das trabalhadoras. Trata-se de que conhecer e saber que outras formas são possíveis, abre nosso leque de escolhas, aumenta nossa *mobilidade* dentro de uma sociedade tão desigual que deixa à margem a maioria. A partir dessa visibilidade, podemos pensar, de forma coletiva, com dialogicidade, em formas lutar para reduzir e extinguir a precariedade nesta forma de trabalho das mulheres, que também carrega muitos elementos de emancipação.

Algumas questões relevantes se mostraram, como o trabalho feminino combinado de forma natural ao doméstico e sua relação com as questões de gênero; o fato de não saberem dizer não durante boa parte de suas vidas; a invisibilidade de si para si, elas não se “*enxergavam*”, não se cuidavam e o excesso de trabalho que, mesmo num espaço com autonomia para gerir e agir sobre o trabalho, torna suas condições de realização precárias. Não negamos essa encomenda, mas não demos conta de entregar diante de tanto tecido para alinhar. E para alinhar bem, seria necessário um longo período engajadas em meio a tantos retalhos. Mas isso é pano para outra manga e quiçá, para uma artífice.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Ronaldo M. L. Conhecimento Tácito. In: Fidalgo, Fernando; Machado, Lucília. (Org.). **Dicionário da Educação Profissional**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- ARROYO, Miguel G. O direito do trabalhador à educação. In: GOMES, C.M. et al. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.
- ARRUDA, Marcos. A articulação trabalho-educação visando uma democracia integral. In: GOMES, Carlos Minayo et al. **Trabalho e conhecimento: dilema da educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez/Associados, 1987.
- BARBOSA, Carla Melissa; KAERCHER, Nestor André. Diálogo entre quem gosta de educar e uma educadora deseducada. In: Ana Claudia Giordani; Debora ScharDOSIN Ferreira; Ivaine Maria Tonini; Nestor André Kaercher. (Org.). **Ensino da Geografia e da História: saberes e fazeres na contemporaneidade Vol II**. 1ed.Porto Alegre: Evangraf, 2015, v. 2, p. 55-68.
- BARBOSA, Carla Melissa; MACHADO, Tainara Fernandes. Narrar, Olhar para si, Escrever, Compartilhar: Um processo de autoreconhecimento de trajetórias profissionais de pesquisadoras. In: **VI CIPA - VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, 2014, Rio de Janeiro. VI Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica, Modos de Viver, Narrar e Guardar**. Rio de Janeiro: BIOgraph, 2014.
- BARROS, Anália Martins B. de. **A relação entre os saberes-experiência do trabalho e os saberes escolares, vista por alunos do PROEJA do IFSUL de Sapucaia do Sul**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.
- BECKER, Marcia Regina. **A gestão dos processos no artesanato por meio da formação de mulheres artesãs**. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo: Unisinos, 2014.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. (1936). In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.
- BOGDAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, jan./mar. 2002.

BRASIL. **Lei nº 5.890/1973. Altera a legislação de previdência social e da outras providências.** Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 08 jun. 1973. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5890.htm > Acesso em: 12 jan. 2015.

CANTO, Liana Pereira Machado. **Narrativas de trabalhadoras domésticas da EJA e suas relações com o saber.** 2009. Dissertação (Mestrado em educação) Programa de Pós-Graduação em Educação. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

CATTANI, Antonio D.; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia.** Porto Alegre: ZOUK. 2011.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber:** elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CHAUD, Eliane Maria. **A poética e o cotidiano:** a costura em Cruz das Almas-BA. 2012. 192f. Tese (Doutorado) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

CIAVATTA, Maria. Trabalho como princípio educativo. In: PEREIRA, Isabel Brasil e LIMA, Julio César França. **Dicionário da Educação Profissional em Saúde.** Rio de Janeiro, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, 2009, p.408-415.

CORRÊA, Ivan Livindo de Senna. **Cooperação e Conhecimento na experiência de trabalho de metalúrgicos da serra gaúcha.** 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

CUNHA, Daisy M.; FISCHER, Maria Clara B.; FRANZOI, Naira Lisboa; Atividade de trabalho. IN CATTANI, Antonio D.; HOLZMANN, Lorena. **Dicionário de Trabalho e Tecnologia.** Porto Alegre: ZOUK. 2011.

DURRIVE, L. & SCHWARTZ, Y. (2008). **Glossário da Ergologia.** Laboreal, 4, (1), 23-28. Disponível em: <<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV6582234396587;63882>> Acesso em: 03 nov. 2011.

EGGERT, Edla; SILVA, Márcia Alves da. Observações sobre Pesquisa autobiográfica na Perspectiva da educação popular nos estudos de gênero. **Revista Contexto e Educação**, v. 26, p. 51-68, 2012.

EGGERT, Edla; PERES, Lúcia Maria Vaz. Conversando com Josso: encontros autoformadores. **Cadernos de Educação** (UFPEL), v. 30, p. 15-24, 2008.

FISCHER, Maria Clara B.; TIRIBA, Lia. Saberes do trabalho associado. In: CATTANI, A. D.; LAVILLE, J.L; GAIGER, L.I.; HESPANHA P. (Org.). **Dicionário Internacional da Outra Economia.** 1ed. Coimbra: Edições Almedina, 2009, v. 1, p. 293-298.

FISCHER, Maria Clara B.; ZIEBELL, Clair Ribeiro. Saberes da experiência e o protagonismo das mulheres: construindo e desconstruindo relações entre esferas da produção e da reprodução. In: Tiriba, Lia; Picanço, Iracy. (Org.). **Trabalho e educação: arquitetos, abelhas e outros tecelões da economia popular e solidária**. Aparecida/SP: Idéias & Letras, 2004, p. 55-74.

FISCHER, Maria Clara B.; BARBOSA, Carla M. Diálogos sobre processo e atividade de trabalho: construção coletiva de conhecimento em uma cooperativa de vestuário. In: Leandro R. Pinheiro; Maria Clara Bueno Fischer. (Org.). **Saberes e valores no trabalho associado**. No prelo 2014.

FISCHER, Maria Clara Bueno. **Projeto de pesquisa: Formação de adultos para e no trabalho associado: atividade de trabalho, profissão e biografias: 2012-2015**. Porto Alegre: UFRGS, 2012. (mimeo.).

_____. **Projeto de pesquisa: Pedagogias no e do trabalho associado: usos de si e circulação de valores e saberes de adultos trabalhadores: 2011-2013**. Porto Alegre: UFRGS, 2010. (mimeo.).

FISCHER, Nilton Bueno. LOUSADA, Vinícius. Saber (erudito/popular/saber de experiência). In: Danilo Streck; Euclides Redin; Jaime Zitkosky. (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 367-368.

FRANZOI, Naira Lisboa. **Entre a formação e trabalho: trajetórias e identidades profissionais**. Porto Alegre: Editora UFRGS. 2006.

FRANZOI, Naira Lisboa; FISCHER, Maria Clara Bueno. Saberes do trabalho: situando o tema no campo Trabalho-Educação. *Trabalho Necessário*, v. 13, p. 147-172, 2015.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1987.

_____. **Pedagogia da esperança: Um encontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1999.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

FRIGOTTO G. A dupla face do trabalho: criação e destruição da vida. In: FRIGOTTO G. e CIAVATTA M. (Org.). **A experiência do trabalho e a educação básica**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 11-27.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e de grupos. In: BAUER, M.W; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, p.64-89, 2002.

GERBARA, Ivone. **A mobilidade da senzala feminina: mulheres nordestinas, vida melhor e feminismo**. São Paulo: Paulinas, 2000.

GOMEZ, Carlos M. Processo de trabalho e processo de conhecimento. In: GOMES, C.M. et al. **Trabalho e conhecimento: dilemas na educação do trabalhador**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1987.

História da costura. Disponível em: <http://corte-e-costura.info/historia-da-costura.html>. Acesso em: 9 mar. 2015.

HOLZMANN, Lorena. Divisão sexual do trabalho. In: Antonio D.Cattani; Lorena Holzmann. (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 1ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006, p. 101-103.

_____. Divisão social do trabalho. In: Antonio D.Cattani; Lorena Holzmann. (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 1ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006, p. 103-106.

_____. Trabalho em domicílio. In: Antonio D.Cattani; Lorena Holzmann. (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 1ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006, p. 325-327.

HOLZMANN, Lorena. Trabalho por conta própria. IN: CATTANI, Antônio David (org.). **Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia**. Petrópolis: Vozes, 2012.

JOSSO, Marie Christine. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. As figuras de ligação nos relatos de formação: ligações formadoras, deformadoras e transformadoras. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n2 p. 373 – 383 maio/agosto de 2006.

_____. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as “histórias de vida” a serviço de projetos. **Educação e Pesquisa**. vol.25 no.2 São Paulo July/Dec. 1999.

LIEDKE, Elida Rubini. Trabalho. In: Antonio D.Cattani; Lorena Holzmann. (Org.). **Dicionário de Trabalho e Tecnologia**. 1ed. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006, p. 319-324.

LOSEKANN, Maristela Vagas. **Saberes de técnicos e auxiliares de enfermagem: reinventando o trabalho e qualificando a arte de cuidar**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

MANZINI, Eduardo José. Considerações sobre a transcrição de entrevistas. Disponível em: http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista > Acesso em: 12 jan. 2015.

MARQUES, Mario Osorio. IV. Escrever, o princípio da pesquisa. MARQUES, Mario Osorio. **Escrever é preciso: o princípio da pesquisa**. Ijuí: Editora UNIJUI, 2003, p.91-120.

MINISTÉRIO do Trabalho e do Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Disponível em: <<http://www.mtecbo.gov.br/cbosite/>> Acesso em: 15 fev. 2015.

PEDDE, Valdir. Alienação, solidariedade e racionalização: o trabalho no pensamento dos clássicos da Sociologia. In: MEIRELLES, Mauro; MOCELIN, Daniel Gustavo; RAIZER, Leandro; PEDDE, Valdir; SCHWEIG, Grazielle Ramos. (Org.). **Sociologia: Trabalho - Ciência - Cultura - Diversidade**. 1ed.Porto Alegre: Cirkula, 2013, v. 1, p. 77-104.

PEREIRA, Rosangela Maria. **De trabalhadoras precárias a empreendedoras da confecção**: a complexa construção da identidade profissional das trabalhadoras a domicílio da indústria da confecção. Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2011. Orientadora: Cinara Lerrer Rosenfield.

_____. **Pedagogia do lar/oficina**: produção, aquisição e mobilização de saberes das costureiras/faccionistas de Divinópolis. Dissertação. Mestrado em Educação. Faculdade de Educação. UFMG, 2004. Orientadora: Antonia Vitoria Soares Aranha.

RAMOS, Marise Nogueira. **A pedagogia das competências**: autonomia ou adaptação? São Paulo: Cortez, 2001.

ROESLER, Vera Regina. Trajetórias de Pesquisa e Produção Acadêmica a Partir da Narrativa das Histórias de Vida. In: **X ANPED Sul - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**. Florianópolis – SC. X Anped Sul - Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul Reunião Científica Regional da ANPED. Florianópolis: UDESC, 2014. v. 1. p. 1-18. Disponível em: <http://xanpedsul.faed.udesc.br/arq_pdf/1869-0.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2014.

SANTOS, Eloisa Helena. Saber. In: Fidalgo, Fernando; Machado, Lucília (EE.). **Dicionário da Educação Profissional**. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

SANTOS, Tania Steren dos. **Carreira profissional e gênero**: trajetórias de homens e mulheres na medicina. 1ª. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. v. 1000. 335p.

SCHAEFER, Bruno M.; VICENTE, Jonathan S. Perfil da Cooperativa UNIVENS. In: Leandro R. Pinheiro; Maria Clara Bueno Fischer. (Org.). **Saberes e valores no trabalho associado**. No prelo 2014.

SCHWARTZ, YVES; DURRIVE, Louis. (Org.) **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre a atividade humana. Niterói: Ed.UFF, p.295-307, 2010

SCHWARTZ, Yves. Conceituando o trabalho: o visível e o invisível. **Trabalho, Educação e Saúde**. Rio de Janeiro, v.9, supl.1, 2011, p.19-45.

_____. Trabalho e saber. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v. 12, n. 1, p. 21-34, jan./jun. 2003.

_____. Trabalho e usos de si. *Pro-Posições*, Universidade Estadual de Campinas, v. 1, n. 5, jul. 2000.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

SILVA, Márcia Alves. **Trabalho de mulher?!: Alinhavando, bordando e costurando trajetórias de artesãs**. 1. ed. Pelotas: Editora Universitária, 2012. 176p.

_____. **Parecer sobre o projeto de dissertação em banca de Carla Melissa Barbosa**. Desvelando marcas formadoras em trajetórias de mulheres no trabalho associado. Julho 2014. Exame de qualificação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. In: PFAFF, Nicolle; WELLER, Wivian. (Orgs.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática**. Vozes: Petrópolis, 2010. (p.210-222).

SZYMANSKI, Heloisa (org.) **A entrevista na pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Plano, 2002.

ANEXOS

Anexo 1 - Termo de Consentimento Livre e esclarecido (TCLE)

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Você está sendo convidada a participar da pesquisa intitulada **História de vida e costura: Os saberes e sabores da mulher artífice**, que está sendo realizada por Carla Melissa Barbosa, aluna do Mestrado em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e orientada pela Prof.^a Dr.^a Maria Clara Bueno Fischer. A pesquisa tem como objetivo geral: **Identificar e analisar a trajetória profissional de costureiras autônomas do município de Esteio/RS.**

Neste momento você está sendo convidado a participar:

(1^a) de uma entrevista narrativa, com previsão de tempo de, no máximo, 60 minutos. Nesta etapa o registro ocorrerá através da gravação de áudio.

Todos os dados de identificação serão resguardados e será mantida confidencialidade dos depoimentos, sob risco das sanções éticas as quais a pesquisadora está submetida. As gravações serão guardadas por cinco anos e após esse período, inutilizadas.

Será assegurado às participantes desta pesquisa:

1. receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimentos sobre os procedimentos, riscos, benefícios e outros aspectos relacionados à pesquisa;
2. interromper a qualquer momento a participação se a participante assim o decidir, sem que isso implique em nenhum prejuízo para a mesma.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será lido e assinado em duas vias, ficando uma com a participante e outra com a pesquisadora. Outros esclarecimentos podem ser obtidos diretamente com a pesquisadora Carla Melissa Barbosa, através do endereço, e-mail e telefones em anexo.

Após ter sido informada dos objetivos e métodos desta pesquisa e ter esclarecido minhas dúvidas, eu _____

_____ concordo em participar deste estudo. Declaro que recebi cópia deste Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido, bem como recebi a informação de que se houver qualquer dúvida poderei contatar com a pesquisadora Carla Melissa Barbosa, nos endereços acima descritos.

Esteio,

Assinatura da Participante

Assinatura da Pesquisadora

Anexo 2- Lista de Saberes Gerada pela CBO



Data: 14/07/2015

Hora: 17:35:47

Relatório de Áreas de Atividades

Código	nulo	
7630	Profissionais polivalentes da confecção de roupas	
Ordem	GAC	Atividades
A	PROJETAR PEÇAS SOB MEDIDA	Pesquisar tendências da moda Identificar as necessidades do cliente Selecionar tecidos Definir modelo conforme tecido Esboçar modelo Apresentar sugestões de modelos Tirar medidas
B	MODELAR PEÇAS DE ROUPAS	Verificar características dos tecidos (textura, dimensões, elasticidade, etc) Selecionar papéis para moldes Transportar moldes para o papel Recortar moldes Atribuir dimensões aos moldes Fiscalizar dimensões dos moldes Conferir modelagem Adequar modelagem ao tecido, couro e outros Construir moldes em tamanhos diferentes

C	CONFECCIONAR PEÇAS-PILOTO	<p>Cortar tecidos</p> <p>Dimensionar tempos de produção das peças</p> <p>Elaborar levantamento de custos</p> <p>Especificar componentes para confecção de peças-piloto (agulhas, botões, linhas, etc) Analisar o rendimento dos tecidos</p> <p>Costurar peças-piloto</p> <p>Testar peças-piloto</p> <p>Realizar ajustes nas peças-piloto</p> <p>Determinar quantidade de peças para os cortes</p>
O	PREPARAR PEÇAS PARA COSTURA	<p>Preencher formulário de ordem de cortes</p> <p>Transportar modelagem para os tecidos</p> <p>Traçar riscos de corte</p> <p>Posicionar pontos de marcação de peças (piques) Identificar partes e tamanhos das peças</p>
	PREPARAR PEÇAS PARA COSTURA	<p>Encaixar peças do molde</p> <p>Plotar riscos</p> <p>Colocar tecidos em repouso</p> <p>Conferir dimensões dos leões (largura)</p> <p>Enfestar tecidos</p> <p>Cortar peças em tecidos</p> <p>Identificar as partes das peças (cor, referência e tamanho)</p> <p>Entretelar peças</p>
E	COSTURAR PEÇAS EM TECIDOS	<p>Analisar formulário de ordens de cortes</p> <p>Separar materiais para costura</p> <p>Conferir conformidades das peças-piloto</p> <p>Posicionar linhas em agulhas</p> <p>Accionar máquinas e equipamentos</p> <p>Montar as partes das peças</p> <p>Fixar informações (composição, tamanhos, instrução de lavagem, etc)</p> <p>Realizar acabamentos</p>
F	CONFECCIONAR PEÇAS EM COUROS E PELES	<p>Criar modelos</p> <p>Modelar</p> <p>Selecionar tipos e qualidades dos couros</p> <p>Analisar o rendimento de couros e peles na modelagem</p> <p>Cortar couros e peles</p> <p>Marcar linha de costura com carretilha</p> <p>Montar peças com atfinetes</p> <p>Realizar provas e testes</p> <p>Costurar peças em couros e peles</p> <p>Colar acabamentos</p>

	CONTROLAR QUALIDADE DOS PRODUTOS	<ul style="list-style-type: none"> ■ Identificar defeitos em tecidos, peles e couros Verificar defeitos de costuras (pesponto, direção, tamanho etc) ■ Inspeccionar existência de etiquetas (composição, tamanhos, instrução de lavagem, cnpj etc) ■ Eliminar excessos de linhas, tecidos, peles e couros Armazenar tecidos, couros e peles segundo especificações dos fabricantes Monitorar o funcionamento de máquinas e equipamentos conforme especificações técnicas
H	REALIZAR PEQUENOS REPAROS DE MANUTENÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ■ testar o funcionamento de máquinas e equipamentos de costura
	REALIZAR PEQUENOS REPAROS DE MANUTENÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> ■ substituir acessórios das máquinas conforme o modelo (agulha, cadador, aparelho etc) Regular máquinas e equipamentos ■ Efetuar limpeza de máquinas e equipamentos Verificar nível de óleo das máquinas e equipamentos
	PREPARAR PRODUTOS CONFECCIONADOS PARA ARMAZENAGEM	<ul style="list-style-type: none"> ■ Passar peças Dobrar peças Embalhar peças Colocar tag (etiqueta de informações ao consumidor) Preencher relatórios de estoque Conferir estoques de produção

Anexo 2 – Características da família Ocupacional, obtidas na CBO

Data:
 Hora:
 14/07/2015
 17:46:28

Títulos

Descrição sumária

Projetam e modelam confecções de roupas sob encomenda; confeccionam peças-piloto; preparam peças e costuram roupas em tecidos, couros e peles; preparam produtos para armazenagem e expedição, incluindo atividades de passadoria, embalagem e controle de estoques; realizam manutenção produtiva. Atuam em todas as etapas da confecção de roupas sob medida, desde o desenho do modelo até sua expedição.

Formação e experiência

O exercício dessas ocupações requer conclusão do ensino médio e de curso básico de qualificação profissional em costura, com carga horária entre duzentas a quatrocentas horas-aula. É necessário comprovar experiência anterior de três a quatro anos atuando na área. A(s) ocupação(ões) elencada(s) nesta família ocupacional, demandam formação profissional para efeitos do cálculo do número de aprendizes a serem contratados pelos estabelecimentos, nos termos do artigo 429 da Consolidação das Leis do Trabalho

- CLT, exceto os casos previstos no art. 10 do decreto 5.598/2005.

Condições gerais de exercício

Atuam em empresas de fabricação de roupas de tecido ou couro e similares. Podem ser autônomos ou ter vínculo formal de emprego. Trabalham de forma individual ou em equipe, sob supervisão ocasional, em células de produção, módulos ou grupos compactos, especialmente os costureiros de peças sob encomenda. Trabalham em ambientes fechados, inclusive em horários extraordinários. Algumas das atividades podem ser exercidas sob pressão de tempo e em ambiente de ruído intenso, ocasionando estresse.

Código internacional CIUO88

Notas

7630-05 - ALFAIATE - Alfaite modelista, Buteiro, Paramenteiro - alfaite
 7630-10 - COSTUREIRA DE PEÇAS SOB ENCOMENDA - Modelista
 7630-15 - COSTUREIRA DE REPARAÇÃO DE ROUPAS - Reformadora de roupas
 7630-20 - COSTUREIRO DE ROUPA DE COURO E PELE
 7433 - Sastres, modistos y sombrereros
 8263 - Operadores de máquinas para coser

Gacs

A.1 - Pesquisar tendências da moda
 A - PROJETAR PEÇAS SOB MEDIDA

Relatório da Família

Código Títulos

7630 Profissionais polivalentes da confecção de roupas
 A.2 - Identificar as necessidades do cliente
 A.3 - Selecionar tecidos
 A.4 - Definir modelo conforme tecido
 A.5 - Esboçar modelo
 A.6 - Apresentar sugestões de modelos

- A.7 - Tirar medidas
- B.1 - Verificar características dos tecidos (textura, dimensões, elasticidade, etc)
- B.2 - Selecionar papéis para moldes
- B.3 - Transpor moldes para o papel
- B.4 - Recortar moldes
- B.5 - Atribuir dimensões aos moldes
- B.6 - Riscar dimensões dos moldes
- B.7 - Conferir modelagem
- B.8 - Adequar modelagem ao tecido, couro e peles
- B.9 - Construir moldes em tamanhos diferentes
- B - MODELAR PEÇAS DE ROUPAS
- C.1 - Cortar tecidos
- C.2 - Dimensionar tempos de produção das peças
- C.3 - Elaborar levantamento de custos
- C.4 - Especificar componentes para confecção de peças-piloto (agulhas, botões, linhas, etc)
- C.5 - Analisar o rendimento dos tecidos
- C.6 - Costurar peças-piloto
- C.7 - Testar peças-piloto
- C.8 - Realizar ajustes nas peças-piloto
- C.9 - Determinar quantidade de peças para os cortes
- C.10 - Preencher formulário de ordem de cortes
- C - CONFECCIONAR PEÇAS-PILOTO
- D.1 - Transpor modelagem para os tecidos
- D.2 - Traçar riscos de corte
- D.3 - Posicionar pontos de marcação de peças (piques)
- D.4 - Identificar partes e tamanhos das peças
- D.5 - Encaixar peças do molde
- D.6 - Plotar riscos
- D.7 - Colocar tecidos em repouso
- D.8 - Conferir dimensões dos tecidos (largura)
- D.9 - Enfestar tecidos
- D.10 - Cortar peças em tecidos
- D.11 - Identificar as partes das peças (cor, referência e tamanho)
- D.12 - Entretelar peças
- D - PREPARAR PEÇAS PARA COSTURA
- E.1 - Analisar formulário de ordens de cortes
- E.2 - Separar materiais para costura
- E.3 - Conferir conformidades da peças-piloto
- E.4 - Posicionar linhas em agulhas
- E.5 - Acionar máquinas e equipamentos
- E.6 - Montar as partes das peças
- E.7 - Fixar informações (composição, tamanhos, instrução de lavagem, cnpj, etc)
- E.8 - Realizar acabamentos
- E - COSTURAR PEÇAS EM TECIDOS
- F.1 - Criar modelos
- F.2 - Modelar
- F.3 - Selecionar tipos e qualidades dos couros
- F - CONFECCIONAR PEÇAS EM COUROS E PELES
- Recursos de trabalho**
- Máquina de corte
- Máquina de costura reta
- Máquina travete
- Máquina botoneira
- Máquina galoneira
- Máquina de costura de cós
- Máquina de costura zig zag
- Máquina de pressão
- Máquina bordadeira
- F.4 - Analisar o rendimento de couros e peles na modelagem
- F.5 - Cortar couros e peles

- F.6 - Marcar linha de costura com carretilha
- F.7 - Montar peças com alfinetes
- F.8 - Realizar provas e testes
- F.9 - Costurar peças em couros e peles
- F.10 - Colar acabamentos
- G.1 - Identificar defeitos em tecidos, peles e couros
- G.2 - Verificar defeitos de costuras (pesponto, direção, tamanho etc)
- G.3 - Inspeccionar existência de etiquetas (composição, tamanhos, instrução de lavagem, cnpj etc)
- G.4 - Eliminar excessos de linhas, tecidos, peles e couros
- G.5 - Armazenar tecidos, couros e peles seguindo especificações dos fabricantes
- G.6 - Monitorar o funcionamento de máquinas e equipamentos conforme especificações técnicas
- G - CONTROLAR QUALIDADE DOS PRODUTOS
- H.1 - Testar o funcionamento de máquinas e equipamentos de costura
- H.2 - Substituir acessórios das máquinas conforme o modelo (agulha, calcador, aparelho etc)
- H.3 - Regular máquinas e equipamentos
- H.4 - Efetuar limpeza de máquinas e equipamentos
- H.5 - Verificar nível de óleo das máquinas e equipamentos
- H - REALIZAR PEQUENOS REPAROS DE MANUTENÇÃO
- I.1 - Passar peças
- I.2 - Dobrar peças
- I.3 - Embalar peças
- I.4 - Colocar tag (etiqueta de informações ao consumidor)
- I.5 - Preencher relatórios de estoque
- I.6 - Conferir estoques de produção
- I - PREPARAR PRODUTOS CONFECIONADOS PARA ARMAZENAGEM
- Z.1 - Autocontrolar-se
- Z.2 - Manter bom relacionamento interpessoal
- Z.3 - Demonstrar dinamismo
- Z.4 - Demonstrar responsabilidade
- Z.5 - Dar provas de iniciativa
- Z.6 - Demonstrar destreza manual
- Z.7 - Autodesenvolver-se
- Z.8 - Demonstrar criatividade
- Z.9 - Comunicar-se
- Z.10 - Demonstrar capacidade de autocrítica
- Z - DEMONSTRAR COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Participantes da descrição

Máquina de cortar viés
Máquina de cortar zíper
Máquina de patti
Máquina pespontadeira
Máquina de prensa
Tesoura
Fita métrica
Régua
Computador
Estilete
Carretilha
Manequim
Martelo
Aparelhos de viés
Máquina de costura de fechamento
Máquina de picueta
Máquina de costura de overlok
Máquina de interlok
Máquina de refiladeira
Máquina de casear
Máquina de costura de bainha invisível
Anaildes Da Silva Santos
Conceição Maria Duarte

Givalda Dantas Alves
Ivone Ferreira Leite
José Américo Virgens Gonzaga
José Augusto Passos
Júlia Santana Luz
Maria Cleusa De Sales Almeida
Maria Rita Conceição Souza
Mylena De Araújo Santos
Nelma Matos Fernandes
Nilza Reis Silva
Tânia Maria Leal Andrade
Ângela Maria Rocha Silva
Bananamaçã Indústria E Comércio De Confecções Ltda.
Fiorotti Jeans Indústria E Comércio De Confecções Ltda.
Helton's Indústria E Comércio De Confecções Ltda.
La Mouette Blanche - Comércio, Indústria, Importação E Exportação De Confecções Ltda.
Litoral Norte Indústria De Confecções Ltda.
Sindicato Da Indústria Do Vestuário De Salvador
Sindicato Oficial Dos Alfaiates E Costureiras E Trabalhadores Nas Indústrias De Confecções De Roupas
Venor Indústria Do Vestuário Nordeste Ltda.

Especialistas
Instituições
Wad Indústria E Comércio De Confecções Ltda.

Glossário
Ministério Do Trabalho E Emprego - Mte
Instituição conveniada responsável

Anexo 4 - Categorização das entrevistas

CATEGORIZAÇÃO/PRÉ-ANÁLISE

TRAJETÓRIA PROFISSIONAL	
Trajetória - Costureira Tulipa	
Trechos da entrevista	Comentários
<p><i>E ela ((irmã)) disse: 'eu vou ensinar vocês'. A gente recém tinha chegado lá de fora. Aqui a gente continuou estudando. Aí ela nos ensinou. Era naquele tempo que usava aqueles babehos finíssimos, tudo de cambraia, coisas finíssimas, camisetinhas, coisinhas assim. Ela nos ensinou e para nós foi rapidinho. Basta dizer que as roupas dos clientes mais caros éramos nós que fazíamos.</i></p> <p><i>Teve um tempo que eles diminuíram o trabalho, e ela disse: 'quer saber de uma coisa eu vou trabalhar num atelier de costura' [...]. E foi passando um tempo assim, e ela disse: 'sabe de uma coisa, está diminuindo o serviço, nós vamos costurar'. Então ela nos levou para esse atelier de costura. No início começamos a aprender a máquina. Curiosa eu sempre fui. Aprender a aquela coisa toda. Ela ia cortando, a gente montando e aí nós iniciamos.</i></p> <p><i>Quer dizer nós, eu nunca tirei diploma de costura especializada, isso não. A gente foi indo, foi costurando, ela foi indicando, a gente foi fazendo, fomos costurando, costurando até a época em que ela foi para trabalhar com uns turcos riquíssimos. Me deixou com a dona Terezinha que era uma modelista, mas assim, incrível, ela costurava para classe A mesmo. Eu fui me aperfeiçoando, mas com ela, com a Dona Terezinha. Aprendi o que tinha de mais clássico na costura, de mais fino com ela.</i></p> <p><i>Fomos trabalhar no Kurashiki, com 14 anos, uns três anos e pouco. Depois eu fui para Artefina, no tempo que Artefina era toda aquela delicadeza, aquele bordado feito à mão, uns trabalhos delicados. E com nove meses de serviço eu não dava produção, mas eu dava qualidade. O diretor da firma me chamou e disse:</i> <i>- Dona Regina! Estou lhe chamando porque já passou mais de 3 meses e a senhora não dá produção!</i> <i>- Ah, realmente eu não dou produção mesmo!</i> <i>- Mas a senhora dá coisa mais importante que é a qualidade. Eu sei que com 11 meses de serviço eu já era contramestre</i></p> <p><i>Eu comecei a minha vida trabalhando, costurando, costurando para fora e começou a nascer a filharada. Eu me dediquei à costura. Por isso que eu digo olha só na costura em casa / só que eu digo, eu nunca trabalhei para enriquecer, trabalhava e gostava e gosto, ainda gosto de me sentar na máquina e fazer coisas para nós. Naquele tempo eu tinha muito prazer em trabalhar, fazia serviços assim que meu Deus do céu não tem explicação.</i></p>	<p>- Aprendeu com a irmã a bordar (que aprendeu na escola), aprender uma profissão. Processo de trabalho</p> <p>- A irmã vai para o atelier, e quando vê que o serviço de bordado está diminuindo, leva as outras para trabalhar com elas. Tem os espaços e o próprio processo de trabalho alterado conforme as demandas da irmã.</p> <p>- Aprendeu em casa com a irmã e sempre na experiência de trabalho diversas que teve.</p> <p>Aprendeu na experiência, foi sendo reconhecida e continuou. Teve boas mestres. Não teve diploma. Visão da irmã Mestre Qualidade - Experiência em fábrica, exigência na qualidade e na produtividade. Reconhecimento. Processo de trabalho fabril</p> <p>Valores, gosto pelo trabalho.</p>

<p><i>Eu trabalhei em muitas malharias em Porto Alegre, algumas eu não lembro o nome. A minha vida foi sempre assim, roupa, roupa, roupa, de uma maneira ou de outra, mas sempre costurando. Aí que vocês chegaram, eu costurei para vocês. ((risos))</i></p> <p><i>As tias diziam assim: - Quando tuas filhas completarem 14 anos traz elas para Porto Alegre para terminar os estudos e escolher uma profissão.</i></p> <p><i>Trabalhava desde a adolescência pois era uma necessidade. E a gente trabalhava, era uma necessidade de trabalhar. E o que a gente mais queria era trabalhar, era o sonho de ter a casa própria, aí nós conseguimos comparar com nosso dinheiro uma casa para os pais.</i></p> <p><i>Então eu fui trabalhar num escritório de contabilidade no centro, nessa época eu não estava costurando.</i></p> <p><i>Quando casei, fiquei uns meses em casa, e como a minha irmã continuava sempre com a costura, ela disse para o Valdir que eu ia com ela. E o ciúme! Meu Deus do céu, eu nunca tinha visto coisa igual. Ela me levou para trabalhar numa malharia. E tudo que era malharia que estava no aperto, no sufoco, nós entrávamos e botávamos para frente mesmo. Por isso que eu digo a gente podia ter botado uma malharia porque a gente chegava e / mas isso não passava pela cabeça gente. Ela só chegava e dizia: 'estou precisando de vocês lá, estou lá na malharia tal'. A gente ia e nós trabalhávamos três.</i></p> <p><i>Eu já tinha as gurias quando comecei a costurar em casa. Tinha comparado uma minha máquina para as coisas de casa. Então uma vizinha viu a roupa das gurias, disse que eram lindas e insistiu para fazer para ela. E ali começou de brincadeira, ela falou para outras pessoas e mostrar e quando eu vi, eu já não aguentava mais de tanto serviço.</i></p> <p><i>Trabalhei na Galeria do Rosário, a minha cunhada tinha um atelier, montamos assim na cara e na coragem</i></p> <p><i>Passou o tempo na vida e fui morar em Arroio do Sal. O Valdir tinha muito serviço de pintura lá. Assim que eu cheguei minha cunhada que tinha loja, me chamou para trabalhar. Ela tinha um atelierzinho. Fazíamos as roupas da loja até que ela passou a encomendar de São Paulo e daí não precisava mais. Ela disse isso tipo hoje, no outro dia chega lá em casa, a dona da loja mais forte de Arroio do Sal, a Ironi. E ela disse: - Eu sinto muito, mas eu ouvi falar, eu vi o teu trabalho, já até comprei roupas, por intermédio de outras pessoas e eu vou te pedir, eu quero que tu costures para mim. E eu entregava cinco blazers por semana.</i></p> <p><i>Quando eu tinha todas as meninas, eu estava só em casa, daí eu parei definitivamente de trabalhar fora. O último serviço que eu trabalhei foi na galeria do Rosário. Eu optei por trabalhar em casa, mais para poder ficar com as gurias.</i></p>	<p>Escolher uma profissão. Terminar os estudos (primário), ir à Porto Alegre escolher uma profissão</p> <p>“Projeto ancorado em profissão”: ter a casa própria</p> <p>Outras experiências e saberes de trabalho.</p> <p>Malharias Botavam as malharias para frente</p> <p>Costurando para família, renda, ocupação, daí para as vizinhas e destas para outras clientes Adquirindo os meios de produção.</p> <p>Monta um atelier</p> <p>É constantemente procurada pelo seu trabalho</p> <p>Opta por ficar em casa para estar com as filhas (6)</p>
Trajectoria - Costureira Rosa	

Trechos da entrevista	Comentários
<p><i>É uma profissõozinha tão curta, eu pensei que tinham esquecido essa profissão, mas está em extinção, eu acho.</i></p> <p><i>A minha profissão é costureira. Eu trabalhei uns 40 anos, porque agora eu não considero mais que eu trabalho. Para te falar bem a verdade eu comecei de criança a querer ser costureira. Aos 16 anos, a gente morava no interior, eu já tinha terminado meu curso primário e o meu pai resolveu/ o meu pai sempre queria investir muito na gente:</i></p> <p><i>- Tem que arrumar alguma coisa para essas meninas!</i></p> <p><i>Nesse meio tempo, chegou uma senhora que ela era professora, ela era costureira que tinha diploma. Ela podia lecionar, tinha diploma de costureira esta senhora que chegou à região na época. E conversa vai, conversa vem com meu pai, aí ele disse:</i></p> <p><i>- Eu vou ver no IRGA se consigo que a senhora dê aula. A senhora dá aula para as meninas aqui, um monte de menina sem fazer nada.</i></p> <p><i>Aí a gente começou e eu amei aquilo ((entusiasmo)). Era tudo de bom, era maravilhoso, era o que eu mais queria na vida. Eu sempre tive mania de querer, quando eu era criança eu era costureira nas brincadeiras de boneca.</i></p> <p><i>A minha avó costurava mais ou menos, botava uma peça em cima da outra. Tirei o curso de corte e costura comecei num aperfeiçoamento</i></p> <p><i>A professora faleceu e nenhuma de nós teve diploma. Daí eu vim morar com minha tia. A cunhada dela que morava junto era costureira e eu ajudava ela. Claro esse é o meu chão, estar com bordados na mão. Na época eu bordava, porque lá fora a gente não tinha o que fazer. E apesar de pobre, pobre, muito pobre, meu pai, ele investia. Eu pedia uma linha e ele me dava. Um dia ele chegou com uma máquina antiquinhas. Eu me realizei ((entusiasmo)), foi tudo de bom, foi o melhor presente que eu ganhei na vida,</i></p> <p><i>A minha mãe pegou o meu caderninho, que era o maior capricho, tudo bem direitinho, meu esqueminha, tudo bem lindinho, bem bonito, meus moldes, tudo. O que minha mãe faz? Queima meu caderninho. Com isto eu perdi oportunidades de pegar trabalho depois, até como professora.</i></p> <p><i>Eu fiquei adquirindo experiência aqui e ali. Sempre gostei muito de ler, aí eu pegava as revistas, comparava a Manequim. Eu aprendi sozinha como tirar os moldes da manequim. Usava muito, até hoje tenho. Se eu quiser alguma coisa, vou ali. De mim mesmo eu aprendi aumentar. Eu não sou uma pessoa hoje formada, não tenho técnica, a minha técnica sou eu mesma, as minhas revistas. Isso eu investia todo mês. Podia não ter para o pão da manhã ((risos)), mas a manequim do mês eu tinha que comparar.</i></p> <p><i>Antes de engravidar eu fui trabalhar na secretaria de educação. A minha sogra tinha uma caixa de roupa das filhas, elas eram mais chiques do que eu, eu era pobre. Elas usavam a roupa uma ou duas vezes e jogavam lá. Recém casadinha, eu não tinha muito o que fazer. Então eu chegava em casa e trabalhava naquelas roupas, alterando, ajustando. Aí começou né: 'eu amei aquele teu</i></p>	<p>Extinção da profissão</p> <p>Iniciou na infância Primeiro fazendo roupas para as bonecas, com os bordados na escola e depois, na adolescência com alguém que tinha diploma. Gênero Pai arrumou alguma coisa para ela e as amigas fazerem</p> <p>Guiada pelo desejo de aprender a costurar, de ser costureira 'Amou' e continuou</p> <p>Experiência na família. A avó que costurava para casa.</p> <p>Aprendendo ajudando uma parente costureira, com os "dotes" O pai incentivava de forma que ela tivesse uma ocupação</p> <p>No caderno tinha anotações diversas, com técnicas que ela poderia utilizar depois no seu fazer. A queima do material de estudo, projetos interrompidos</p> <p>Aprendizado sozinha Experiência NORMA TÉCNICA</p> <p>Fazendo para si, sendo reconhecida, ocupando o tempo. Questão de gênero: "Não tinha nada para fazer. Gostava de fazer</p>

<p><i>vestidinho, faz para mim? ' Faço! Quando sai, após 8 meses, que eu estava numa substituição eu levei 10 clientes para minha casa. Nesses oito meses eu me engatei mesmo no caminho da costura mesmo.</i></p> <p><i>Quando eu casei, ajudei a fazer meu vestido de noiva, vestido do civil. Fiz as roupas para as minhas cunhadas. Tudo que eu pudesse fazer, mesmo assim sem experiências em nada, era na marra, no grito.</i></p> <p><i>Quando eu comecei na secretaria de educação, cada dia eu ia com vestidinho diferente. E eu quis continuar ora, porque eu não queria trabalhar fora. E exatamente quando sai da secretaria, foi quando eu engravidei. Então decidi que não ia deixar meus filhos com ninguém, eu ia criar meus filhos</i></p> <p><i>Eu fazia e cobrava sim! Eu precisava trabalhar, com certeza! Meu marido ganhava um salário pobre, pouco. Meu sogro e minha sogra eram bem, mas eu não. Então eu comecei, continuei até que já estava na redondeza, um boca a boca. As minhas cunhadas, as minhas clientes me pagavam. Então eu passei a ganhar dinheiro e elas falavam para as outras pessoas que era tudo maravilhoso ((risos)), que podia ir que elas garantiam. Eu tinha freguesas do centro de Porto Alegre, aquelas senhoras chiques na época.</i></p> <p><i>Também, boba que não era, e assim ó, a gente ganha dinheiro, muito dinheiro. E eu continuei, começou o boca a boca, a minha sogra me incentivava muito. Ela foi uma sogra ruinzinha, mas tem um lado bom, ela reconhecia o trabalho. Nossa! Fazia propaganda! Ela fazia questão de dizer para todo mundo que eu costurava divinamente.</i></p> <p><i>E foi chegando épocas, que chegava ao fim de novembro, eu não tinha mais vaga para dezembro. E eu gostava de fazer!</i></p> <p><i>Olha, foi difícil! Mas aí é que eu sobrevivi! Aí que eu trabalhava! E era muito gratificante. Quanto mais nervosa eu estava, mais eu trabalhava! Eu fiquei sozinha sustentando os meus filhos. Ele não me ajudava</i></p> <p><i>Hoje se eu botar uma plaquinha vem cliente. Porque não existe mais costureira assim. Eu nunca tive placa na frente da minha casa, foi só o boca a boca. Amiga dizia para amiga, que dizia para outra amiga e assim fazia aquela corrente. E assim eu sobrevivi muitos anos.</i></p> <p><i>Nessa casa eu não peguei cliente nova. Eu não vim para trabalhar. Para mim deu! Eu não sei se é quando a gente não tem a necessidade, se vê as coisas de outra forma ou sei lá. Não sei o que foi que me aconteceu! Foram duas coisas que me aconteceram bem ruins. Quando eu ainda não tinha vindo para cá, uma moça me indicou para fazer uniformes de um banco em Porto Alegre. Mas lá, também foi às condições de trabalho. Eu comprei os tecidos, dei o preço, fiz tudo. Tinha que experimentar dentro do banheiro, um calorão, abafado, horrível. Era camisa, saia, calça e casaco, eram cinco peças. Aí cinco deu zebra. Aquilo me deixou tão irritada. Eu fazia, provava lá porque elas não tinham como vir. Para elas virem, eram 17, era mais complicado. E eu fazia uma etapa e levava para experimentar. Um dia eu cheguei lá e aí cinco deu problema, e uma disse: 'o meu não ficou bom, porque não sei</i></p>	<p>Fazia e aprendia na marra</p> <p>Não queria trabalhar fora. Queria criar os filhos.</p> <p>Valor do trabalho, preço. Necessidade. Criador da vida Reconhecimento, valorização. Renda. Clientela chique BOCA A BOCA</p> <p>Ganhava bem. Profissionalização. Volume de encomendas.</p> <p>Gosto pelo trabalho. Satisfação. <u>O trabalho como meio de realização e fuga dos problemas.</u></p> <p>Profissionalização, trabalho bem feito, renda.</p> <p>Encerrando a trajetória profissional. Fazendo escolhas. Não tem mais tanta necessidade. Momento charneira. Reflexão durante a narrativa sobre o momento difícil no trabalho relacionado à um momento muito duro da vida Atividade de trabalho Norma (moda)</p>
---	--

<p><i>o quê?. E estava começando aquela moda da calça baixa, e tinha uma que queria que aparecesse até os pelinhos ((risos)), moda mais horrorosa que já vi. Daí sim eu cheguei, mas nesse meio tempo eu estava negociando a chácara, e falei:</i></p> <p><i>- Pelo amor de Deus, eu não quero mais nem vê isso aí, eu não vou mais levar. Te dou o dinheiro e você leva para arrumar.</i></p> <p><i>Eu já pagava para não trabalhar! Mas eu sei lá. Foi uma coisa ruim mesmo, porque eu estava acostumada a fazer. Eu comecei na secretaria, eu levava e provava lá. Eu não sei por que aquilo me aconteceu eu não entendi acho que era..., mas eu estava mal mesmo, tinha perdido meu filho fazia pouco tempo, estava ajudando a cuidar da minha neta, mas nas graças a Deus, Deus me ajudou e eu superei tudo muito bem.</i></p> <p><i>Faz uns 4 anos eu fiz um vestido para uma cunhada e se ela me trouxe um desenho de um jornal eu me traumatizei foi ali que eu parei mais era cheio de muito franzido eu sei dos erros acho que ela também sentiu, mas eu me decepcionei e nunca mais eu quis fazer assim vestidos, mas agora eu estou com vontade de voltar de novo</i></p> <p><i>Ah não! Se eu der um grito... não digo que todas clientes voltem, mas muitas voltam. Eu parei porque eu cansei. Eu tô preguiçosa. Sabe por quê? Eu vivi essa minha vida inteira, por último eu morei muito mal. Eu tinha minha casinha de madeira, mas era tudo bem arrumadinho.</i></p> <p><i>Aí eu parei de trabalhar porque eu vivi a vida inteira nessa função: criar filhos, trabalhar, fazer comidinha correndo, a vida toda.</i></p> <p><i>Não tenho mais aquela necessidade. Eu não ganho nenhuma fortuna, é um salário mínimo e mais um aluguel. Então, não tem porque eu estar...sabe, não é fácil! Porque assumir um compromisso, o maior problema é aquele compromisso e tem que estar pronto naquele dia. E aí parece que as coisas até acontecem.</i></p> <p><i>Hoje não quero mais nada, mas antigamente eu queria mandar, ter um trabalho que é só mandar, mas nunca confiei em ninguém. O que eu fazia, era aquilo que eu sabia que estava bom. Quando eu tinha pessoas que me ajudavam, muitas vezes eu desmanchava. O meu filho que dizia: 'ai mãe, não podia ser assim, a costureira que tu é, não era para ser. Não era para tá lavando roupa, fazendo comida. Tu tinhas que botar um negócio que tu só trabalhasse, e pagasse alguém para fazer as outras coisas'. Esse que faleceu.</i></p> <p><i>Eu entrava noite adentro. Era assim, de levantar às 6 horas da manhã e enquanto aguentava, eu ia. Teve vezes assim de as pessoas chegar, em cima do laço, e eu pegar e ir até a 5 horas da manhã trabalhando. Daí dormia um soninho, levantava, tomava um banho e continuava. E a pia, às vezes eu fazia o indispensável, o que não podia esperar. E aí domingo eu nunca tinha na minha vida! Chegava domingo eu ia organizar tudo para segunda feira eu então começar. No domingo era só para se envolver e fazer um almoço melhor para os filhos e não tinha quem me ajudasse a fazer as comparas.</i></p>	<p>Momento Charneira</p> <p>Charneira</p> <p>Ainda teria clientes</p> <p>Cansou</p> <p>Não tem mais necessidade</p> <p>Parando de trabalhar</p> <p>Trabalho duro Muito trabalho</p>
Trajetória - Costureira Orquídea	
Trechos da entrevista	Comentários

<p><i>Me tornei costureira, vendo a minha tia costurar. Eu olhava ela costurando e queria costurar também. Achava que aquilo era uma grande coisa e queria costurar também.</i></p> <p><i>E foi indo, foi indo, ela fazia as roupas para mim e eu não gostava. No que eu tinha nove anos, ela fazia as roupas e eu não gostava. Sempre achava defeito, defeito, e eu começava a recortar todas as roupas ((risos)). A cortar e arrumar. Aí eu esperava a minha mãe ir para a fonte lavar roupa, e daí eu pegava minhas roupas e recortava tudo. Cortava um pedaço e arrumava. Arrumava as mangas, encurtava a saia e tudo.</i></p>	<p>Tornar-se Aprender</p> <p>Aprender fazendo motivada pelo desejo de melhorar, norma de estética</p>
<p><i>E comecei a botar aquilo em cima da mesa, e a cortar, e a fazer roupa para os guris. Eles usavam umas camisinhas na época. Imagina, 55 anos atrás, eles eram pequenininhos. E eu comecei a cortar as camisinhas e fazer para eles, eu tinha uns nove ou 10 anos. Aí a mãe disse assim:</i></p> <p><i>- Agora vou ter que colocar essa guria para aprender a costurar mesmo, porque quer costurar.</i></p> <p><i>E tinha uma vizinha, longe de casa, que era costureira. Um dia de tarde a mãe foi lá comigo, para ela me ensinar, mais ou menos, como cortar as roupas por molde. Isso porque essa mulher sabia. Não! Pode deixar que eu me viro sozinha!</i></p>	<p>Saberes Profissionalização Aprender</p> <p>Aprender com outra mulher costureira</p>
<p><i>E comecei a cortar roupa e fazer roupa, e daqui a pouquinho a vizinhança tudo começou a levar roupa para mim fazer. Eu não era mais criança, já tinha uns 11 para 12 anos</i></p>	<p>Fazendo e aprendendo</p>
<p><i>Os vizinhos me procuravam, levavam costura para mim fazer, e eu costurava para todo mundo. E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática. Depois eu comparava aquelas revistas para tirar molde. Pegava aquelas revistas, tirava o molde da revista. Tinha o número, eu aprendi sozinha, era bem fácil, não era difícil!</i></p>	<p>Valor social Demanda</p>
<p><i>Na quinta ela não foi fazer a matrícula, ela precisava de mim em casa para ajudar, eram 10 pessoas na casa e só ela de mulher e eu. Então ela não me botou a estudar na 5ª série. Aí a professora apareceu lá em casa e disse:</i></p> <p><i>- Eu vim ver porque que a Beatriz não foi estudar? Minha mãe disse que eu tinha que ficar em casa, que ela precisava ir para fonte, para lavar roupa e precisava de alguém para ficar em casa, para fazer fogo, para cozinhar o feijão, para lavar a louça do café, para arrumar as camas de 10 pessoas, para varrer a casa. Ela não conseguia fazer tudo sozinha. Então ela disse que não ia me botar mais, que eu já tinha aprendido que chega.</i></p> <p><i>- Segunda não, segunda não pode segunda amanhece muito serviço, muita roupa suja, muita coisa. Tem que levantar e ir direto lavar roupa.</i></p>	<p>Gênero</p> <p>Ajudar nas tarefas domésticas Trajetória escolar interrompida</p> <p>Se voltasse a estudar, teria que diminuir o ritmo, o volume de trabalho e ganharia menos dinheiro</p>
<p><i>- Eu não posso estudar! Eu tenho que trabalhar, para ganhar dinheiro!</i></p> <p><i>Porque na época eu fazia aquele monte de costura, ganhava bastante dinheiro. Se eu saísse às 6 horas para ir para o colégio, e eu trabalhava até meia noite às vezes, eu ia perder muito dinheiro. E a renda dele, não tinha como. Se eu não costurasse, não tinha como fazer essa casa, não tinha como.</i></p> <p><i>Às vezes eu fico pensando que podia ter ido estudar, mas sei lá.</i></p>	<p>Sua renda era fundamental no orçamento familiar Trajetória</p> <p>Quando tem a oportunidade de voltar à escola, opta por trabalhar e garantir a subsistência da família Charneira</p>
<p><i>Na casa da mãe tinha a máquina dela. Ela fazia coisas assim, remendos. Ela até conseguia fazer camisa para o meu pai, certas</i></p>	<p>Saberes e fazeres da mãe. Aprender através da</p>

<p><i>coisas assim ela fazia. Essa minha tia cortava e ela fazia, costurava. A tia, de vez em quando ela tinha que cortar roupa, ela ficava uns dois dias. E eu ficava olhando, com os olhos quero um pila. Aprendendo, imitando</i></p> <p><i>E comecei a fazer costura para fora, os vizinhos começaram a procurar e eu, claro que eu cobrava. Fazer de graça é que eu não ia! Eu perguntei para moça que costurava, quanto ela cobrava, eu tinha uns 12 anos, quanto que ela cobrava para fazer um vestido, para fazer uma camisa, e ela me disse o preço das coisas. E aí eu comecei a cobrar também. Ué! Queria que eu fizesse.</i></p> <p><i>. Quando eu cheguei aqui, tinha uma vizinha ali mais adiante, que costurava e ela disse assim:</i> <i>- Que bom que tu veio para cá, porque eu não vou costurar mais. Agora eu vou avisar meus clientes tudo, que agora mudou de casa a costureira. Vai ser aí na tua casa.</i></p> <p><i>Meu deus! Uns iam dizendo para os outros, e vinham vindo. Eu passava o dia inteiro costurando. Entrava noite adentro. Para lavar roupa era no final de semana.</i></p> <p><i>Eu não queria que ela aprendesse a costurar, eu só queria que ela estudasse. Isso porque o que eu queria era estudar. Eu não queria aprender a costurar, mas morava lá para fora e não tinha como estudar. Tinha que ir para cidade, para casa dos outros. Era muito difícil! E aí a mãe não deixou, mas eu queria muito ter estudado. Era um sonho que eu tinha de ir para cidade para poder estudar. Não tinha outra opção, aí eu casei. Eu queria estudar, eu era inteligente. Eu estudava um dia e ...</i></p> <p><i>Eu tive que parar as pressas. Costurei muito tempo, muito tempo, sentada. Não tinha horário, não tinha essa de trabalhar 8 horas. Era muito mais do horário. Só nessa casa, foram mais de 30 anos. Aqui é que eu comecei a fazer loucura mesmo, sem limite de horário.</i> <i>Eu não tinha limite para horário, pegava, vamos supor às 7 da manhã, parava para fazer um lanchinho, e tocava até a uma da manhã, direto. Tinha vezes que eu parava, só comia uma coisa e voltava.</i></p> <p><i>Eu nem me cuidava. Eu ficava lá, o dia inteiro. Tomava banho e deu. Era muito puxado. Por isso que eu queria que a Vandri estudasse, para ela ter horário para trabalhar. Para não ter que trabalhar daquele jeito, naquela loucura que eu trabalhava. Na verdade, eu acho que eu fazia demais, sei lá se tinha saúde na época, que as pessoas, parece que obrigavam a gente a fazer. Era um saco!</i></p> <p><i>Chegou num ponto que eu tive que aprender a dizer não. Antes, às vezes, eu dizia que não podia, mas elas deixavam igual. E eu ia fazendo, o que dava fazia, o que não dava ia ficando. Eu sei que eu nunca consegui dizer assim:</i> <i>- Hoje eu terminei tudo que tem dentro de casa!</i> <i>Nunca consegui terminar, nunca consegui terminar. Para fazer uma coisa para gente em casa, era o maior sacrifício. Quanto tecido eu comprei para mim e nunca consegui fazer ((risos)).</i></p>	<p>observação</p> <p>Aprendizado na família. Fazia e cobrava</p> <p>Profissionalização Saberes Valor de uso</p> <p>Excesso de trabalho Profissionalização</p> <p>Sonho de ter educação formal</p> <p>MUITO TRABALHO Sem limite de horário</p> <p>Sobre problemas de coluna em profissionais da costura, ver o artigo “Compreendendo o trabalho da costureira: um enfoque para a postura sentada” de Dagmar Ambrosi e Maria de Fátima Queiroz, disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0303-76572004000100003&lang=pt> Acesso em: 23 fev. 2015.</p> <p>MUITO TRABALHO Não cuidado de si Ser para os outros Excesso de trabalho</p> <p>Dizer não?!</p>
Trajetória - Costureira Açucena	

Trechos da entrevista	Comentários
<p><i>Eu comecei com 14 anos, eu fui aprender lá fora, na casa de uma costureira também. Nós fomos em quatro gurias. Na primeira semana que eu fui, fui aprender a cortar os moldes, cortar papel. Na segunda semana, era cortar os vestidos, comparar o tecido, levar e cortar os vestidos. Eu cheguei em casa, a vó foi dormir e eu cortei, era sábado, cortei o vestido, alinhavei. Quando a vó acordou, eu estava com vestido pronto, alinhavado. E daí eu disse:</i></p> <p><i>- Não vou mais lá! Você pode ir lá pagar ela, eu não vou mais. Eu sei costurar!</i></p> <p><i>Não tinha horário, não tinha essa de trabalhar 8 horas. Era muito mais do horário.</i></p> <p><i>Eu não tinha limite para horário, pegava, vamos supor às 7 da manhã, parava para fazer um lanchinho, e tocava até a uma da manhã, direto. Tinha vezes que eu parava, só comia uma coisa e voltava. Só no domingo eu parava, mas cansei de trabalhar sábado o dia todo</i></p> <p><i>A vó costurava para fora. Não sabia ler, nem escrever, ela aprendeu também, assim, por saber mesmo, por necessidade, para trabalhar para fora. Ela lavava roupa para fora e costurava para fora. A minha avó era viúva fazia muito tempo e aí ela sustentava família sozinha.</i></p> <p><i>Depois eu vim aqui para Canoas e costurava para fora também. Eu sempre trabalhava em casa.</i></p> <p><i>Depois de casar, eu trabalhei três anos na Buri e agora é ponto frio. Eu trabalhei no balcão, trabalhei no escritório, trabalhei no crediário. Eu passei por tudo, trabalhei três anos lá. Depois eu comecei a costurar de novo. Eu acho que dava mais porque eu ficava em casa. Comecei a costurar, costurar. Tinha as prateleiras do lado da máquina, eu tinha que ver a data que era e botar para rua. E costurando! Anotecia e amanhecia na máquina. Tinha dois ou três dias por semana, que eu não dormia. Isso porque eu precisava.</i></p> <p><i>Com um filho pequeno, tinha que trabalhar mesmo, tinha que trabalhar mesmo. Eu trabalhava sempre igual, muito.</i></p> <p><i>E o meu filho ficava no chiqueiro, ele queria comer, comia. Ele foi muito mal cuidado. Mal cuidado eu quero dizer no sentido de não estar no colo, não ter muito carinho. E não teve muito porque eu estava sempre trabalhando. Eu dormia em cima da máquina. Assim, quando eu não aguentava mais, que via que tinha umas quatro agulhas aqui na minha frente, eu dormia em cima da máquina. Aí levantava, acordava, passava uma água no rosto e começava a trabalhar de novo. Minha vida foi muito sofrida.</i></p> <p><i>Elas foram aparecendo ligeiro. Uma contava para outra. Eu nunca botei placa de costureira. Não botei. Elas contavam que eu costurava bem e tudo, e vinham. Até hoje, tenho uma freguesa, a dona dessa coisa rosa ((mostra)), ela não me largou. E depois eu vim para Canoas e foi a mesma coisa. Quando eu estava aqui era pior ainda. Agora tem coisas minhas, tem coisas da Tati, tem coisas lá da terreira. Eu trabalho ainda, de vez em quando eu trabalho, mas agora eu não costuro com aquela necessidade. Eu</i></p>	<p>Aos 14 anos foi aprender com outra costureira, mas ela já sabia. Observava a avó. Então foi apenas uma semana.</p> <p>Muito trabalho</p> <p>Saberes da avó Uma artífice, desenvolvendo a técnica Aprendendo com as mãos</p> <p>Sempre costurando</p> <p>Outras experiências de trabalho Retorna para a costura em casa porque dava mais</p> <p>Necessidade, produção da existência.</p> <p>Muito trabalho.</p> <p>Clientes</p> <p>Curso?!</p> <p>Finalizando Fazendo escolhas</p>

<p><i>não sou aposentada, mas eu ganho pensão alimentícia.</i></p> <p><i>Eu fiz uma semana de aula, cortava só os moldes: moldes de casaco, de casacão, de tudo. Depois eu fui aprendendo, fui fazendo, eu aprendia fazendo. Nunca mais fiz curso, nunca mais.</i></p> <p><i>Eu trabalhei dos 14 até os 58. Agora eu não considero mais. Essas coisas que eu faço, eu não cobro, é muito pouquinho. Para Tati eu não cobro, ela é minha comadre, minha amiga, aí eu faço. Quando ela diz que quer para tal dia, às vezes eu faço, mas às vezes não, eu não quero ou não posso. Eu faço quando dá. Para terreira, eu fazia os uniformes, mas agora também não faço mais. Fiz um vestido para tua mãe também, mas agora não faço mais. Não faço porque não quero mais. Os clientes são muito chatos, sempre tem alguma coisa: está muito grande! Está muito apertado! Está muito frouxo! E agora eu já posso dizer não. O que eu ganho dá para mim viver, eu faço as coisas que ... esse aqui é o uniforme da Brenda, estou fazendo 4 faixas que vou levar quinta, da terreira, que precisa mesmo e o resto, o que eu ganho dá para mim viver. Eu não sinto falta de toda aquela ocupação, consigo viver assim, eu deito na cama, eu olho televisão. Eu trabalhei demais e em 20 anos de casado, ele não viu tudo que eu fiz, ele não viu o que eu fazia, o quanto eu trabalhava para eles. Ele, não sei, nunca deu valor a isso. E eu trabalhava mesmo!</i></p> <p><i>Sempre assim, na máquina, sempre sentada, rápido. Comia a metade, a metade ficava. Não tinha tempo, não tinha tempo nenhum, nem para me cuidar. Era sempre para os outros, para mim eu nunca tinha tempo. Eu não sentia falta, também eu nem pensava nisso. Nem sempre eu queria trabalhar, mas era necessário</i></p> <p><i>Em 2004, eu tive um AVC, com 59 anos, foi quando eu deixei de costurar. O médico disse que eu não ia falar ou talvez não fosse caminhar. Quando foi para fazer fisioterapia, tinha 40, eu fiz só 9 e não fui mais, eu não precisava, a única coisa que melhorava era uma luzinha que eles colocavam. Eu caminhava, subia as escadas, não me esqueci de nada do negócio das costuras, nem como fazer tricô, crochê, bordado.</i></p> <p><i>Tudo que eu fazia, eu ainda faço. Nunca ninguém me ensinou, não aprendi com ninguém.</i></p> <p><i>Eu aprendia olhando os outros fazendo, ponto cruz eu aprendi na revista. Eu aprendia tudo sozinha, mas não sei ensinar.</i></p>	<p>Invisibilidade de si</p> <p>Doença Interrompe o trabalho</p> <p>Forma de aprender</p>
--	--

SABERES	
Saberes - Costureira Tulipa	
Trecho da entrevista	Comentário
<i>Minha irmã era uma modelista de primeira, muito, muito, muito, as roupas dela eram muito chiques.</i>	Mestre

Saberes- Costureira Orquídea	
Trecho da entrevista	Comentário
<p><i>Quando eu casei, me mudei de lugar, mas costurava lá fora também. Costurava, bordava de tudo, eu fazia de tudo.</i></p> <p><i>Como é que eu ia levar um bebezinho para sanga? Era uma vertente. Não tinha como eu levar ela pequenininha para fonte, lavar roupa. Aí paguei essa guria para ficar comigo. Depois bordei um lençol para fora e aí comprei um negócio que puxava água para casa, um tal de carneiro. [...]</i></p> <p><i>Enchia o tanque, eu ensaboava as roupas, e boestava a encher de novo, mas ele levava muito mais de hora, tinha que ter paciência. Isso para encher o tanque de novo e enxaguar a roupa.</i></p> <p><i>Também bordava, à mão, lençol, em ponto cheio, pintura de agulha. Eu tenho dois lençóis guardados. Eu aprendi com as minhas tias também, vendo elas fazerem.</i></p> <p><i>E tinha essa tia que era costureira. Ela fazia calça para os alfaiates. [...]E costurava para os vizinhos também, para todo mundo. Ela costurava, fazia vestido e tudo.</i></p> <p><i>Daí, para ajudar em casa, eu levantava e primeiro fazia todo o serviço. E então eu ia lá costurar um pouco. Depois eu voltava para cozinha, cuidar do fogo, porque tinha que cuidar e voltava para costurar um pouco. No meio dia, o serviço era limpar a cozinha. De tarde era costurar de novo até uma certa hora. Dava tempo para fazer. Quase que de manhã não dava tempo, mas de tarde dava, depois que eu terminava de limpar a cozinha. A tarde era livre para mim costurar.</i></p> <p><i>Eu sempre trabalhei em casa, e nunca fiz curso. Duas tardes de curso foi lá. No primeiro dia ela me mostrou os livros, e depois ela trouxe o livro e me explicou como é que tirava a medida das pessoas. Depois ela comprou o livro e me ensinou tirar os moldes do livro. E foi ali que eu comecei, mas depois que eu vim para cá e deixei de usar aquele livro e comecei a tirar o molde das revistas, da manequim, da moda moldes.</i></p> <p><i>E eu fazia os que tinham mais pressa. Os que não tinham, iam ficando. Eu não conseguia nunca dar conta daquilo e não tinha como botar uma pessoa, porque não dava certo. Essa minha tia vinha às vezes me ajudar, mas não dava certo. Eu acabava tendo que desmanchar. Eu tinha que calcular quantos que eu ia fazer por semana. Não sei por que elas vinham, porque barato, barato eu não cobrava. Eu cobrava bem, mais ou menos. Sempre cobrava mais que as outras.</i></p> <p><i>. Então não era tudo, tudo que eu fazia os moldes, porque alguns eu já tinha feito antes. Algumas clientes, eu tinha o molde da calça dela guardado. Aquilo ali me poupava muito tempo. E quando elas inventavam alguma coisa, eu mesma tinha que fazer, ficava pensando para fazer, tinha que inventar outro molde, acrescentar o que elas pediam. Mas depois que tu aprende a fazer certas coisas / e o meu trabalho era bom! Eu nunca consegui fazer nada, assim de qualquer jeito. O meu mal mesmo, eu não consegui ganhar muito dinheiro é porque eu não conseguia fazer as coisas, por exemplo, passar por cima de muita coisa. Tinha que ser no mínimo, nos mínimos detalhes. Eu não conseguia fazer nada a</i></p>	<p>Gênero Saberes Cuidado-filho Questão econômica</p> <p>Alternava, se organizava para, entre o serviço da casa e a costura Gênero</p> <p>Aprender Processo de trabalho Saberes</p> <p>Qualidade Artífice Excesso de trabalho Gestão do tempo do valor de troca? Questão econômica</p> <p>Organização do processo de trabalho Renormalização Criação Qualidade Saberes Artífice</p> <p>Valor de troca (achavam caro) – Gênero? Saberes Qualidade</p> <p>Artífice Ser uma boa costureira Menos produtividade, mas não ficava de qualquer jeito. Trabalho bem feito</p> <p>Saber fazer</p>

<p>torto e à direita e até hoje. Sou muito detalhista, eu sou muito chata.</p> <p><i>E eu fazia os que tinham mais pressa. Os que não tinham, iam ficando. Eu não conseguia nunca dar conta daquilo e não tinha como botar uma pessoa, porque não dava certo. Essa minha tia vinha às vezes me ajudar, mas não dava certo. Eu acabava tendo que desmanchar. Eu tinha que calcular quantos que eu ia fazer por semana. Não sei por que elas vinham, porque barato, barato eu não cobrava. Eu cobrava bem, mais ou menos. Sempre cobrava mais que as outras.</i></p> <p><i>O trabalho bem feito, na costura, é aquele bem-feitinho. A gente conhece o trabalho bem feito: as coisas bem retinhas, bem-acabado. Uma vez em uma cliente, ela inventou de fazer uma roupa em outra costureira e daí ela disse assim:</i></p> <p><i>- A mulher fez a roupa tão mal feita, que eu tinha vergonha de botar a roupa secar na cerca do lado avesso. Mãe! Tem que estender do lado direito, que eu tenho vergonha de botar do lado avesso.</i></p> <p><i>E a mãe dela disse assim:</i></p> <p><i>- Pois é! Tu acha caro as costuras da Beatriz, e agora tu vai dar valor. Porque as costuras da Beatriz, tanto faz se é do lado direito ou avesso. Não se enxerga um fiapinho.</i></p> <p><i>Ela tinha levado em outra, porque elas achavam caro e ela era muito das coisas bem feitinhas. As minhas costuras eram demais, não tinha um fiapinho de nada.</i></p> <p><i>Melissa: O que tu acha que precisa ter para ser uma boa costureira?</i></p> <p><i>Beatriz: Sei lá! Tem gente que consegue fazer rápido aquilo, dar bastante produção e do jeito que ficar, ficou. Eu nunca consegui fazer isso. Teria que perguntar para quem eu costurava se era bom meu trabalho. Na verdade, eu demorava mais para fazer. Na época que eu costurava, que eu tinha saúde, eu não me importava, eu até que gostava.</i></p> <p><i>Vestido de prenda, até bombacha eu fazia. Deus o livre! Aquilo lá, levava mais de um dia para fazer aquele negócio. Eu acabava fazendo aquilo de noite. Fazia conjuntos, casacos, calças, vestidos. Até vestido de noiva eu cansei de fazer! Fazia todo ele, completo. Bordava com renda, com pedrinhas. Vestido de noiva levava para mais de semana para fazer. Tinha que ficar fazendo só aquilo. Elas queriam um modelo exclusivo, que elas inventavam da cabeça delas. O vestido era básico, mas aí elas inventavam os modelos. Traziam os tecidos, os tafetás e as rendas, e eu tinha que cortar aquilo. Elas diziam o jeito que elas queriam, e eu tinha que recortar a renda, colocar aquelas pedrinhas, tudo à mão nas rendas. Sacos e sacos de pedrinhas.</i></p> <p><i>Eu tinha que comparar alguma coisa pronta. Chegava na hora, tinha que sair e então comparava. Daí chegava em casa, desmanchava tudo e fazia de novo, e até hoje é assim. Jesus!</i></p> <p><i>Ficava bonito! Eu não sei como é que eu conseguia fazer tudo aquilo! Deus o livre!</i></p>	<p>Criação Diversidade de saberes Qualidade</p>
Saberes - Costureira Rosa	
Trecho da entrevista	Comentário
<i>Ah, por favor, esses anos todos lidando com o público, a gente</i>	Habilidades apreendidas

<p><i>desenvolve algumas habilidades.</i></p> <p><i>Eu já tinha os meus dotezinhos, já bordava. Isso desde os oito anos, eu já comecei no colégio a fazer bordadinho. No colégio aprendi a bordar. Estudei três anos no Dom Feliciano em Gravataí. Então ali a gente aprendeu a bordar, trabalhos manuais. No sábado era para bordar e eu adorava.</i></p> <p><i>Aí a gente começou e eu amei aquilo, ((entusiasmo)) para mim era tudo de bom, era maravilhoso, era o que eu mais queria na vida.</i></p> <p><i>Esse é o meu chão, estar com bordados na mão. Na época eu bordava, porque lá fora a gente não tinha o que fazer.</i></p> <p><i>Desceu do ônibus, me trouxe uma máquina daquelas antiguinhas. Eu me realizei ((entusiasmo)), foi tudo de bom, foi o melhor presente que eu ganhei na vida.</i></p> <p><i>São as experiências da vida que a gente vai adquirindo.</i></p> <p><i>Depois de um tempo, a história triste foi, além da morte da professora, eu vim embora para Porto Alegre e a minha mãe pegou o meu caderninho, que aquele era o maior capricho, tudo bem direitinho, meu esqueminha, tudo bem lindinho, bem bonito, meus moldes, tudo, o que minha mãe faz? Queima meu caderninho. Com isto eu perdi oportunidades de pegar trabalho depois, até como professora,</i></p> <p><i>Eu fiquei adquirindo experiência aqui e ali. Sempre gostei muito de ler, aí eu pegava as revistas, comparava a Manequim. Eu aprendi sozinha como tirar os moldes da manequim, usava muito, até hoje tenho ali minhas pilhas assim, se eu quiser alguma coisa eu vou ali. De mim mesmo eu aprendi a aumentar, entende? Eu não sou uma pessoa hoje formada, não tenho técnica, a minha técnica sou eu mesma, as minhas revistas. Isso eu investia todo mês, podia não ter para o pão da manhã ((risos)) mas a manequim do mês eu tinha que comparar.</i></p> <p><i>Tudo que eu pudesse fazer, mesmo assim sem experiências em nada, eu fazia. Era na marra, no grito!</i></p> <p><i>Eu trazia, experimentava. Olha como se trabalhava! Com certeza, hoje as camuflagem são as mesmas. Aí eu chegava, ((risos)) / sempre existiu. Eu chegava, experimentava, levava para casa e terminava tudo.</i></p> <p><i>Na verdade, eu virei costureira na marra, bordadeira na marra! Eu fazia do mais simples ao mais sofisticado e não tinha técnica. Entende? Eu ia aprendendo, eu ia lendo, eu ia vendo. Isso é muito meu, eu fui para costura porque eu sempre gostei.</i></p> <p><i>Para não perder nenhum cliente nesses dois anos e meio, eu ainda levava trabalho para fazer lá, porque não fazia nada, era duas, três fotos que batia por dia, o dia que batia dez, batia palmas. Então eu fazia crochê, eu fazia as costuras de mão, tudo levava para fazer lá, os bordados em pedraria quando eu tinha para fazer.</i></p> <p><i>O mais importante era quando eu errava uma costura, porque daí eu me saía muito bem. Um exemplo, porque não têm quem não</i></p>	<p>Dotes- ensinados na escola</p> <p>Desejo de saber</p> <p>Técnica ocupa mente</p> <p>Desejo</p> <p>Experiências</p> <p>Caderninho- técnica da professora- Sistematização</p> <p>Formas de aprender Autodidatas</p> <p>Quería fazer/ Fazia na marra</p> <p>Renormalizações</p> <p>Qualidade Desejo</p> <p>Trabalho de costura X Trabalho formal (complementa renda) Estratégia para não perder cliente</p> <p>Aprendendo com o erro</p> <p>Saber aparece como o fazer</p> <p>Norma é a moda que é</p>
--	--

<p><i>erra, até os médicos, eles não poderiam, mas eu podia ((muitos risos)). Logo que eu vim morar aqui, tinha duas meninas que tudo que uma fazia a outra fazia igual. Teve um dia que uma delas me trouxe uma calça de veludo para fazer e quando eu vou cortar o bolso, em vez de cortar um bolsinho na frente, eu cortei atrás. E pensei: agora o que é que eu vou fazer? Inventei um detalhezinho aqui ((mostra a região da calça)). No outro dia, entreguei a calça para ela, que experimentou e eu disse: 'olha, fiz um detalhezinho' e ela disse:</i></p> <p><i>- Que legal, que lindo, amei! E eu amei mais ainda ((muitos risos)).</i></p> <p><i>Uma vez eu fiz uma camisa toda de nervurinha tudo, tudo, tudo. Fiz para uma, tive que fazer para as duas. De vez em quando acontecia uma dessas, muito raro sabe, claro, mas de economia de tecido também. Às vezes, então não dava e eu conseguia, não sei nem como.</i></p> <p><i>E tem as revistas, eu comparava, aquilo era sagrado. Deus do céu se eu ficar sem a Manequim do mês, até porque era necessário, as pessoas tinham que ver o que estava na moda. A manequim era minha preferida, usei muito pouco a Burda, eu não gostava, era outra língua. Tinha uma outra, Moda Moldes mas eu não gostava, para mim era a Manequim que era boa. Hoje não, acho que ela não existe mais, mas até pouco tempo atrás, ela já vinha dessa finurinha e mais era propaganda. Mas na época, eu considerava ela, era muito boa. As pessoas chegavam e olhavam o modelo, aí eu ia pesquisar bem. Quase que todos tinham molde e claro que eu não era boba! Eu não mostrava os que não tinham. Aí eu dizia: 'essa aqui não é legal'. Eu tinha que dar a minha opinião né, e claro que eu ia dizer aquilo que eu gostava, mas não me lembro de alguém ter voltado e dizer: 'eu não gostei disso'.</i></p> <p><i>Gastava papel aos montes, o papel pardo. Porque assim, eu chegava comparar de rolo, e a mesa não era essa minha, eu tenho lá nos fundos a minha mesa grande para poder botar tudo, emendar o papel. Teve uma assim com uns godê, com uns bicos, com umas coisas, mas quando eu olhava aquelas criaturas na última prova, eu ficava deslumbrada, eu amava o que eu fazia. E às vezes não acreditava que tinha sido eu.</i></p> <p><i>Agora, há poucos dias, fui fazer um vestido para mim e aí às vezes eu sou meio louca. Peguei o tecido, era um tecido todo barrado e a princípio eu quis aproveitar aquela barra, daqui a pouco eu não gostei daquilo, achei muito feio, aí eu piquei 500 vezes, mas saí linda, divina, maravilhosa, para o aniversário da minha neta. Fiz um vestido de noiva, para minhas duas noras. Fiz poucos, mas fiz alguns vestidos de noiva. Uma vez eu fiz para uma lá de Triunfo. Não tinha distância. Ela veio e eu fiz, eu lembro que tinha umas pregas. Eu fiz cada vestido lindíssimo! As pessoas ficavam de me trazer foto e depois nunca mais. A gente não tirava! Agora tudo se fotografa.</i></p> <p><i>E eu sempre dizia para as mulheres que enquanto estiver na cintura está bom, pior é / a mesma coisa é usar aquelas calcinha biquíni. Eu nunca usei na minha vida, e aí tem muitas que tem marquinha e a gente conhece corpo Como eu te digo, eu ia nas revistas. Era lá que eu via, tirava os moldes. Nunca ninguém me disse 'tu tem que fazer assim'. Além da professora, ninguém nunca disse como fazer. E ela não</i></p>	<p>sistematizada nas revistas Renormalização</p> <p>Processo de trabalho</p> <p>Processo de trabalho Fazer, refazer Gostar, não gostar Errar, acertar</p> <p>Saberes Noção de corpo</p> <p>Moldes nas revistas</p> <p>Norma de qualidade externa: O cliente Uns mais exigentes, outros menos Estratégias de sobrevivência, para conciliar o excesso de trabalho</p> <p>Norma interna Gosto próprio que interfere no fazer E às vezes até nos desejos das clientes</p>
--	---

<p><i>ensinava por uma revista, ela ensinava o método dela e que era maravilhoso.</i></p> <p><i>Um trabalho bem feito, um trabalho bom, é aquele feito no capricho. É eu botar no teu corpo e ver que tu ficou linda, que está tudo certinho. Porque as pessoas cobram muito, muito da gente. A Nadir é uma assim que o mínimo detalhe ela enxerga, que muitas vezes eu tô enxergando, mas eu não falava nada, só que depois eu corrigia. Então tu tens que ter um capricho acima de tudo</i></p> <p><i>Eu aprendi muito, eu olhava alguma coisa e pensava mais não está legal. Porque a gente usa muito o gosto da gente, e nem sempre pode ser. O meu maior problema foi costurar para umas freiras, porque eu não gosto de vestido curto ((risos)) nada mostrando o joelho. O joelho eu acho uma peça muito feia. Tudo bem para botar uma bermudinha, mas um vestido de joelho de fora, não. A minha irmã usa vestidinho aqui ((mostra)), ela tem 64, é magrinha e eu digo para ela, eu fazia as roupas dela mais compridinhas e ela dizia: 'pode subir!' E as freiras, a mesma coisa. Eu me invocava com aquilo, era curto, tinha que fazer mais curto, era difícil. O maior problema que eu tinha era fazer bainha das clientes. E os desafios sempre tem. Elas pensam em mandar fazer, tem que ser do jeito que elas querem. E nas lojas elas vão lá comparar e vão trazer para mim desmanchar, porque é tudo mal feito. Deus que me perdoe, eu não suporto essas roupas prontas.</i></p>	
SABERES - Costureira Açucena	
<p>Trecho da entrevista</p> <p><i>Eu fazia tudo à minha moda e tudo! Eu via uma coisa numa loja, chegava em casa, cortava e fazia igualzinho. Tinha alguma coisa que eu gostava, eu fazia igualzinho.</i></p> <p><i>As clientes vinham com um modelo pronto, mas muitas coisas eu dizia: 'olha, isso aí não vai sentar para ti'. Eu dizia, claro, como é que eu ia fazer um vestido de uma pessoa magrinha para uma pessoa gorda? Não dá, não fica bem. Então eu falava. Eu tinha noção do que ficava bem e o que não ficava. Não sei, acho que isso é do dom da gente.</i></p> <p><i>Na primeira semana que eu fui, fui aprender a cortar os moldes, cortar papel.</i></p> <p><i>Cortar os moldes eu já sabia também.</i></p> <p><i>Depois de casar, eu trabalhei três anos na buri e agora é ponto frio. Eu trabalhei no balcão, trabalhei no escritório, trabalhei no crediário. Eu passei por tudo,...]</i></p> <p><i>Comecei a costurar, costurar. Tinha as prateleiras do lado da máquina, eu tinha que ver a data que era e botar para rua.</i></p> <p><i>Eu corto a roupa, agora eu não sei como é que eles cortam a roupa, mas eu faço o molde, todo ele no jornal e corto toda costura por molde. Não corto uma blusinha sem molde. Esse molde, eu faço na hora com as medidas da pessoa. Eu pego poucas medidas: comprimento, largura, ombro, degote, cava, busto, cintura, quadris, comprimento de tudo assim. Daí eu vou pro papel e desenho, uso régua também.</i></p>	<p>Comentário</p> <p><i>Saberes Práticos e da Experiência- Renormalizações Valores</i></p> <p><i>Trabalho que não é industrial</i></p> <p><i>Autonomia p dizer q o a roupa não fica bem.</i></p> <p><i>Saberes Investidos- Tudo ligado à atividade, para realiza-la. (valores, atitudes, técnicas.</i></p> <p><i>Mobilizados- produzidos pelo sujeito na atividade.</i></p>

<p><i>Eu cheguei em casa, a vó foi dormir e eu cortei, era sábado, cortei o vestido, alinhavei. Quando a vó acordou, eu estava com vestido pronto, alinhavado.</i></p> <p><i>A vó costurava para fora. Não sabia ler, nem escrever, ela aprendeu também, assim, por saber mesmo, por necessidade, para trabalhar para fora.</i></p> <p><i>Boa costureira! Isso eu sempre fui, boa costureira. Para ser uma boa costureira tem que gostar do que faz.</i></p> <p><i>Eu inventava as coisas. Tinha figurino, mas eu inventava as coisas. Eu fazia os modelos, inventava para loja. Eu costurei muito tempo para loja de tecidos de adulto. Eu fazia de tudo.</i></p> <p><i>Nunca ninguém me ensinou, não aprendi com ninguém. Eu bordo, eu faço tricô, faço crochê, ponto cruz eu faço com perfeição, ponto esses cheios tudo. Faço tudo que é tipo de bordado. Não aprendi com ninguém.</i></p> <p><i>E a minha vó aprendeu na marra! Ela não sabia ler nem escrever. Ela dava um nó num cordãozinho, ela pegava medida aqui assim ((mostra)), dava outro mais adiante, tirava o que dava, e chegava com um cordão cheio de nós. E ela sabia onde estava as medidas de tudo, sabia tudo. Ela era pior do que eu! Ela nunca desenhava o molde no papel, ela ia direto no tecido. E ficava direitinho. Roupa de homem, ela fazia com perfeição. Bombacha ela fazia com perfeição.</i></p> <p><i>Uma costura bem feita é um trabalho bem feito, bem arrematado, acho que é só.</i></p>	
--	--

SABORES/ARTÍFICE/ARTESANAL/BEM FEITO	
SABORES- Costureira Tulipa	
Trecho da entrevista	Comentário
<p><i>Não é por que a gente, ah oh, só porque/, não (explicando que não era apenas porque elas faziam que ela dissesse que era melhor), realmente éramos nós que fazíamos. As roupas, os bordados mais delicados era a gente fazia, aí depois quando não tinha bordados de roupa de criança, a gente bordava em ponto cruz, que era no linho, aqueles vestidos de linho tudo bordado e depois toalhas alusivas ao Natal, Páscoa, essas coisas assim, aquelas toalhas enormes, já pensou? Depois a gente olhava aberto e parecia um sonho aquilo, mas éramos nós que fazíamos.</i></p> <p><i>Quer dizer nós, eu nunca tirei diploma de costura especializada, isso não. A gente foi indo, a gente foi costurando, ela foi indicando, a gente foi fazendo, fomos costurando, costurando</i></p>	<p>Realização pessoal Satisfação A lentidão do tempo artesanal é fonte de satisfação; a prática se consolida, permitindo que o artesão se apossa da habilidade. A lentidão do tempo artesanal também permite o trabalho de reflexão e imaginação – o que não é facultado pela busca de resultados rápidos. Os artífices orgulham-se</p>

<p><i>Estou lhe chamando aqui porque a senhora, até agora já passou mais de 3 meses e a senhora não da produção né!</i> <i>E eu digo:</i> <i>- Ah, realmente eu não dou produção mesmo.</i> <i>Aí ele disse:</i> <i>- Mas a senhora dá coisa mais importante que é a qualidade.</i></p> <p><i>Eu nunca trabalhei para enriquecer, trabalhava e gostava e gosto, ainda gosto de me sentar na máquina para fazer coisas para mim e para as gurias, mas naquele tempo eu tinha muito prazer em trabalhar, fazia serviços assim que meu Deus do céu não tem explicação.</i></p>	<p>sobretudo das habilidades que evoluem.</p> <p>Mente e mãos Pensar e fazer</p> <p>As recompensas emocionais oferecidas pela habilidade artesanal na consecução desse tipo de perícia são de dois tipos: as pessoas de ligam à realidade tangível e podem orgulhar-se de seu trabalho.</p>
SABORES - Costureira Orquídea	
Trecho da entrevista	Comentário
<p><i>Nem precisa dizer que eu voltei a costurar, que iam começar a trazer roupa, de novo. Tá louco! Porque a costura manual é muito diferente. ((obs. do Vanderlei)). É alta costura, claro! A roupa feita na fábrica, cortam 3, 4 tudo igual, mete na máquina. Essa aqui não, é tudo feito em detalhe, tudo medidinho. Melissa! Eu cortava tudo pelo fio da roupa, tudo no fio da roupa. Não tinha nada enviado. Por isso que elas gostavam. [...]E o meu trabalho é todo manual. Eu cortava peça por peça, eram peças únicas</i></p> <p><i>.E eu nunca fiz um curso de corte e costura, em lugar nenhum! Sempre foi isso que eu aprendi na prática. Depois eu comparava aquelas revistas para tirar molde. Pegava aquelas revistas, tirava o molde da revista. Tinha o número, eu aprendi sozinha, era bem fácil, não era difícil! Vinham os moldes dentro, com os números 40, 42, 44, 46, vários números. Se eu precisava, eu mesma aumentava o número.</i></p> <p><i>E eu ficava olhando, com os olhos quero um pila. Aprendendo, imitando</i></p> <p><i>E quando elas inventavam alguma coisa, eu mesma tinha que fazer, ficava pensando para fazer, tinha que inventar outro molde, acrescentar o que elas pediam. Mas depois que tu aprende a fazer certas coisas / e o meu trabalho era bom! Eu nunca consegui fazer nada, assim de qualquer jeito. O meu mal mesmo, eu não consegui ganhar muito dinheiro é porque eu não conseguia fazer as coisas, por exemplo, passar por cima de muita coisa. Tinha que ser no mínimo, nos mínimos detalhes. Eu não conseguia fazer nada a torto e à direita e até hoje. Sou muito detalhista, eu sou muito chata. Coitado dos pedreiros, passam um trabalhão comigo, eu só digo assim:</i> <i>- Está torto! ((risos))</i> <i>O trabalho bem feito, na costura, é aquele bem feitinho. A gente conhece o trabalho bem feito: as coisas bem retinhas, bem acabado. Uma vez em uma cliente, ela inventou de fazer uma roupa em outra costureira e daí ela disse assim:</i> <i>- A mulher fez a roupa tão mal feita, que eu tinha vergonha de botar a roupa secar na cerca do lado avesso. Mãe! Tem que estender do lado direito, que eu tenho vergonha de botar do lado avesso.</i> <i>E a mãe dela disse assim:</i> <i>- Pois é! Tu acha caro as costuras da Beatriz, e agora tu vai dar</i></p>	<p>Artífice Saberes Boa Profissional Teria clientes se voltasse a costurar Trabalho bem feito</p> <p>Um processo essencial a todas as habilidades artesanais, a conversão da informação e das práticas em conhecimento tácito'</p>

<p>valor. Porque as costuras da Beatriz, tanto faz se é do lado direito ou avesso. Não se enxerga um fiapinho.</p> <p><i>E o meu trabalho é todo manual. Eu cortava peça por peça, eram peças únicas. Vestido de prenda, até bombacha eu fazia. Deus o livre! Aquilo lá, levava mais de um dia para fazer aquele negócio. Eu acabava fazendo aquilo de noite. Fazia conjuntos, casacos, calças, vestidos. Até vestido de noiva eu cansei de fazer! Fazia todo ele, completo. Bordava com renda, com pedrinhas. Vestido de noiva levava para mais de semana para fazer. Tinha que ficar fazendo só aquilo. Elas queriam um modelo exclusivo, que elas inventavam da cabeça delas. O vestido era básico, mas aí elas inventavam os modelos. Traziam os tecidos, os tafetás e as rendas, e eu tinha que cortar aquilo. Elas diziam o jeito que elas queriam, e eu tinha que recortar a renda, colocar aquelas pedrinhas, tudo à mão nas rendas. Sacos e sacos de pedrinhas. Ficava bonito! Eu não sei como é que eu conseguia fazer tudo aquilo! Deus o livre!</i></p> <p><i>Eu gostava de costurar, não vou negar, se eu não gostasse, eu não ia ficar tanto tempo costurando. E depois, quando eu terminava aquelas roupas, eu ficava olhando. Era bonito mesmo! Fazia vestido de festa também. Os vestidos de prenda ficavam bonitos, os de noiva, os de 15 anos. Fazia muito vestido de prenda, elas pediam o modelo que elas queriam, diziam como queriam, com tantos babados, tantos paninhos, babado que fizesse assim ou assado. Muita coisa eu desenhava no caderno e fazia. Elas comparavam as fitas, as rendas. E os vestidos de prenda eram verdadeiros vestidos de festa. Era um monte de tecido, bem rodado. E a trabalhadeira daquilo na época! Se um vestido comum custasse, vamos supor, na época, dois cruzeiros, o vestido de prenda era dez. E demorava muito, era muito babado, muito babadinho e passa fita. Era horrível! (OBSERVAÇÃO: Esquece em que condições ocorre o trabalho do artífice)</i></p> <p><i>Olha uma arte que eu fiz uma vez: a tia costurava e cortava aqueles bordados, tudo em roda, um tal de caseadinho. E eu queria ver elas cortarem o tal de caseado! Elas entraram para dentro do quarto, fecharam a porta para mim não ir. Tinham medo que eu estragasse o bordado delas. Não deixaram. Se fecharam dentro do quarto para cortar o bordado tudo em roda. Aí o que, que eu fiz? Eu tinha curiosidade para ver aquilo. Então eu peguei uma tesoura e fui para baixo da cama da minha tia, e peguei a colcha dela, dobrei e ia cortando, fazendo voltinha ((muitos risos)), imitando, porque eu queria fazer o negócio e elas não deixaram eu ver. De noite quando ela foi dormir, foi tirar a colcha da cama e deu um grito:</i></p> <p><i>- Meu Deus! O que é isso na minha colcha? Minha colcha toda cortada?</i></p> <p><i>Elas eram tudo muito caprichosas e aquilo tudo bordado. Ainda bem que era na beirada. E eu bem quietinha na cama e ela foi falar para minha mãe:</i></p> <p><i>- Apareceu uma arte na minha colcha e eu acho que foi a Orquídea! ((Muitas gargalhadas))</i></p>	
SABORES - Costureira Rosa	
Trecho da entrevista	Comentário
<p><i>Na verdade, eu virei costureira na marra bordadeira na marra aí eu fazia do mais simples ao mais sofisticado e não tinha técnica entendi eu ia prendendo eu ia lendo eu ia vendo isso é muito meu</i></p>	<p>Aprendizado Desenvolvimento da técnica Trajetória</p>

<p><i>eu fui para costura porque eu sempre gostei das meninas amiguinhas eu sempre costureira eu aprendi na marra e depois eu tive técnica, mas eu perdi tudo porque eu tinha que ir lá no caderno que era maravilhosa</i></p> <p><i>Assim que chegava o fim de novembro, eu não tinha mais vaga para dezembro. E eu gostava de fazer!</i></p> <p><i>Fazia uma calça perfeita, porque calça é uma das peças mais difíceis de fazer por causa do gancho, essa parte aqui ((mostra)). Uns dizem cavalo, para mim é uma das peças mais difíceis, mas ela era perfeita com a técnica que eu aprendi</i></p> <p><i>Teve um dia que uma delas me trouxe uma calça de veludo para fazer e quando eu vou cortar o bolso, em vez de cortar um bolsinho na frente, eu cortei atrás. E pensei: agora o que é que eu vou fazer? Inventei um detalhezinho aqui ((mostra a região da calça)). No outro dia, entreguei a calça para ela, que experimentou e eu disse: 'olha, fiz um detalhezinho' e ela disse: - Que legal, que lindo, amei!</i></p> <p><i>Quando eu olhava aquelas criaturas na última prova, eu ficava deslumbrada, eu amava o que eu fazia. E às vezes não acreditava que tinha sido eu.</i></p> <p><i>Eu queria era só fazer aquilo ali, deixar os outros bonitos. Eu me realizava muito nisso, muito de ver aquele trabalho pronto. De ver as pessoas virem com outros tecidos e me dizerem assim: 'amei, eu estava linda, todo mundo me perguntava quem é que fez'. Então a minha maior realização era aquilo ali!</i></p> <p><i>Aquele que eu criava, aquele que eu bordada, aquele que as mãozinhas já não aguentavam mais no fim,...Mesmo que fosse muito mais trabalhoso, nossa, ver a roupa pronta...Dá mais prazer, é muito maravilhoso, Jesus! ((risos)) É muito lindo, com certeza é melhor.</i></p> <p><i>Aí eu olhava, botava aquele tecido em cima da mesa e pensava, agora como é que vai ser? Porque claro né, eu era mais na marra. Mas não, saía lindo. Eu ficava pensando como fazer, e no fim o que mais funcionava era minha criatividade e aí eu acabava fazendo.</i></p> <p><i>Não! Não tinha vontade nenhuma de me arrumar! Eu queria era só fazer aquilo ali, deixar os outros bonitos. Eu me realizava muito nisso, muito de ver aquele trabalho pronto. De ver as pessoas virem com outros tecidos e me dizerem assim: 'amei, eu estava linda, todo mundo me perguntavam quem é que fez'. Então a minha maior realização era aquilo ali! Claro que eu era obrigada a fazer as outras coisas.</i></p> <p><i>Eu fui a Porto Alegre e comprei umas rendas, emendei tudo e eu encortinei toda a minha casinha com aqueles pedaços, com as sobras da altura das dela. Então eu criava coisas, de uma porcaria eu fazia uma coisa linda, eu gostava e era bonito mesmo, era tudo bem direitinho. Na época tinha a center telas, aqueles rodízios, que hoje não é mais. Eu prefiro, puxava e estava fechadinha. Era só pregar no tecido, era fácil, pregava tudo à mão. Semana passada uma moça me pediu para fazer uma toalha para igreja, botar uma renda, uma toalha da igreja Nossa Senhora das</i></p>	<p>Gosto pelo trabalho.</p> <p>Perfeição</p> <p>Criatividade</p> <p>Gosto pelo trabalho bem feito, pelo belo</p> <p>Realização Satisfação</p> <p>Prazer na criação Na intervenção</p> <p>Criatividade Testar, fazer e refazer</p> <p>Desejo de ver o outro bonito, através do seu trabalho</p> <p>"De uma porcaria eu fazia uma coisa linda, eu gostava e era bonito mesmo"</p> <p>Desejo de ser melhor, de fazer melhor</p> <p>Beleza da feitura</p> <p>Detalhista Lentidão</p>
---	--

<p><i>Graças, para festa da páscoa. Eu fiz com todo amor e carinho, passando, por que tudo tem que ser bem passadinho. Eu não faço uma costurinha aqui e deu. Tudo era no ferro bem passadinho.</i></p> <p><i>Sou uma boa costureira. É o que me dizem, é o que sempre me disseram. Não era! Eu até queria ser melhor. A gente sempre quer ser melhor. Tu não quer ser melhor no teu trabalho? Eu queria ser melhor, claro que eu queria! Nossa, a gente sempre quer ser o melhor.</i></p> <p><i>Fiz uma colcha de crochê, levei três anos. Ficou linda, linda, linda!</i></p> <p><i>Tenho um lado lento, porque vou no mínimo detalhe. Sempre fui muito detalhista</i></p> <p><i>Para ser uma boa costureira precisa muito amor no que faz e muito capricho. Capricho é fundamental.</i></p>	
SABORES - Costureira Açucena	
Trecho da entrevista	Comentário
<p><i>Isso eu sempre fui, boa costureira. Para ser uma boa costureira tem que gostar do que faz. Eu gostava do que eu fazia, eu gostava de ver as pessoas vestidas com aqueles vestidos, eu gostava de ver.</i></p> <p><i>Eu gostava de ver o vestido que eu fiz, na vitrine. Tem que gostar daquilo que faz. E as pessoas diziam que estava bom, estava bonito. Eu inventava as coisas. Tinha figurino, mas eu inventava as coisas. Eu fazia os modelos, inventava para a loja.</i></p> <p><i>Tudo que eu vou fazer, eu penso antes. Não acho que meu trabalho é difícil, mas também não acho qualquer pessoa faz. Precisa gostar. Cada pessoa tem seu gosto. Eu sempre aprendi sozinha.</i></p>	<p>Boa costureira</p> <p>Gosto pelo que faz e pelo resultado do trabalho</p> <p>Pensar e fazer Tem que gostar</p>